

A PARTIR DE HOJE

Funções de membros do C.R. só cessam por morte

As funções dos membros do Conselho da Revolução, só cessam por morte, a renúncia ou impedimento permanente verificado pelo próprio Conselho, dispõe um decreto do CR hoje publicado em suplemento do «Diário da República».

Nos termos do decreto, em caso de vaga, esta será preenchida no prazo máximo de vinte dias, mediante designação do correspondente ramo das Forças Armadas, representado para o efeito pelo respectivo chefe de Estado-Maior, que deverá previamente consultar os membros do Conselho da Revolução do seu ramo e os comandos e órgãos superiores do Conselho do ramo.

Outro decreto do Conselho da Revolução, hoje publicado no «Diário da República» define o modo de designação do chefe e vice-chefe de Estado-Maior-Geral das Forças Armadas, chefes de Estado-Maior dos três ramos e governador Militar de Lisboa.

Nos termos do decreto, o chefe de Estado-Maior-Geral das Forças Armadas é nomeado pelo Presidente da República, ouvido o Conselho da Revolução.

O vice-chefe de Estado-Maior-Geral das Forças Armadas e os chefes de Estado-Maior dos três ramos são designados pelos Presidentes da República, sob proposta do chefe do Estado-Maior-Geral e ouvido o Conselho da Revolução.

Quando ao cargo de governador Militar de Lisboa, será desempenhado por um elemento do Conselho da Revolução, nomeado pelo CR sob proposta do chefe de Estado-Maior do Exército.

Nova quebra nas perspectivas de investimento na indústria

As perspectivas de investimento na indústria transformadora relativa aos projectos industriais autorizados durante o 2.º trimestre de 1976, registaram uma nova quebra, cifrando-se em 901.025 milhares de escudos, contra 1.038.219 milhares de escudos no 1.º trimestre do ano em curso.

Esta redução das perspectivas de investimento na indústria transformadora é ainda mais acentuada quando se compara esse valor com as perspectivas de investimento relativas ao 1.º trimestre de 1975, que atingiam o montante de 1.277.527 milhares de escudos.

Em contrapartida, as perspectivas de novos postos de trabalho melhoraram, pois enquanto no 1.º trimestre de 1976 os postos de trabalho a criar eram 3.829, no 2.º trimestre de 1976 os elementos fornecidos pela Direcção-Geral dos Serviços Industriais indicam 4.081 novos postos de trabalho em perspectiva. Trata-se, porém, de um número ainda inferior ao do 1.º trimestre de 1975, que foi de 4.770 postos de trabalho em perspectiva.

Vitória de Ford em Kansas City

Pág. 13

20 PAGINAS

REDE BOMBISTA QUASE DESMANTELADA

CAXIAS AGUARDA PERSONALIDADES

- Descoberto um saco com documentos importantes
- Tráfico de armas e explosivos na fronteira

Após a prisão do empreiteiro de Ponte de Lima, que fornecia explosivos, e de um outro indivíduo ainda não identificado, de Famalicão, suspeitos de colocar bombas, eleva-se para 14 o número dos detidos pertencentes à rede bombista que, tudo indica, está em vias de desmantelamento. Admite-se ainda que se as investigações forem levadas «até às últimas consequências», algumas personalidades poderão chegar a Caxias.

Enquanto se espera por novas revelações de implicados no terrorismo bombista, círculos próximos da P. J. M. apontam alguns dos elementos já detidos como bastante responsáveis ao nível das ordens de execução. Trata-se, segundo apuramos, do ex-presidente da Câmara de Murça, Joaquim Torres, de

Gonçalo Gonçalves Martins, funcionário do Tribunal de Trabalho do Porto e do major Mota Freitas. A este nível o agente da PJ do Porto, Júlio Regadas, também preso é tido como figura importante apesar de constar como participante directo em alguns atentados: caso da série que na noite de 29 de Janeiro atingiu vários

sindicatos de Braga, tendo sido utilizados 50 quilos de trotil, e do rebentamento na residência paroquial de A Ver-o-Mar entre outros.

As graves acusações que recaem sobre o major Mota Freitas, cunhado de Joaquim Torres, fazem, entretanto, bailar nos meios político-militares a ideia de que novas surpresas não chamados foro do «escândalo público» poderão surgir proximamente. «O comandante da PSP do Porto devia estar apoiado» — referiram-nos a propósito. É exactamente com medo da repercussão de tais «escândalos» que a direita,

quer militar quer civil, tenta travar o rumo das investigações que, segundo os responsáveis, serão levadas até às últimas consequências.

Largos sectores da opinião pública vão-se entretanto apercebendo do logro em que caíram quando cometiam à esquerda a responsabilidade dos atentados. A ambiguidade e mentira em que durante muito tempo foi alienada a população, à custa de inconfessáveis interesses, começam a cair e é isso que mais atemoriza a direita.

Entretanto foi descoberto no

Continua na pag. 20

COSTA BRÁS NA POSSE DO COMANDANTE-GERAL DA P.S.P.

"Defesa intransigente das liberdades democráticas"

«A Polícia tem por função defender a legalidade democrática e os direitos dos cidadãos. As medidas de polícia são as previstas na lei, não devendo ser utilizadas para além do estritamente necessário. A prevenção dos crimes, incluindo a dos crimes contra a segurança do Estado, só pode fazer-se com observância das regras gerais sobre polícia e com respeito pelos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos.»

Foi com a citação deste artigo — o 272.º — da Constituição que o ministro da Administração Interna, Costa Brás, encerrou o seu discurso no acto de posse, esta manhã, do novo comandante-geral da P.S.P., general Neves Cardoso.

As cerimónias de posse, que decorreram no Comando-Geral da corporação, iniciaram-se pouco depois das 10 horas, com a chegada do ministro Costa Brás acompanhado pelo subsecretário de Estado da Administração Interna. Presentes ainda, além do empossado e do comandante cessante, coronel Fernando Caldeira, os generais Passos Esmoriz e Oliveira Rodrigues, os majores Anjos Martins e Aranha e alguns comandantes distritais da P.S.P.

A posse foi conferida na sala

da biblioteca do Comando-Geral, para onde o ministro se dirigiu após ter sido saudado pela guarda de honra formada na parada.

«Vivemos ambos, V. Ex.ª e eu, até há cerca de ano e meio, lado a lado, exactamente nas mesmas funções que ocupamos de novo, situações ou momentos delicados que não desejamos ver repetidos — não pe-

la dificuldade mas pela sua natureza», disse, a certo passo, o ministro Costa Brás dirigindo-se ao empossado. E prosseguiu:

«Entende V. Ex.ª seguramente tão bem como eu:

— Que a lei tem de ser respeitada.

— Que as liberdades democráticas têm de ser intransi-

Continua na pag. 20



Costa Brás e Neves Cardoso: «A Polícia tem de agir exclusivamente em subordinação à lei»

CIMEIRA DOS NÃO-ALINHADOS

COLOMBO, 19 — (I. P. S.) — Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique rompeu, na madrugada de ontem uma tática regra do jogo da cúpula dos Não-Alinhados ao atacar e nomear a Indonésia por estar na raiz do problema de Timor Oriental. A Indonésia é membro de pleno direito do movimento dos não-alinhados.

«Violando disposições da ONU e do direito dos povos à independência e liberdade, a Indonésia atacou militarmente e anexou Timor Oriental», assinalou Samora Machel na sessão nocturna da Cimeira dos Não-Alinhados, que está a decorrer em Colombo, capital do Sri Lanka.

«Pode existir a sensação — acrescentou — de que há que evitar estes problemas delicados, no seio do Movimento Não-Alinhado. Porém é necessário defender os princípios fundamentais do nosso Movimento e Moçambique, que conquistou a sua independência através da luta do seu povo, exorta a Indonésia a retirar as suas tropas de Timor Oriental e a estabelecer relações amistosas com Timor. Por

Continua na pag. 20

Pág. 7

FIAT

IBA, LDA.

Black & Decker

TOTOBOLA

pitralon 2000

EUROPEIA
VIAGENS • TURISMO

EURO
cerveja

com o "D.L." na "VOLTA" (Págs. 16 e 17)

Nacional

Política de A a Z

P.R.P. critica governo P.S.

ERA UMA VEZ O M.F.A.

A nomeação de Vasco Lourenço, «Capitão de Abril», para o cargo de governador militar de Lisboa, nas próprias palavras do general Vasco Rocha Vieira, chefe do Estado-Maior do Exército: «insere-se num conjunto de medidas recentemente tomadas pelo Conselho da Revolução, visando a estabilização do quadro institucional». Considerando que, no período anterior do «processo revolucionário» se justificava e «por razões que são do conhecimento geral, várias personalidades detiveram funções políticas e militares», o general Rocha Vieira defendeu as decisões ultimamente tomadas e que visam dar força à leitura civilista da Constituição. O Conselho da Revolução remete-se, segundo preceitua o texto constitucional, à sua função de «órgão de conselho» e de «órgão legislativo» para os assuntos militares, a hierarquia militar recupera o seu predomínio, e, naturalmente, certas «posições» e certas «gradações» são contestadas e nem sempre discretamente. A institucionalização político-militar é um dobre de finados sobre um «M.F.A.» que, a partir da Assembleia de Tancos perdeu a sua dinâmica interna e não foi capaz de regulamentar a sua expressão democrática conciliando o rigor político com a disciplina, a democraticidade com a operacionalidade.

Paradoxalmente, a subida ao poder de homens que se reclamam do espírito do «25 de Abril» e que consideram — vejam-se as declarações recentes de Vasco Lourenço e de Costa Brás — que o «M. F. A.» não morreu, coincide com a absorção do «M.F.A.» pelas estruturas normais da hierarquia e da burocracia das Forças Armadas. E a própria nomeação do major Melo Antunes para a presidência da Comissão Constitucional — sem esquecermos que permanece no Conselho da Revolução e que é em delegação deste que exercerá esse cargo — marca uma atenuação político-burocrática de um válido impulsor de um «M.F.A.» antifascista.

A subordinação da «área militar» à «área civil» — e o Primeiro-Ministro nas suas declarações à rádio francesa, a ela se referiu convictamente — normalmente decorrerá da própria institucionalização da vida democrática. Mas a actual fase do «processo revolucionário português», se passa, inevitavelmente, pela «Constitucionalização», pela adequação aos termos do articulada da Constituição da República da prática política e administrativa, passa, igualmente, por um reforço das estruturas político-militares que proporcionem a vigilância revolucionária e a defesa das conquistas políticas, económicas e militares do «25 de Abril». Não é sem apreensão que se assiste a uma «desmobilização revolucionária»; nem é sem desgosto que se assiste à «marginalização de revolucionários»; nem é sem tristeza que se assiste à justificação que um Vasco Lourenço se considera na obrigação de fazer da sua graduação e da sua nomeação. Onde estamos? Para onde vamos?

UM POSTO NA PRIMEIRA LINHA

A importância político-militar do lugar de governador militar de Lisboa foi justamente invocada para explicar que, ao contrário do que sucedeu com os «soldados do M.F.A.» Charais e Pazarat, para Vasco Lourenço se tivesse admitido uma excepção. Disse o general Rocha Vieira: «Reúne, portanto, V. Ex.^a características indicadas para assumir as responsabilidades atribuídas ao governador militar de Lisboa, em que, para além do comando da região, assegurará, no plano militar, que não haverá condições impeditivas do regular funcionamento dos órgãos de soberania resultantes da livre expressão da vontade popular». Este «pesado encargo» que o Exército confiou a Vasco Lourenço vem ainda conotado com a aceitação nítida da superioridade do poder civil. Mas, pese à cuidadosa linguagem do C.E.M.E., Vasco Lourenço viu a sua presença confirmada num posto de primeira linha. Confirmada e contestada a nomeação do «Capitão de Abril» Vasco Lourenço vem mostrar que os problemas político-militares estão ainda muito vivos e que, na hesitação entre a «verdade» e a «esponja», a sucessão dos acontecimentos deu origem a cicatrizes que não estão saradas. Neste posto de primeira linha que a hierarquia militar lhe confiou, o general Vasco Lourenço tem uma missão a cumprir: comportar-se como um «Capitão de Abril». O espírito do «25 de Abril» terá que ser preservado como garantia de continuidade da acção revolucionária e como garantia de defesa da aplicação da Constituição da República.

UMA NOVA ESTRELA

Da sua nova estrela, da sua promoção de brigadeiro a general, tem o capitão Vasco Lourenço a consciência de que ela o pode isolar e converter em alvo de maledicência e de críticas. Mas Vasco Lourenço sabe que tinha o dever de aceitar este posto na primeira linha sem prejuízo da continuidade da sua presença no Conselho da Revolução. O homem que martelando amargamente as palavras se referiu ao que dele diriam os presentes e os ausentes, não quis, também, deixar de esclarecer: «...resolvi aceitar por duas razões principais: de primeiro, porque, analisando-me, me encontrei perfeitamente igual a mim próprio — hoje o mesmo que era ontem. Segundo, porque analisando o clima de relações em que até hoje vivi com os meus comandantes de unidade e de mais camarada fiquei profundamente convicto que continuarei a ver em mim o mesmo homem e de que eu continuarei a falar-lhes sem ter de baixar os olhos porque eles me darão a honra de não baixarem os seus.» Mas a camaradagem não basta. Nem as ausências que a pretenderam ferir, por seu lado, serão bastantes. O problema é político. O problema reside em sabermos se para além do formal respeito da Constituição, os homens que têm as armas estão dispostos a seguir Vasco Lourenço quando ele fala de «atingir uma verdadeira sociedade socialista, uma verdadeira democracia política».

«O programa do P. S. e o seu Governo visam a recuperação capitalista, aumentam a dependência em relação ao imperialismo e favorecem o avanço do fascismo» — diz o P. R. P., Partido Revolucionário do Proletariado, num extenso documento-análise sobre a situação política actual e as suas perspectivas. O P. R. P. caracteriza a situação actual falando de «uma aceleração da marcha na aplicação do plano da direita», e afirma que o actual Governo P. S. lhe abre o caminho. «Não, sendo viável o Governo P. S., engotando-se a curto prazo as suas possibilidades de governação — diz o P. R. P. no seu texto —, é, contudo, um instrumento de que a burguesia necessita e utiliza neste momento de transição, até criar as condições ao estabelecimento de um Poder capitalista-fascista, que seja capaz de governar efectivamente.» Para o P. R. P., «o P. S. terá de ser visto e combatido, não como inimigo principal dos trabalhadores, pois este é a extrema-direita e o imperialismo, mas como um Governo que abre caminho ao regresso ao fascismo; a oposição de classe a este Governo será aquela que se forjará nas lutas concretas diárias perspectiva das constantes persistentes construção da alternativa revolucionária para a crise.»

CRÍTICAS À U.D.P.-P.C.P. (R)

Noutro passo da sua análise, o P. R. P. aborda o movimento de unidade popular a partir da recente candidatura do major Otelo e dos resultados obtidos, para, de seguida, criticar a U. D. P. e o P. C. P. (R) pela sua actuação.

Os resultados da campanha eleitoral de Otelo — diz o P. R. P. — «foi uma grande vitória obtida pelas forças revolucionárias e pelo movimento popular, mas corre graves riscos de se transformar numa derrota, se não for possível superar divergências existentes e que não voltaram ao de cima.

«Apesar do saldo largamente positivo que foram e são os GDUP's e o Movimento de Unidade Popular gerados neste processo, a verdade é que se

verificaram graves atentados no seu seio à democracia proletária e à unidade popular» — revela o texto. Surgem, na sequência, as críticas à U. D. P. e ao P. C. P. (R).

«Constata-se, na maior parte dos casos, que foram militantes da U. D. P. e do P. C. P. (R) que neste movimento tiveram posições manipuladoras, controleiras e sectárias, levando ao afastamento de muitos camaradas das bases do P. S. e do P. C., e sem partido — diz o P. R. P. — Na mesma linha, e assumindo expressão pública, um editorial do órgão central do P. C. P. (R) referia este partido como vanguarda política dos GDUP's; uma declaração de teor semelhante foi feita numa conferência de imprensa por um dirigente deste mesmo partido e posteriormente o deputado da U. D. P. deu cobertura a esta posição do P. C. P. (R) na Assembleia da República. Na sequência disto, estas duas organizações foram criticadas publicamente por essas atitudes assumidas, e os seus dirigentes que tanto falam de necessidade de crítica e autocritica não foram capazes (serão capazes?) de aceitar a crítica justa que lhes foi feita pela Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular. Mais, além das baixas manobras contra a C. N. P. U. P., afirmaram posteriormente em conferência de imprensa que a posição da C. N. P. U. P. era incorrecta e fazia o jogo da direita e do P. C. Isto prova que não estão dispostos a aceitar críticas, que irão persistir no erro, que nada garante que cumpram os acordos estabelecidos para desenvolvimento do

CRÍTICAS À U.D.P.-P.C.P. (R)

Noutro passo da sua análise, o P. R. P. aborda o movimento de unidade popular a partir da recente candidatura do major Otelo e dos resultados obtidos, para, de seguida, criticar a U. D. P. e o P. C. P. (R) pela sua actuação.

Os resultados da campanha eleitoral de Otelo — diz o P. R. P. — «foi uma grande vitória obtida pelas forças revolucionárias e pelo movimento popular, mas corre graves riscos de se transformar numa derrota, se não for possível superar divergências existentes e que não voltaram ao de cima.

«Apesar do saldo largamente positivo que foram e são os GDUP's e o Movimento de Unidade Popular gerados neste processo, a verdade é que se

verificaram graves atentados no seu seio à democracia proletária e à unidade popular» — revela o texto. Surgem, na sequência, as críticas à U. D. P. e ao P. C. P. (R).

«Constata-se, na maior parte dos casos, que foram militantes da U. D. P. e do P. C. P. (R) que neste movimento tiveram posições manipuladoras, controleiras e sectárias, levando ao afastamento de muitos camaradas das bases do P. S. e do P. C., e sem partido — diz o P. R. P. — Na mesma linha, e assumindo expressão pública, um editorial do órgão central do P. C. P. (R) referia este partido como vanguarda política dos GDUP's; uma declaração de teor semelhante foi feita numa conferência de imprensa por um dirigente deste mesmo partido e posteriormente o deputado da U. D. P. deu cobertura a esta posição do P. C. P. (R) na Assembleia da República. Na sequência disto, estas duas organizações foram criticadas publicamente por essas atitudes assumidas, e os seus dirigentes que tanto falam de necessidade de crítica e autocritica não foram capazes (serão capazes?) de aceitar a crítica justa que lhes foi feita pela Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular. Mais, além das baixas manobras contra a C. N. P. U. P., afirmaram posteriormente em conferência de imprensa que a posição da C. N. P. U. P. era incorrecta e fazia o jogo da direita e do P. C. Isto prova que não estão dispostos a aceitar críticas, que irão persistir no erro, que nada garante que cumpram os acordos estabelecidos para desenvolvimento do

movimento unitário. E tal é a obsessão de ser direcção política do movimento que uma oposição semelhante à veiculada pelo citado editorial voltou a vir expressa no mesmo órgão central, apesar das críticas já verificadas.»

Segundo o P. R. P., «para a U. D. P. e para o P. C. P. (R), que têm uma concepção do papel do partido idêntica à do P. C. P., concepção que coloca o partido acima de tudo, que vê os sindicatos e as organizações dos trabalhadores como correias de transmissão do partido, que não distinguem o partido da organização autónoma dos trabalhadores, nós sabemos que é bastante difícil compreender as justas críticas e corrigir os erros apontados. Mas a Revolução não se compadece com estas incompreensões ou com o deixar andar das coisas: se o controleirismo, o sectarismo, e o golpismo não forem decisivamente afastados do movimento, este estreitar-se-á, ficará reduzido a alguns elementos partidários e seus amigos, a direcção representar-se-á cada vez mais a ela mesma, a semelhança do que aconteceu num passado ainda recente com alguns chamados secretariados de órgãos de vontade popular, que mais não eram do que um instrumento partidário e representavam grande parte das vezes comissões fantoches. O combate a estas posições — afirma o P. R. P. — tem de ser levado a cabo com firmeza, condição indispensável para que o movimento se dote de uma direcção política revolucionária e para que o inimigo de classe seja derrotado.»

UM ACONTECIMENTO — UM LIVRO:

A Liga de Paris e a Ditadura Militar

Os últimos cinquenta anos da história deste país, são particularmente ricos em acontecimentos que marcaram profundamente a vida do nosso povo. Um deles, foi o 28 de Maio, que mergulharia toda uma geração na escuridão e no sofrimento. Outro, foi a magnífica resistência de todos os que, por quatro mundos repartidos, se aplicaram com pertinácia em combater os ditadores e os interesses que serviam: os do capital monopolista.

Dentro de alguns meses terão decorrido cinquenta anos sobre a data da fundação (1927) da Liga de Paris, que congregava várias personalidades obrigadas a fugir do país em virtude do fracasso da tentativa de derrubar militarmente a ditadura efectuada em 3 de Fevereiro de 1927, bem assim como aqueles que já tinham abandonado Portugal por ocasião do 28 de Maio. Entre essas personalidades encontramos políticos eminentes como Afonso Costa, e nomes insignes da cultura portuguesa, como Jaime Cortesão e António Sérgio.

A Liga de Defesa da República, mais conhecida por Liga de Paris, nasceu na Galiza, entre exilados que aí se encontravam, logo após o fracasso da revolta de 3 de Fevereiro de 1927.

A acção da Liga de Paris desenvolveu-se em dois planos:

no plano interno, congregar as forças políticas, no sentido de levar a efeito um golpe militar que derrubasse a ditadura, e, no plano externo, impedir que fosse concedido ao Governo da ditadura, considerado ilegal, o empréstimo de que desesperadamente aquele precisava para equilibrar as finanças do país. A Liga falhou no primeiro dos seus propósitos, mas teve êxito no segundo: o Governo da ditadura não conseguiu o tal empréstimo externo de que tanto precisava.

O livro «A Liga de Paris e a Ditadura Militar», volume coordenado por A. H. de Oliveira Marques e editado pelas Publicações Europa-América, constitui um documento indispensável para a história deste país, que é o nosso, nos últimos cinquenta anos, e a que globalmente está ainda por escrever. O presente volume da obra editada pela casa de Francisco Lyon de Castro reúne, além de vária documentação desconhecida, as actas das reuniões da junta directiva da Liga.

COMITÉ LOCAL DO P.C.P. EM RIBA DE AVE:

«A reacção serve-se do esquerdismo»

«Os «perigos do esquerdismo» e os «prejuízos causados à revolução portuguesa» são focados num comunicado do Comité Local de Riba de Ave do Partido Comunista Português que ataca «o dito P. C. P. (R.) / U. D. P.», o qual, pela «linguagem que usa, pelos métodos que utiliza, pela característica de ter como alvo preferencial dos seus ataques o P. C. P.» não se distancia «um milímetro dos outros P. C. (mls) já abortados».

Denunciando a própria sigla daquela organização como inserindo-se numa «velha tática» que consiste em «mudar o nome à «coisa» quando a «coisa» com o nome anterior se encontra «queimada» aos olhos dos trabalhadores», o comunicado prossegue: «Este P. C. P. (R.) / U. D. P. não terá sorte diferente dos outros «P. C.'s» (qualquer coisa). Quando for bem claro aos olhos de todos que este P. C. P. (R.) / U. D. P. é o anterior «P. C.» (não sei

quê), para sua má sorte os esquerdistas terão que inventar outro nome para o seu partido. (...) Só que até lá, e para mal da revolução portuguesa, podem iludir ainda muitos trabalhadores honestos e revolucionários.»

Identificando o esquerdismo como «expressão dos interesses económicos e sociais de estratos da pequena burguesia radicalizada pela opressão a que os grandes monopólios e latifundiários os condenou», o comunicado do Comité Local de Riba de Ave destaca a incapacidade do esquerdismo em se «mostrar» consequente, organizado, disciplinado e firme, pelo que «a reacção o utiliza inúmeras vezes como ponta de lança para atacar a vanguarda organizada, disciplinada e revolucionária da classe operária e de todos os trabalhadores — o P. C. P. — e para dividir, desorganizar e enfraquecer o movimento operário e popular».

O brigadeiro Azeredo despediu-se da Madeira

FUNCHAL, 19 — O brigadeiro Carlos Azeredo, presidente da Junta Governativa e governador militar da Madeira, despediu-se ontem da sua equipa militar no arquipélago. A cerimónia, que se realizou no Batalhão de Infantaria do Funchal, assinalou o termo de um mandato que durou cerca de dois anos. A despedirem-se do governador militar cessante, entre outras autoridades locais, os comandantes das unidades madeirenses e o substituto de Azeredo, o brigadeiro Duarte Silva.

Na circunstância, Carlos Azeredo usou da palavra para falar das suas convicções político-militares.

ALTINO DE MAGALHÃES EM LISBOA

O general Altino de Magalhães, presidente da Junta Regional e governador militar dos Açores, é recebido hoje pelas 18 horas no Palácio de Belém pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes.

Altino de Magalhães encontra-se há dois dias em Lisboa, tendo vindo dos Açores para encontrar-se e trocar impressões com o futuro ministro da República naquele arquipélago, general Galvão de Figueiredo.

post-scriptum

LEITORES QUE PROTESTAM

Recebemos correspondência de leitores, nem sempre devidamente identificados, que protestam em sentido contrário. É esse o caso de Baltazar dos Santos, (não identificado) e de João das Regras (não identificado) que nos escreveram, respectivamente, de Santarém e da Curia (proveniência confirmada pelos carimbos dos Correios). João das Regras protesta porque no «DL» se consentem «demagogias estereis conducentes a uma ditadura da direita» (sic), porque empolamos «situações político-militares» como a «chegada de Spínola e demais pormenores insignificantes» (sic). Baltazar dos Santos censura-nos por publicarmos um texto assinado por um militante do Partido Socialista. Censura-nos e ameaça-nos. Lá vem a frase sibilina: «A menos que este diário (o «DL») tenha leitores a mais...».

Não tem o «DL» leitores a mais. Nenhum jornal terá os leitores que ambiciona. Mas o «DL» não aceita pressões deste quilate, nem mudará de rumo por ser objecto de correspondências que para lá do natural desejo de comunicação visam influenciar o jornal. A independência do «DL» é uma linha de rumo que torna a nossa posição difícil. Bem o sabemos. Esperamos que os leitores o compreendam e não queiram utilizar o jornal com espírito de facção.

Ainda sobre

«A reestruturação do Exército»

No passado dia 22 de Julho, foi publicado nesta secção um esclarecimento do Exm.º Estado-Maior-General das Forças Armadas, a propósito da minha carta de 7 do mesmo mês, sob o título «A reestruturação do Exército não será para bem do Povo?».

Pela minha parte agradeço o esclarecimento, e fico contente por saber que o Estado-Maior continua interessado em utilizar as potentes máquinas que possui para bem do Povo que as pagou (...). O grande ponto de interrogação para o Povo simples de que faço parte é — qual o fim dessa reestruturação?

É evidente que tendo o Exército deixado de fazer a guerra colonial, não precisa de tantos efectivos, isso compreende-se.

Mas as palavras «Porém as Forças Armadas estão a ser dimensionadas e reorganizadas em função das suas missões operacionais», deixam-me em branco, pois, como não sou técnico fico sem saber quais são essas missões e logo me lembro da operacionalidade das forças armadas do Chile e tantos outros países, que de tão operacionais se voltaram contra os seus irmãos que clamavam por justiça, por uma mais justa distribuição da riqueza, para o que era necessário uma melhor organização social, que essas «operacionais» forças armadas impediram se realizasse.

Ora o que nós Povo precisamos é de palavras claras, cujo conteúdo seja para nós transparente, embora a linguagem seja simples. Porque francamente estamos fartos de retórica e de palavras com vários sentidos; queremos é ideias expressas com clareza e que comprometam em acções claras quem as emite (...)

Maria de Lurdes Mendes Reis
— ALMADA

Diferença de tratamento

Após o 25 de Novembro muitos homens do 25 de Abril foram presos, tendo alguns deles passado largas semanas e meses de cativeiro.

Recordo-me ainda que estiveram isolados, sem que os advogados e familiares mais chegados os pudessem ver e escutar.

Muitos deles foram algemados até ao Porto, como se fossem criminosos...

Regressa Spínola. É conduzido a Caxias em automóvel ligeiro. Sem algemas, com delicadeza e discrição. Vários advogados (Palma Carlos e Abrantes Ferrão) entram logo em contacto com Sua Excelência que portanto não fica isolado. E após 48 horas, está na rua. Isto é, depois de cumprir uma «formalidade».

Há na verdade uma grande diferença de tratamento. E isto num chamado Estado de Direito, Constitucional, Pluralista, em direcção ao «socialismo». Ao «socialismo em liberdade» ou «socialismo à portuguesa».

Entretanto os fogos, os atentados, os golpes, as mentiras e os boatos continuam...

Carlos Vale
— QUARTEIRA

Onde está o inimigo?

Aprendi na instrução primária e tenho ouvido falar em civismo, respeito pelos outros, hábitos de ouvir e aceitar os outros embora com opiniões diferentes.

Até se diz que «a liberdade de cada um não deve colidir com a liberdade dos outros...»

Portanto, muito me surpreendeu ver pela T.V. que, antes de o deputado da U.D.P. começar a falar, uma assembleia dita «democrática e pluralista» se tivesse manifestado com risos e murmúrios...

Nem sequer sou simpatizante da U.D.P., mas parece-me que muitos dos senhores deputados ditos «democratas e pluralistas» é evidente que o não são...

Quem é de facto e onde está o inimigo de todos os que dizem que estão com a Revolução de Abril?

Maria Lamas Pereira Ventura
— MONCHIQUE

FOLHETIM ARTÍSTICO

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

A COR DA PRAÇA DO COMÉRCIO

O Arq. Fernando Peres Guimarães, director dos Serviços dos Monumentos Nacionais entendeu, e bem, esclarecer o caso da recente pintura da Praça do Comércio para o qual chamei a atenção num «Folhetim Artístico» deste jornal. Sabe o Arq. Peres Guimarães, meu ilustre confrade, quanto prezo a sua acção nos Serviços, e avalio as dificuldades que enfrenta, conforme várias conversas privadas e testemunho público; isso retira de antemão qualquer má interpretação polémica ao esclarecimento que ao seu esclarecimento dou.

Falei eu no Ministério das Obras Públicas, algo abstractamente, porque dele dependeu a decisão, assinada em suas altas esferas e não quis pôr em causa os Serviços dos Monumentos Nacionais. Estes, pela pena do Arq. Peres Guimarães, se puseram em causa eles próprios, e mais a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e ainda o Ministério da Educação e Investigação Científica pela sua Junta Nacional de Educação, e não sei por que não o (então) Ministério da Comunicação Social com a sua Secretaria de Estado da Cultura e esta com a sua Direcção-Geral do Património, senão o Instituto do Património Nacional, afinal mantidos à margem do processo patrimonial — várias instâncias públicas e muita gente, portanto. E se não em consulta pública, como eu afirmara, por deficiente informação, não, porém, sem que, largamente, o público fosse chamado a opinar, como se verificou em numerosos artigos e vários jornais...

Quanto à Comissão de Arte e Arqueologia da CML, confirma o Arq. Peres Guimarães que ela não propôs o cor-de-rosa escolhido — confirmando assim, logicamente, que foi «desrespeitado» o seu parecer, tal como eu afirmei. Ponto arrumado.

Mas tudo isto são coisas oficiais que têm algo de passa-culpas — efeito, decerto, desta «pulverização de serviços», desta «falta de estruturas» e desta «indefinição geral de política cultural» que o Arq. Peres Guimarães, mais uma vez muito bem, denuncia e sobre o que várias vezes trocámos impressões pessimistas.

Em outro plano, porém, e mais elevado, deve ser posto o problema: o da adequação do «cor-de-rosa», e do direito de o pintar. O Arq. Peres Guimarães defende-se com argumentos paisagísticos que, na ordem da opinião, são certamente, outros, de teor histórico, na ordem do conhecimento, que são também de considerar — e parece que ele menos considera, achando que o ocre original («jalde», escreveu-se, em descrições na altura) pode ser substituído por outra cor não original, sem afectar o projecto arquitectónico (e não só arquitectónico) na sua historicidade sociocultural. Substituí-lo pelo verde (aliás escolhido por um notável arquitecto, atento aos valores paisagísticos como poucos, na história da arquitectura portuguesa: Raul Lino), foi um erro, acha o Arq. Peres Guimarães e acho eu.

Por outras e mais cruas pala-

bras: a questão, aqui, não é de opinião, mas de conhecimento.

Mas eu acho que o erro foi duplo — na opinião e no (des)conhecimento.

Aceite a originalidade histórica do ocre, porquê contrariá-la hoje (Ano Europeu da Preservação do Património!), e aqui (no local fulcral de tão afinal mal protegida «Baixa Pombalina») — pretendendo corrigir ou melhorar o esquema original?

Por dispormos de outros meios tecnológicos? por estarmos mais ricos que no tempo de Pombal (?...) ? Aonde isso nos levaria — e já tem levado... De resto, pelo que sei, nunca «a equipa chefiada por Manuel da Maia preconizou uma gama de cores do verde ao ocre, passando pelo amarelo-dourado e pelo rosa»; é grave afirmá-lo e, a menos que o Arq. Peres Guimarães o prove documentalmente, essa afirmação não pode ser tomada em consideração. Desejou realmente Manuel da Maia «que cada rua ou cada freguesia tivesse alguma diversidade ao menos na cor da pintura» (segundo parte da sua famosa «Dissertação», 16 de Fevereiro de 1756) — mas não me consta mais nada, no dossier «cor», nem que esse desejo abstracto se applicasse especificamente à futura Praça do Comércio.

Por outro lado, o facto de alguma vez a praça ter sido pintada de cor-de-rosa (e não são as gravuras da época, mesmo coloridas, nem o quadro de Ciriaco, de 1974, que fidedignamente o comprovam — ou comprovariam fantasiosas morfologias do local) não nega que

na origem tivesse sido ocre — e um erro (se se cometeu) não justifica outro.

Quanto ao aspecto paisagístico da questão, deve notar-se que (como Peres Guimarães, arquitecto, sabe, na prática, melhor que eu, pobre historiador destas coisas) uma alteração de cor acarreta alteração do valor espacial do objecto colorido — e consequentemente, aqui, da espacialidade da praça. Pintadas de ocre (ou de verde) ou de cor-de-rosa, as fachadas não ficam na mesma distância visual. O erro verde de Raul Lino iguala o erro cor-de-rosa do MOP (etc...); no ocre dos architectos da Reconstrução é que está a obviamente única verdade — e o sítio planeado das paredes...

Mas outro argumento ainda opus ao cor-de-rosa escolhido, de que o Arq. Peres Guimarães se esqueceu, no seu esclarecimento, e no qual, pela sua importância cultural, devo insistir, para ser bem entendido: o carácter simbólico e ideológico do cor-de-rosa (menos ou mais acentuado, desde o rosa de Queluz ao sangue-de-boi das Necessidades) como cor joanina, aplicada, depois, em obras da mesma veia aulica. Isto é, antipompalina, ou antipragmática, iluminada, burguesa, progressista, moderna... Dar tal cor à Praça do Comércio (que deixou de ser o Terreiro do Paço e não quiz ser Praça Real), induz, portanto em erro, numa história de mentalidades que a arquitectura privilegiadamente serve — como justificação última da existência de serviços de Monumentos Nacionais...

REPENSAR A ESCOLA: O TRABALHO (1)

MANUEL RAMIRO SALGUEIRO

A educação é, «grosso modo», o desenvolvimento do indivíduo, enquanto responde às coisas com que contacta e a outros indivíduos com quem convive. Enquanto os indivíduos e as coisas lhe comunicam processos de compreensão em relação com, dizemos que o indivíduo se instrui, e, recebe uma comunicação de factos e acontecimentos, de experiências primeiramente não sentidas e assimiladas por ele. Toda esta actividade supõe um esforço psico-físico total, útil e agradável ao indivíduo (pelo menos deve sê-lo), porque corresponde à sua esfera de actividade directa, aos seus interesses e necessidades, aos seus pontos de vista e ao seu desenvolvimento polidimensional no tempo e no espaço, psíquico, físico, social de ser em relação. Esforço, que supõe o desgaste de uma energia psico-física da sua totalidade. Esforço, que produz um efeito ao nível socioindividual e ao nível social natural. Esforço, que é trabalho. A escola deve fazer que a energia degradada em cada momento, portanto que o seu trabalho não seja inútil. Deve promover a auto-realização do indivíduo, i. e., realização na sua totalidade bio-químico-psico-socio-individual.

Se meditarmos na escola que temos, verificaremos que ela é um imenso depósito de energia degradada e de trabalho inútil. Ao nível do exterior do indivíduo ministra a escola

uma má instrução, vil nos processos, vil nos materiais, vil nas finalidades. Ao nível do interior do indivíduo não ministra educação nenhuma. A educação burguesa das famílias a maior parte das vezes, senão sempre, é degradada ao nível do local escolar. Separando academicamente o físico e o psíquico, não tem estruturas convenientes para um bom aperfeiçoamento profilático-terapêutico da totalidade individual. A ginástica é a grosseira e rude imitação do mau profissionalismo entre nós. É agressão, competição. Às vezes nem isso. Ao nível do psiquismo, só por exemplo lembramos a recepção que a escola faz aos deficientes psico-motores, aos invisíveis, aos marginais e outros. Nisto reflecte o tipo de sociedade que a gerou. Em termos sociais pensemos no interesse directo dos cursos que a escola ministra para uma verdadeira realização ocio-profissional. Pensemos no descrédito dos nossos médicos ao nível europeu, no acanhamento de um professor quando dá as primeiras aulas, nos estágios intensivos dos neoliceciandos ao nível de empresa e de quadros, no contraste entre o engenheiro teórico português e o operário especializado estrangeiro que nos visita e que o substitui, no amorosismo com que se nomeiam ainda certos directores, gerentes e chefes de organismos de responsabilidade, nas respostas dadas pelos próprios técnicos

escolares ao longo destes indolentes 50 anos.

Tarefa primordial da escola é, portanto, colocar os indivíduos perante outros indivíduos e perante as coisas, fazendo-os entrar em diálogo aberto e franco. Acontece que dentro dos locais escolares actuais geralmente não há coisas, há só pessoas. As coisas que faltam não se procuram no exterior por incúria ou porque não existem ao alcance. As pessoas falam abstractamente de coisas concretas, evitam falar de si próprias, escondem-se com medo que as vejam e agredem-se e acusam-se de faltas de que todas são responsáveis. Os professores refugiam-se nas salas, escondem-se atrás das secretárias, temendo ser charlatões a distrair a plateia. Bons burocratas outrora, cumprem estritamente a lei se ela existe. Senão não se preocupam com inventar uma lei parcial que responda ao funcionamento provisório de emergência. Não discutem problemas. Não fazem reuniões, à espera que o ministério ordene. Defendem o seu individualismo como capa dos seus erros, que não têm coragem de confessar. Esquecem-se que só eles podem ser os motores de uma autêntica pedagogia, de uma ciência e de uma arte da educação, que ministério e sindicatos nunca farão mais do que política didáctica e pedagógica.

Os alunos vivem no abstracto da palavra. Se ela é boa admiram-na com a sensação de que mesmo assim não compensa. Se ela é má vomitam-na em pragas, fogem das aulas, criam distúrbios, projectam as suas contradições nas paredes com slogans políticos ou sociais, fazem droga, sexo e conspiração pelos corredores com cantos, riem-se da pseudo-estrutura dos professores, das estruturas a nível político e social, berram nos corredores e pontapiam a bola nos pátios gratuitamente. Assim gastam o seu excedente psico-físico de energia.

Embora o não deva, a escola que temos teme o contacto directo e íntimo com a sociedade e com a natureza. Ela, na sua composição, já é um artifício. Mas na sua recusa em querer por graus sucessivos desembrasar-se o mais possível do seu artificiosismo tornam-na um descalabro social. Professores, alunos e empregados são indivíduos ligados artificialmente num grupo composto a quem uma boa ou má consciência social atribui uma tarefa: aperfeiçoar-se e aperfeiçoar, no contacto com as coisas e com as pessoas. Tudo se deverá processar num diálogo biunívoco e total: levar os indivíduos às coisas e as coisas aos indivíduos, levar a escola fora da escola e vice-versa. Isto só se pode processar por uma participação e

Continua na pag. 4

Geral

Polónia: uma tecnologia ao serviço do mundo

A partir do começo dos anos setenta, a economia polaca alargou significativamente o campo das suas relações com a técnica mundial. Foram celebrados numerosos acordos de cooperação, e assumidas iniciativas comuns com firmas consagradas no mercado mundial da tecnologia. Esta actividade, idêntica ao comportamento de muitos outros países de potencial industrial médio, irá contribuir, sem dúvida, para o desenvolvimento do pensamento criador dos construtores e técnicos polacos. Eis algumas conquistas do ano passado, que despertaram interesse para além das fronteiras da Polónia, quer nos países do Comecem, quer nos países do Ocidente.

Automática: No Instituto de Organização e Direcção da Academia de Ciências Polaca foi construído o leitor automático de textos de máquinas de escrever. Esta aparelhagem, construída na base do sistema electrónico reconhece as letras, cifras e sinais gráficos. Velocidade: 200 sinais por segundo. Grava-os em fita perfurada, substituindo o trabalho manual de 40 pessoas. Este «leitor» encontrou aplicação na indústria poligráfica, onde funciona junto à aparelhagem para a fotocomposição. O único produtor no mundo destes automáticos eram, até então, os Estados Unidos.

Exportação de unidades industriais. Os especialistas polacos constroem presentemente mais de 100 diferentes unidades industriais em 20 países. No total, construiu-se até agora mais de 400 unidades em 60 países do mundo. A saber: minas, fábricas eléctricas, fábricas de indústria química, de máquinas e de géneros alimentícios. Particular especialidade polaca constituem as fábricas de ácido sulfúrico, actualmente as de maior produtividade no mundo. A União «Ze-

mak» ganhou, há pouco tempo, o concurso para a construção de uma fábrica eléctrica na Turquia. E isso porque propôs um período de construção de 30 meses. Isto é: meio ano mais curto do que as propostas de todos os outros países concorrentes.

Electrónica técnica. Na Politécnica de Varsóvia foi concebida a tecnologia da produção de cérebros magnéticos de cabos para as necessidades da informática. Semelhante trabalho obteve alta distinção na Exposição Internacional de Conquistas Técnico-científicas (Genebra).

Mineração. A nova mina de carvão de pedra «Piast» foi construída em 30 meses, assim mais rapidamente do que atinge as normas de até agora neste domínio. Após se ter alcançado a extracção planeada (24 mil toneladas de carvão por dia) tornou-se na maior mina de carvão energético na Polónia e na Europa.

Siderurgia e metalurgia. Um agregado metalúrgico instalado na siderúrgica «Zawiercie» constitui novidade na siderurgia mundial de ferro e aço. O agregado compõe-se de três fornos eléctricos (base rolante) e serve para a fundição rápida de aço de alta qualidade. A solução original foi patenteada em 10 países — e a licença para a sua utilização comprada pela França.

Na Academia de Mineração e Siderurgia de Cracóvia elaborou-se o método de cobertura do aço líquido com uma capa térmica, método que impede as perdas de calor nos processos tecnológicos. Para esta capa são aproveitados os resíduos dos empacotamentos: folha de alumínio misturada com papel ou laminado de papel, folha de alumínio e de plástico. Os resíduos picados aglomeram-se na superfície do aço líquido, protegendo-o das perdas de calor.

Informática. As Fábricas Ópticas Polacas de Varsóvia começaram a produzir o «Elektroform EL-30». É este presentemente no mundo o mais perfeito aparelho, permitindo aos cegos distinguir os contornos e a claridade dos objectos. O princípio de funcionamento do aparelho, reduz-se à substituição dos impulsos da luz que chegam à câmara, situada na cabeça, pela vibração dos «pulsos» (é o termo técnico) que tocam a frente do cego através de minúsculas agulhas.

No Instituto de Electrónica de Miedzylas concebeu-se a construção do motor eléctrico de disco «PTT-20», cuja produção foi entregue à fábrica «WAMEL». A Polónia é o quarto país do mundo na produção de tais motores, destinados a enrolar a fita no cérebro magnético dos computadores.

No Instituto de Máquinas Matemáticas de Varsóvia construiu-se também o sintetizador fonemático da fala, ou seja, um aparelho que permite substituir as informações cifradas que saem do computador em fones da fala humana.

Engenharia e construção. No Instituto de Tecnologia e Organização da Construção da Politécnica da Silésia, em Gliwice, procedeu-se à elaboração de complexa tecnologia e aparelhagem para a construção de edifícios de vários andares através do método da suspensão dos pavimentos. As experiências industriais levadas a efeito indicaram que o novo método permite encurtar o tempo de construção e diminuir os seus custos de 20 a 30 por cento em média.

Protecção do trabalho e do meio. No complexo químico de Blachowna (Silésia) foi conduzida à circulação fechada a água de refrigeração e dos canais de despejo. Após passar pela limpadora, a água contém menos sujeiras que a extraída do rio.



Varsóvia: parte central da cidade

Os filtros eléctricos polacos, produzidos nas fábricas «Elwo», em Pszczyn, foram instalados nas duas maiores fábricas eléctricas térmicas da RFA — e provaram grande capacidade de retenção de poeiras: 99,4 por cento. Estes filtros interessaram muitas firmas estrangeiras.

Indústria química. No Instituto de Tintas e Vernizes, em Gliwice, conseguiu-se a tecnologia da produção de uma tinta em pó, que encontra aplicação na pintura dos tanques de combustíveis e dos aros das rodas de automóveis. Esta tinta foi confirmada pela «Fiat» como correspondente aos melhores produtos deste tipo na Europa.

Nas Fábricas de Azoto de Tarnow alcançou-se a produção do tarfleno — plástico conhecido como teflon (poliquadroplofloretileno). Em curto tempo, a Polónia, de importadora desta valiosa matéria de grande resistência térmica, química e mecânica, tornou-se exportadora.

Indústria de aviação. Uma fábrica em Mielec produziu os primeiros exemplares do único avião no mundo a jacto agrícola «M-15». Este avião caracteriza-se pela solução original do sistema de propulsão, grande capacidade de transporte de meios químicos e instalações para a liquidação de incêndios de florestas. Pode voar a baixa altura.

Indústria de máquinas (mecânica). Estabelecimentos de pesquisas científicas e de construção tecnológica da in-

dústria mecânica polaca fornecem no presente a maioria predominante das novas conquistas para a produção. Cerca de 85 por cento dos novos produtos desta indústria surge graças ao pensamento técnico polaco.

A Fábrica de Aparelhagem de Comunicação de Rzeszów dominou a produção de turbo-carregadores para os motores de combustão de tracção de roda e trilho, e motores de navios. A indústria polaca assumiu a produção maciça desta instalação, que aumenta a força dos motores de alta pressão em cerca de 30 por cento.

Indústria de estaleiros. Os estaleiros de Gdynia iniciaram a construção de navios que transportam gases liquefeitos. A produção de tais unidades era dominada, até agora, pela Noruega e Estados Unidos. Na primeira fase, estes estaleiros construirão 6 navios de transporte de gases liquefeitos de refinação à temperatura de — 50°C.

Das fábricas «Zamech» de Elblag saiu um leme de fluxo para navios que foi um dos maiores construídos na Europa. Este leme com o diâmetro de 2,5 m e peso de 10 toneladas (com equipagem — 23 toneladas), construiu-se para o navio de protótipo «RORO» dos estaleiros de Gdansk.

Nos estaleiros de Gdynia construiu-se o batiscavo para pesquisas geológicas submarinas «Geonur» — laboratório submarino equipado com instalações de perfuração. Este

aparelho é destinado às pesquisas dos sedimentos do fundo do mar, trabalhos submarinos de engenharia e geologia, e pesquisas hidrográficas de diversos géneros.

Indústria têxtil. Na exposição mundial de máquinas têxteis em Milão «Itma-75», alcançou grande êxito a máquina fiadora sem fuso de fabricação polaca — «PF-1», que funciona à base do princípio pneumático através do método chamado turbilhão estacionário. Esta máquina fiadora, patenteada em todos os países desenvolvidos do mundo, é dez vezes mais rendível do que as máquinas fiadoras até agora conhecidas.

Técnica agrária e de produção de alimentos. No Centro de Pesquisas de Desenvolvimento de Proteína Alimentar em Gdynia elaborou-se a tecnologia de produção do preparado de proteína obtido dos peixes de má qualidade, que não servem para consumo. Este preparado tem a forma de fibra de cor branca ou amarela, sem paladar e odor. É excelentemente absorvido pelo organismo humano e constitui uma boa mistura de artigos alimentares. De 4 quilos de peixe obtém-se 1 quilo de preparado contendo 25-30 por cento de proteína activa em forma natural, o que é o correspondente a 2 quilos de carne. Esta tecnologia original despertou grande interesse no mundo. Onze países compraram já a licença para este método de produção polaco. (PA — Interpress).

REPENSAR A ESCOLA

Continuação da pág. 3

uma intervenção em larga escala que a escola que temos não comporta. Os professores não contactam directamente com as coisas que ensinam, mas formalizam-nas estereotipadamente através de uma informação intermédia. Não criam, copiam. Se pensarmos nos alunos o panorama é desolador. Apenas memorizam. É um facto que a escola, enquanto escola, é sempre a formalização de uma pedagogia, que surge por imperiosidade complexa de um determinado tipo de vida. Mas o valor real dessa formalização consiste em superar até ao infinito os degraus do artificial, degradando-se nela se torna inconsciente, aproximando-se o mais possível da vida do homem no seu «habitat» natural. A escola que temos nega-se a isto e teima em permanecer arbitrária e negligentemente no artificial. Os esforços que empreende não são sentidos como naturais e humanos pelos indivíduos que alberga. Dai o albergar continuamente indivíduos, não em diálogo mesmo de oposição,

mas em turbilhão de contradições irresolúvel.

Uma verdadeira escola deve fomentar o diálogo mesmo em oposição. O contacto indivíduo-indivíduo, indivíduo-coisa supõe sempre uma oposição tendente a reduzir-se à unidade. Cabe à escola, como à sociedade que a gera, levar os indivíduos a superar estas oposições em antinomia e conduzi-las a construir a partir delas a unidade na diversidade. Eis a cooperação. Esta não supõe uma aceitação pura e simples de tudo e de todos. Exige a discussão. Na escola que temos não se discute. Há diálogos de surdos. Os professores vão mais ou menos impondo os seus pontos de vista porque lhes parecem mais certos. Dizem que promovem o diálogo. Mas como não o põem em causa o artifício alienante em que o diálogo surge, há apenas monólogo promiscuo, falso, alienante, inútil. Os alunos são outros tantos monólogos ambulantes. Todos os componentes da escola que temos produzem esforços. Mas o alvo que se determina para esses esforços

não é o natural e o vivencial, sim o artificial, feito de investigação livresca, de cultura tradicional mal assimilada, de um humanismo historicista que de há muito rebentou com as costuras do presente humano, sem perspectivas de futuro. Assim este tipo de escola vai caminhando à margem da sociedade, com ela sempre em choque de presente.

Que os professores não devam fazer investigação? Não é isso que se afirma. Põe-se em causa toda a pedagogia livresca que se faz nas escolas, como se pedagogia fosse só instruir e não educar. Mais se afirma que não só nas Universidades se deve fazer investigação. O mau ensino secundário que temos deve-se ao facto de depender da universidade que temos. Os professores do Ensino Secundário cristalizam mais cedo por isso. Não são obrigados a esforços autónomos. Sempre foram considerados inferiores em qualidade. Foram educados a depender do «Mestre». Limitam-se a copiar, a veicular, a repetir. Nas nossas Universidades o processo cho-



O Sanatório KINGA — o único do seu género em todo o mundo. A cura neste estabelecimento é muito eficiente. Oitocentos leitos

AMANHÃ À NOITE

Comício dos G.D.U.P.
no Pavilhão dos Desportos

Os G.D.U.P. levam a efeito amanhã, sexta-feira, dia 20, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, um comício que terá como temas principais a «posição dos G.D.U.P. perante a actual situação política e o Governo P.S.»; eleições para as autarquias locais; Congresso dos Sindicatos e Congresso dos G.D.U.P.

Segundo o comunicado-con-

vocatória, assinado por Pedro Goulart, o comício surge «na sequência da grandiosa manifestação da última sexta-feira, de protesto pelo regresso do facinoroso monóculo» e tem, ainda, como objectivo, comemorar o primeiro aniversário do Documento Copcon, considerado a «única alternativa que ia ao encontro dos interesses do povo».

Acidente na ponte
provoca uma morte

O condutor de uma ambulância da Baixa da Banheira entrou ontem, na Ponte 25 de Abril, pela faixa contrária, indo embater de frente com um automóvel que circulava na sua mão. Do choque resultou a morte do condutor do carro ligeiro, Francisco Fernando da Silva Soares, de 28 anos, engenheiro técnico da Lisnave.

O acidente, que se registou por volta das 17 horas, não teve até ao momento qualquer explicação para a insólita atitude do condutor da ambulância.

Os ocupantes da ambulância, Valdemar Correia Ferraz, de 39 anos, Luís da Conceição Santos, de 39 anos, e

a doente Eufrosina da Conceição Castro, de 63 anos, que era transportada de urgência ao Hospital de S. José, foram todos levados para este hospital, onde se encontram internados.

A Brigada de Trânsito da GNR, que tomou conta do caso, desconhece as razões que motivaram o condutor da ambulância a tomar uma atitude que, no melhor dos casos, não passa de inconsciência.

O acidente provocou obviamente graves contratempos aos utentes da ponte, na medida em que o tráfego só se viria a normalizar-se por volta das 21 horas.

Escritores portugueses
na Bienal de S. Paulo

SÃO PAULO, 19 — (ANOP) — O cônsul-geral de Portugal em São Paulo recebeu no consulado os escritores e livreiros portugueses que se deslocaram ao Brasil para participarem na Bienal do Livro de São Paulo de 1976.

Fazem parte da delegação que representa os escritores portugueses, Melo e Castro, José Cardoso Pires, Augusto Abelaira, Bernardo Santareno e Fernanda Botelho. Presentes, também na referida recepção representantes dos 16 livreiros que vieram à bienal e ainda alguns livreiros portugueses e brasileiros de São Paulo. São convidados especiais o comandante Sarmento Pimentel, prestigioso resistente democrata, e o pintor Fernando Lemos.

Como foi salientado durante a recepção, trata-se da primeira vez, em meio século, que escritores portugueses foram convidados oficialmente por um representante diplomático do seu País no estrangeiro.

Os escritores portugueses presentes em São Paulo, irão visitar em sua casa o comandante Sarmento Pimentel num gesto de homenagem ao herói da resistência pela democracia em Portugal.

Apresença dos referidos escritores tem sido marcada por uma intensa actividade de contactos com intelectuais brasileiros pretendendo com esses contactos arrancar, definitivamente para um intercâmbio realmente válido e actuante nas relações culturais luso-brasileiras.

Ministro da Habitação
no Porto

PORTO, 19 — O eng. Eduardo Pereira, ministro da Habitação, Urbanismo e Construção, desloca-se amanhã ao Porto, onde permanecerá até sábado. O fim da visita é de se inteirar da marcha dos trabalhos dependentes do seu ministério e de estudar o

lançamento de novas construções. Assim, terá uma reunião, no governo civil, com entidades e técnicos dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Aveiro, Viseu e Coimbra para análise, na generalidade, do programa habitacional.

A "Voz da América"
não terá emissores
em Portugal

Ao contrário do que foi anunciado pelo «Jornal de Fall River», não existem quaisquer planos para a instalação, em Portugal, de emissores da «Voz da América». O desmentido foi feito pelo embaixador dos E.U.A., que se revelou sur-

preendido pela notícia por a mesma não ter o menor fundamento. O «Jornal de Fall River», ontem citado no noticiário da ANOP, é publicado em língua portuguesa pela comunidade luso-americana de Massachusets.

SEMANA DE SOLIDARIEDADE COM A UNIVERSIDADE ESPANHOLA

SEMANA DE SOLIDARIEDADE DE LOS
UNIVERSITARIOS EUROPEOS CON LOS
UNIVERSITARIOS ESPAÑOLES

FESTIVAL
DE LOS
PUEBLOS
EUROPEOS



A Semana de Solidariedade dos universitários europeus com os universitários espanhóis, inicialmente marcada para Santander, de nove a 15 de Agosto, vai realizar-se em Lisboa, entre os fins de Setembro e o princípio de Outubro. Para o efeito foram feitas já as necessárias «démarches»: apresentado o problema ao Ministério da Comunicação Social e à Secretaria de Estado da Cultura que em princípio apoiam a ideia. Quanto a apoios concretos, eles estão dependentes de uma proposta a apresentar pela comissão promotora da Semana de Solidariedade. Mais contactos foram já realizados e outros estão programados, informaram ontem, em conferência de Imprensa, na Sasseti, os promotores em Portugal da Semana de Solidariedade: Maria Jesus Vicente, da FDEUS (Federação dos Sindicatos Democráticos de Estudantes Universitários), Edmundo Martinho, do ISIS (Instituto Superior de Intervenção Social) e Luís Trigo, do IST (Instituto Superior Técnico).

Assim, a Semana de Solidariedade deve realizar-se no Campo Universitário e vão ser pedidos ao Governo Militar de Lisboa e ao FAOJ os apoios necessários em matéria de equipamento.

A Semana de Solidariedade decorrerá fundamentalmente em três fases: mesas-redondas sobre direito e sociedade, o problema das nacionalidades em Espanha e Europa, liberdade de expressão e censura, vida cultural e científica na II República, alternativas económicas numa Espanha democrática, o ensino em Espanha, o problema agrário em Espanha; um dia dedicado à mulher, organizado pela Associação Universitária para o Estudo do Problema da Mulher (AUPEPM); um dia de teatro com os grupos Lebrjano, Pequeno Teatro de Valência; por último, um festival já com as presenças asseguradas de Isabel e Angel Parra, José Afonso, GAC, Sérgio Godinho, Adriano Correia de Oliveira, Vitorino, Pablo Guerrero, La Fanega, Os korn, Adolfo Celdran, Manuel Gerena, Alpataeo, etc. Entre algumas das personalidades que estarão presentes mencionam-se Sartre, Simone Beauvoir, Althusser, Betelheim, Ramon Tamames.

SEMANA PROIBIDA

A Semana de Solidariedade das Universidades Europeias com os universitários do Estado espanhol a realizar em Santander tinha já todas as infra-estruturas montadas: uma gigantesca cidade de lona iria albergar cerca de 150 mil estudantes na cidade basca, vindos de todas as partes de Espanha e ainda de vários pontos da Europa já com os apoios con-

firmados da União Nacional dos Estudantes Franceses (UNEF), sindicatos estudantis suecos e ingleses e o apoio expresso do Congresso Internacional de Associações Estudantis, realizado recentemente na Hungria.

Por toda a Espanha 3500 promotores da Semana de Solidariedade desenvolveram esforços: informações, recolha de fundos, colocação de posters, organização de transportes. Seria a maior concentração estudantil em terras de Espanha desde o início da ditadura franquista. A semana era impossível imparável, afirma convicta Maria Jesus Vicente. Além do apoio dos estudantes, o povo de Santander aderiu inteiramente à iniciativa. E também numerosas personalidades, associações de moradores e uma assembleia da Standard Electric.

Mas o governo espanhol tentou e conseguiu impedir a realização em Santander da Semana de Solidariedade. Foram presos pela polícia estudantes que colavam propaganda referente à Semana, agredidos e insultados e mesmo presos em Santander quando começavam a montar o acampamento. Para cúmulo, foram controladas as entradas da cidade nas vésperas da realização da Semana.

«O porquê desta proibição é para nós muito claro» — afirma a representante do SDEU que prossegue: «É a mesma pela qual custou à federação dos SDEUS durante a realização do seu primeiro Con-

Proibida
em Espanha
permitida
em Lisboa

gresso 16 detenções, diversos feridos e meio milhão de pesetas em multas».

APOIO
DOS ESTUDANTES
PORTUGUESES

Perante os factos, na impossibilidade de realizar em território espanhol a Semana de Solidariedade, a FSDEU contactou com a COMORG (Comissão Organizadora do Congresso Constitutivo da Organização da UNEP) no sentido desta colaborar na realização da semana em Portugal. Foram contactados várias associações estudantis. Embora as adesões ainda não ultrapassem a responsabilidade individual (tendo em conta a desmobilização que o movimento estudantil sofre em época de férias) espera-se que as direcções associativas estudantis venham a apoiar em massa e na totalidade a realização desta Semana. Ganhará particular relevo o apoio que a direcção da Associação Académica de Coimbra venha a dar à realização desta Semana, já pela sua capacidade de mobilização estudantil, como provou no decorrer do caso Faus-

to Cruz, já pela importância de Coimbra nas discussões para a organização de uma verdadeira União Nacional de Estudantes Portugueses.

Por último, durante a conferência de Imprensa foi lançado o apelo para que os estudantes se mobilizem nas cidades onde residem de forma a que o maior número possível possa estar presente na Semana. De Espanha espera-se venham cerca de 20 mil.

A Comissão de Trabalhadores da Sasseti (Rua Conselheiro Fernando de Sousa, 25B) ofereceu as suas instalações já que neste momento as escolas estão fechadas.

As organizações políticas não serão convidadas; das organizações sindicais serão bem recebidos todos os apoios.

Além da importância em si da Semana de Solidariedade dos Universitários Europeus com a Universidade do Estado espanhol, o acontecimento pode ser um marco decisivo para os estudantes portugueses, o despoletar de uma situação que os conduza à criação da UNEP como realidade e força efectiva já para o próximo ano.

Junta dos Açores
toma decisões

A última reunião da Junta Regional dos Açores foi caracterizada por várias decisões,

algumas das quais assinalamos.

Assim, foi deliberado dar parecer favorável a um programa de investimentos da «Lacto Açoreana Lda», autorizando-se, por outro lado, uma importação directa de tabaco da Rodésia.

Outra deliberação aponta para a atribuição, ao hospital de Vila do Porto, de um subsídio de 18.105 escudos destinado a custear despesas com a instalação do médico militar ali em serviço; à Junta de Freguesia de Santo António das Capelas foi atribuído um subsídio para reparação de caminhos.

Entretanto, a Junta ocupou-se ainda dos seguintes assuntos: próxima investidura do Ministro da República e entrada em funções do futuro governo regional; apresamento de uma traineira encontrada a pescar em transgressão; instalação de depósitos de combustível no Faial; situação das empresas Tercon, Cofaco, EVT e Varela; problemas relacionados com os transportes marítimos e terrestres do arquipélago; abastecimento de combustível à aviação civil no aeródromo das Lajes, e construção de bairros de habitação social em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

Da Amadora com "amor"
Comandos voltaram ao Rossio

A «calma» da noite do Rossio, vivida entre fumos de lãmba e negócios de retornados, foi ontem perturbada, cerca das 22 e 20, por mais um «raid» que, tudo o indicava, tinha por objectivo «combater» a droga.

De facto, àquela hora, surgiram «casas-tetes» em mãos de numerosos jovens e, outros, que mais ou menos «drogados» começaram a pagar o «preço dos seus pecados» pela mão dos novos «justiceiros». Foi assim que, mesmo ao lado de um polícia um rapaz foi pontapeado na cara sem intervenção ou esboço disso, da parte da autoridade. De muitas bocas, narizes, olhos e ouvidos, o sangue jorrou.

Terminada a «operação», os «tom-tom macoutes» subiram em corrida os degraus da estação do Rossio e fizeram bicha na bilheteira dos comboios da linha de Sintra. Em pouco tempo, o funcionário em serviço vendeu entre vinte a trinta «quatro de bilhete» para a Amadora, aos jovens que iam exibindo os respectivos cartões militares. Apanharam o comboio das 22 e 30.

Só um pormenor: ao subir as escadarias, um dos esbaforidos justiceiros desabafava: «Temos de acabar com a podridão em Portugal». Quisemos saber mais. Que não tinha sido nada, só um «encontro de amigos».

Na Amadora, tudo indica que no desembarque do grupo, também houve «molho» junto ao largo da estação, segundo nos afirmaram esta manhã. Mas, contam-nos, aí nem sequer os drogados assentaram arraiais. De modo que já há quem se pergunte o que entendem eles por «podridão».

Nacional

Aumento para breve das tarifas dos transportes colectivos?

Prevê-se para breve um aumento das tarifas referentes aos transportes colectivos com base num estudo que está a ser levado a cabo pelo Gabinete de Planeamento do Ministério dos Transportes. O «dossier» ainda não foi apresentado ao respectivo ministro, tendo-se, no entanto, que o referido acréscimo venha a tornar-se uma realidade em virtude das conclusões do estudo.

É de assinalar que a intenção de elaborar um «dossier» sobre o acréscimo, ou não, das tarifas referentes aos transportes colectivos se deve a uma decisão do Conselho de Ministros do VI Governo Provisório.

As medidas prometem dar que falar, se o aumento se concretizar, em virtude da já tão

elevada carestia de vida.

Em contacto com o Gabinete de Planeamento do Ministério dos Transportes conseguimos apurar que o eventual aumento faz parte de uma das alternativas contidas no relatório não havendo porém a certeza de que ele venha a concretizar-se.

Por outro lado, dois outros estudos de vital importância e baseados na procura de soluções respeitantes às restrições de gasolina e à diversificação dos horários laborais serão submetidos proximamente ao Conselho de Ministros pelos titulares das pastas dos Transportes e Comunicações e Indústria e Tecnologia.

No que se refere ao primeiro, pode-se desde já afirmar que ele tentará apresentar os «pró» e os «contra» dos diversos sistemas de restrições de circulação ou seja, alternância da circulação aos fins-de-semana, racionamento do combustível, etc.

O segundo estudo aborda os problemas da diversificação dos horários de trabalho

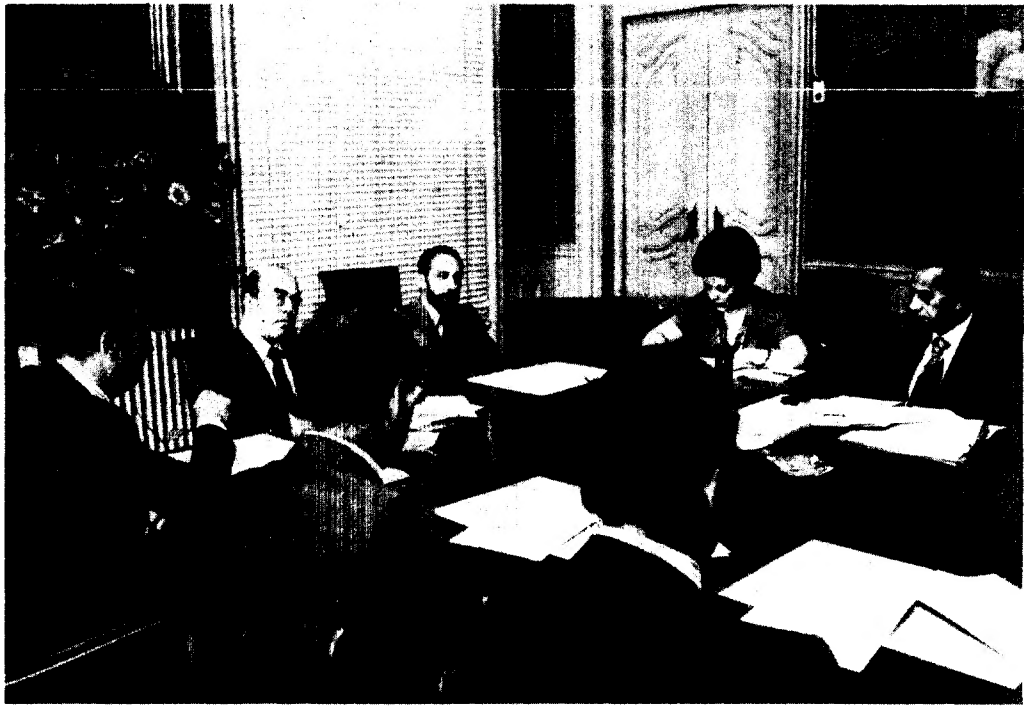


Imagem da assinatura do contrato entre a C. P. e a Metasine

Três mil vagões para a CP

Com a presença dos ministros dos Transportes e Comunicações, dr. Rui Vilar e da Indústria e Tecnologia, engenheiro Walter Rosa, efectuou-se ontem no edifício da administração da CP a assinatura do contrato celebrado entre esta empresa e a Metasine,

para a construção, no prazo de cinco anos, de 3000 vagões.

A empreitada importa em mais de 2.5 milhões de contos.

«Este contrato representa apenas parte de um plano de remodelação previsto para empresa a envolver verbas de 45 milhões de contos, 11 milhões

dos quais serão utilizados na actualização do parque circulante nacional, tanto no capítulo do transporte de passageiros como no do transporte de mercadorias», afirmou o engenheiro Amílcar Marques, presidente da Comissão Administrativa da CP.

EM ENTREVISTA AO "TIMES"

Vasco de Melo da C.I.P. quer "travar" os sindicatos

«Temos de pôr travão aos Sindicatos: devem ser refreados», afirmou o presidente da CIP, Vasco de Melo, numa entrevista concedida ao jornal inglês «The Times».

Vasco de Melo patenteou bem a sua admiração pelos sindicatos dominados pelo fascismo antes do 25 de Abril. «Dantes a situação não era boa nos contactos com os sindicatos, mas era melhor do que agora».

A perspectivacão da política portuguesa a partir do princípio de que «Portugal é um país ocidental que neste dois últimos séculos tem pensado segundo linhas europeias» e a entrada para o Mercado Comum antes de 1980, foram ainda alguns dos temas abordados por Vasco de Melo.

«Os homens que estão no poder — acrescentaria mais à frente — têm de compreender que o País estava a viver muito acima dos seus próprios recursos e da sua capacidade financeira. Por outras palavras, para se ter novamente, um mínimo de estabilidade no nosso modelo de crescimento, é neces-

sário estabelecer uma política realista de preços e receitas».

Faça a entrada de Portugal na CEE, salienta Vasco de Melo: «É pena que não tivéssemos já entrado. Creio que isso será bom para nós e para a Comunidade. Penso que gostaríamos de nos tornar membros da CEE antes de 1980. Temos muito para oferecer, pois somos pessoas diferentes e com problemas diferentes».

«Devemos dar novas perspectivas à CEE, que se tornará então, um grupo muito poderoso com a Espanha e a Grécia a entrarem também. Até agora, a Europa tem sido um clube. Depois será a Europa».

REABERTURA DO RESTAURANTE 7 MARES
NO DIA 12/8/76
EM PORTIMÃO
RESTAURANTE 1.ª Categoria
ABERTO
das 19.00 às 2.00 h.
Cozinha Portuguesa
No BAR
Pianista privativo
Organizações
FERNANDO BARATA

COVA DA PIEDADE
Máquinas de Costura
BERNINA e de tricotar TOYOTA
RUA CABO DA BOA ESPERANÇA, 6-D
Cursos grátis, Corte, Bordados e Tricot

Tentativa fracassada de fuga de Custóias

PORTO, 19 — «Não teve a relevância que o «Jornal de Notícias» lhe deu a tentativa de evasão de reclusos do estabelecimento prisional de Custóias», afirmou-nos, esta manhã, o assistente social Jaime Silva que substitui, temporariamente, o director daquela cadeia, dr. Pinheiro Torres, que se encontra de férias. Adiantou-nos, ainda, tratar-se de uma «coisa insignificante que não teve consequências já que o estabelecimento prisional de Custóias tem segurança suficiente para evitar estes impactos».

Muito embora não desmentisse a tentativa de fuga de reclusos que conseguiram abrir um buraco com cerca de seis metros de comprimento e três de largura, conforme informa o nosso colega «Jornal de Notícias» o nosso interlocutor manifestou receio de que a notícia agora vinda a público possa vir a prejudicar o pedido de amnistia de 400 reclusos de Custóias feito há dias — conforme o «D.L.» noticiou — aos deputados da Assembleia da República.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS
Direcção dos Serviços de Obras Hidráulicas
DIVISÃO DE OBRAS
CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE EXECUÇÃO DA NOVA REDE DE DRENAGEM DA CIDADE DE COIMBRA
Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público para arrematação da empreitada acima referida, sendo de 60 (sessenta) dias o prazo de apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no DIÁRIO DA REPÚBLICA.
O acto pública de concurso, realizar-se-á pelas 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas, se esse dia for um sábado, na Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos, na Rua de São Mamede (ao Caldas), n.º 23:
PREÇO BASE 48 800 000\$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA 1 220 000\$00
ALVARÁS EXIGIDOS:
1.ª categoria ou sua 4.ª subcategoria e classe correspondente ao valor da proposta.
O projecto, o programa de concurso e o caderno de encargos poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Obras Hidráulicas desta Direcção-Geral, situada em Lisboa, na Rua de São Mamede (ao Caldas), n.º 23, ou na Direcção Hidráulica do Mondego, situada em Coimbra, na Avenida Fernão de Magalhães, em todos os dias e nas horas de expediente.
Lisboa, 17 de Agosto de 1976
O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
Joaquim Fernando Faria Ferreira

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infanteria 16, 55-C — LISBOA

CERTIDÃO

Cartório Notarial de Albufeira

A cargo do notário licenciado Adolfo Armando Jorge Batalha

CERTIDÃO — Para efeito de publicação que, por escritura de cinco do corrente mês, lavrada de folhas 24 a 26, do Livro de notas respectivo número C-13, deste cartório, entre Manuel Gil Jorge, Maria Esmeralda Costa, Interel Gil e Luis Melendez Santos, se constituiu uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Art.º 1.º — A Sociedade adopta a denominação «CONSTRUTUR — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES E TURISMO, LIMITADA», tem a sede na Rua de Redondo, n.º 64, 4.º andar, 1.º andar, na cidade de Lisboa, e a sua duração é por tempo indeterminado, com início nesta data; **Art.º 2.º** — A sociedade tem por objecto, especialmente, a compra e venda de terrenos para urbanização, loteamentos e construção civil, bem como a administração de bens móveis e imóveis, próprios ou que para esse fim lhe sejam entregues, sua oneração, alienação, valorização e troca, podendo ainda exercer qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a Assembleia Geral deliberar e seja legal; **Art.º 3.º** — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, correspondendo uma das seguintes quotas dos sócios: uma quota no valor nominal de 700 000\$00, do sócio Manuel Gil Jorge, uma quota no valor nominal de 50 000\$00, do sócio Maria Esmeralda Costa, Interel Gil e uma quota no valor nominal de 150 000\$00, do sócio Luis Melendez Santos; **Art.º 4.º** — São ermitidas prestações suplementares e capital até ao limite de 1 000 000\$00, nas condições estabelecidas por deliberação a tomar em Assembleia Geral; **Art.º 5.º** — São livres entre os sócios as cessões e divisões e quotas; **§ Único** — A cessão a terceiros só é permitida se a Sociedade, em primeiro lugar, e os sócios não edentes, em segundo lugar, não quiserem usar do direito de preferência; o entanto, o sócio Manuel George, ca, desde já, autorizada a ceder a terceiros, a sua quota, no todo ou em parte; **Art.º 6.º** — A Sociedade poderá mortizar qualquer quota nos casos seguintes: (a) insolvência ou falência do sócio titular; (b) arresto, arrolamento ou penhora da quota; (c) venda ou adjudicação judicial; **§ 1.º** — A amortização será realizada pelo valor da quota, determinado pelo último balanço aprovado, o qual será pago em cinco prestações trimestrais e iguais; **§ 2.º** — Considera-se realizada a amortização com o depósito efectuado, digito, efectuado na Caixa Geral de Depósitos, à ordem de quem competir, da primeira prestação correspondente ao valor da quota, apurada nos termos determinados no parágrafo anterior; **Art.º 7.º** — A Sociedade será representada, em juízo e fora dele, activa e passivamente, pelos sócios gerentes, sendo, desde já, nomeados os seguintes: Manuel Gil Jorge, Maria Esmeralda Costa, Interel Gil e Luis Melendez Santos, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral; **1.º** — Para que a Sociedade fique alidamente obrigada, nos seus actos, contratos, torna-se necessária a intervenção conjunta e a assinatura de dois sócios gerentes ou de seus representantes; **§ 2.º** — Os sócios gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência nos outros sócios, ou em pessoa estranha à Sociedade, com o acordo desta, mediante procuração; **§ 3.º** — E expressamente proibido aos gerentes obrigar a Sociedade por avals, fianças, assenturas de favor ou em actos e contratos estranhos aos negócios sociais; **Art.º 8.º** — Por morte ou interdição e qualquer sócio a Sociedade não se dissolve, continuando com os sócios sobreviventes ou capazes, com o representante do interdição ou representante os herdeiros do sócio falecido, por estes nomeado; **Art.º 9.º** — As Assembleias Gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência de, pelo menos, 10 dias, salvo se a Lei prescrever outra forma de convocação e prazo. **ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL**
Cartório Notarial de Albufeira, sete de Agosto de 1976.

O Notário
Adolfo Armando Jorge Batalha

Estrangeiro

CIMEIRA DOS NÃO-ALINHADOS

Solidariedade internacional:
um dos deveres dos países
reunidos em Sri Lanka

COLOMBO (IPS) — Imediatamente depois do discurso do presidente da Líbia, Kadhafi, falou o vice-primeiro-ministro de Cuba, Carlos Rafael Rodríguez. O dirigente cubano trouxe a saudação de Fidel Castro, afirmando que não pode estar presente na reunião porque Cuba vive neste momento um importante capítulo da sua história, dado que se constituem os órgãos de poder popular, que serão eleitos através de uma assembleia geral em Novembro.

«Os acontecimentos passados entre a IV e a V Conferência dos Países Não-Alinhados — disse o vice-primeiro-ministro — deixaram claro que o nosso verdadeiro inimigo é o imperialismo, e que os países socialistas, liderados pela União Soviética, são os verdadeiros aliados dos povos na sua luta de libertação.

«Graças à ajuda dada aos povos em luta, podem estar connosco o Vietname unificado, Laos, Camboja, as ex-colónias portuguesas. Isto demonstra claramente, qual o inimigo a ser derrotado. No caso específico de Angola, o imperialismo tentou que numa colónia que sempre lutou pela sua independência, se instaurasse o neocolonialismo, para depois abrir caminho às companhias multinacionais.

«A solidariedade internacional — prosseguiu Rodríguez — é um dos deveres do Movimento dos Países Não-Alinhados, um dever permanente dos povos que avançam na via da Revolução. Para cumprir com este dever, milhares de cubanos foram combater ao lado dos militantes do Movimento Popular de Libertação de Angola. Mas Cuba e Angola não tinham a possibilidade de derrotar a superioridade militar do regime racista da África do Sul, nem a do imperialismo norte-americano.

A vitória do povo angolano pode-se verificar, graças à ajuda da União Soviética.

«Por este motivo pode-se considerar justa a afirmação feita por Fidel Castro, na Quarta Conferência, na Argélia, que sem a ajuda da União Soviética, o imperialismo teria vencido o povo de Angola. A vitória de Angola representa o primeiro exemplo de solidariedade militar internacional de dois países revolucionários, distanciados por milhares de quilómetros.

«Na Argélia — continuou o vice-meiro-ministro cubano — escutámos a dramática mensagem do então presidente do Chile Salvador Allende, que pedia ajuda para enfrentar o cerco implacável do imperialismo americano, que, baseado na

oligarquia chilena antipatriótica, preparava o golpe de Estado fascista. Outra vez a História nos esclarece contra quem devemos desenvolver a nossa luta principal.

«Cuba sente-se satisfeita de haver apoiado, junto com outros membros da Coordenação dos Não-Alinhados, a expulsão da Junta Militar chilena do nosso Movimento, porque não representa o povo chileno.

«Esta Quinta Conferência — continuou Rodríguez — deve ratificar as decisões precedentes de exigir a independência para Balize, e a restituição das ilhas Malvinas para a Argentina, a independência para o Porto Rico, que tem sido considerado pelos E.U.A. como possessão interna. A restituição do Canal de Panamá ao seu



O primeiro-ministro do Sri Lanka, senhora Sirimavo Bandaranaike, eleito presidente do Movimento dos Não-Alinhados, e que é a primeira mulher a adquirir este título, quando presidia aos trabalhos que decorrem em Colombo

próprio país. A conferência deve também considerar as manobras de desestabilização postas em prática pela C.I.A. na Guiana e na Jamaica.

Carlos Rafael Rodríguez referiu-se detalhadamente ao problema do Médio Oriente. Disse que o imperialismo pôs em prática uma divisão no mundo árabe, cujas dramáticas consequências se encontram nos acontecimentos do Líbano, donde o sionismo e as manobras de Kissinger desejam a

total liquidação do povo palestino.

«Vemos ainda com grande preocupação — adiantou Carlos Rafael Rodríguez — as ameaças económicas lançadas pelos E.U.A., e outros países capitalistas contra os resultados democráticos das últimas eleições italianas». O dirigente cubano deteve-se mais adiante sobre os temas principais da Conferência, que vão desde a autodeterminação do povo do Sara Ocidental, ao Oceano

Índico como zona de paz, ao problema de Chipre, de Djibouti. Exortou os países produtores de petróleo para que ajudem aos em vias de desenvolvimento que carecem desta matéria-prima.

Antes de finalizar a sua intervenção, o vice-primeiro-ministro cubano agradeceu à Conferência por haver eleito Cuba como sede da Sexta Conferência dos Países Não-Alinhados, que se celebrará em Havana, em 1979.

Tito: "O não alinhamento tem por objectivo
soluções universais"

COLOMBO, (IPS) — O discurso do marechal Tito caracterizou-se pelo seu tom moderado. Apelou para uma maior flexibilidade de um dos princípios norteadores estabelecidos em Belgrado, em 1961, pelo qual não podem ser membros nem observadores, os países que integrem blocos ou pactos militares.

«Nos últimos tempos — disse o líder jugoslavo — também certos países que pertencem às alianças político-militares, se aproximam da política de não-alinhamento, e deve-lhes ser brindado todo o apoio. E isto se deve a que eles vêm na política de não-alinhamento a via, e o modo de fortalecerem as suas posições e a defesa de seus próprios interesses, e ainda mais importante é que, em todas as partes, aumenta a consciência que o futuro da humanidade pertence a um mundo sem blocos».

Deste modo a Jugoslávia manifestou o seu acordo com aqueles que opinam que o ingresso de países pertencentes a blocos militares, contribui para o enfraquecimento destes blocos. Os que se opõem, como Cuba, argumentam que tal facto, debilitará e dissolverá o movimento.

Ambas posições se evidenciaram durante a reunião, a nível de chanceleres, aqui, quando, se discutiu o ingresso de Portugal, Filipinas e Roménia, os três pertencentes a pactos militares (respectivamente, NATO, SEATO e Varsovia).

A conferência finalmente adoptou uma solução de compromisso. Aceitar a presença destes países na qualidade de convidados — não podendo fazer uso da palavra — sendo esta a única vez em que participam.

Tito também apelou para uma maior unidade do movimento — «Os países não-alinhados devem solucionar os seus problemas bilaterais no seu lugar, e em outro momento» — A fim de obter uma maior eficácia na solução dos problemas internacionais de maior

relevo, especialmente no terreno económico, em cooperação com os países desenvolvidos. «Fazemos um apelo — disse — a todos os povos e governos para que cooperem nos esforços pela transformação do Mundo, dado que acreditamos que aquilo que representamos é de verdadeiro interesse para todos».

Assinalou que não obstante, «nas poderosas resistências, existem condições para criar novas relações internacionais, mais justas, como se evidenciou na IV UNCTAD reunida em Nairobi», mas sublinhou a necessidade de que os países não-alinhados, e em vias de desenvolvimento, desencadeiem «a colaboração construtiva com todos os demais países, partindo da interdependência, com o fim de estabelecer novas estruturas nas relações económicas, no interesse de toda a comunidade internacional e, especialmente, de um desenvolvimento mais acelerado dos países em vias de desenvolvimento».

O discurso do marechal Tito tratou, sobretudo, dos aspectos económicos, especialmente, no que leva à criação de uma nova ordem económica internacional, mas reiterou ideias políticas sobre um novo conceito de não-alinhamento. «O não-alinhamento — disse — converteu-se numa política mundial, dado que se baseia nos interesses integrais do mundo e aspira a soluções universais, em condições em que ainda são realidades as divisões ideológicas e outras. Por tudo isso — sublinhou — o não-alinhamento de nenhum modo pode limitar-se à estreita faixa dos países em vias de desenvolvimento, ou do chamado Terceiro Mundo, hemisfério sul, etc., Assim como o mundo de hoje é interdependente, também a política não-alinhada tem um carácter global». É necessária a participação «das mais amplas forças possíveis na plataforma da política de não-alinhamento».

Tito apelou a enfrentarem unidos as tentativas de dividir

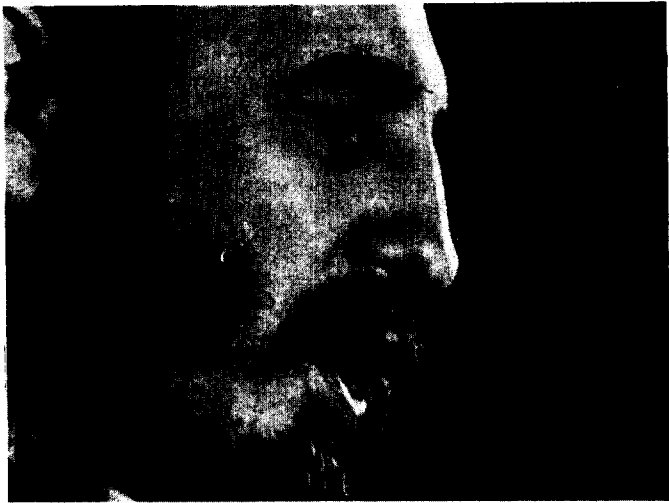
o movimento não-alinhado, ou de submeter alguns países do mesmo, à política de outras forças. «Se permitíssemos que entre os não-alinhados se aprofundassem os litígios sobre certos territórios, ou sobre questões limítrofes e similares — disse — representaria uma ameaça à liberdade e à independência de todos, em conjunto». Isto parece uma alusão à asperada polémica entre países africanos-Marrocos e Mauritânia, por um lado, Argélia e Benin por outro — sobre o problema do Sara Ocidental, problema que Tito não mencionou quando apontou os focos de tensão no Mundo.

Referiu logo a necessidade de converter o Mediterrâneo em zona de paz — não só o Índico — pediu a retirada das tropas israelitas dos territórios árabes ocupados e a solução

da crise libanesa sobre a base da soberania e integridade territorial do Líbano, e a concretização dos direitos nacionais do povo palestino.

Também condenou o racismo e a política de «Apartheid» na África Austral, apelando à «ajuda e ao apoio cada vez mais organizados, e eficazes, aos movimentos de libertação na sua luta contra os coloniais e racistas».

«Hoje somos testemunhos — alertou finalmente — das reforçadas pressões que os círculos imperialistas e monopolistas fazem sobre os países da América Latina e do Caribe. De qualquer maneira deseja-se impedir que eles se convertam em donos das suas riquezas, e por esta razão, tratam de minar a estabilidade interna de alguns países».



Fidel Castro, não presente na Cimeira por motivos políticos imperiosos do seu país (constituição dos órgãos do Poder Popular, cuja eleição está prevista para Novembro) teve quem por ele afirmasse que «o universalismo revolucionário é imprescindível para que os países caminhem para o socialismo



Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, foi alvo de todas as atenções: ele é o chefe de uma nação que ainda não comemorou um ano de independência. Um homem, enfim, com muita coisa a dizer: toda uma guerra, toda a História»



«Há um objectivo nesta Cimeira: todo um contributo para uma nova harmonia universal — disse Tito. — Pode dizer-se que o não-alinhamento é a independência, respeitando o Socialismo, para muitos países.

Geral

QUADRILHA DESFEITA

O casal de namorados eram polícias com barba...

Na cadeia do Montijo, um grupo de delinquentes aguarda a instrução de um processo que os levará à barra do tribunal. Eles são acusados de assaltar automobilistas (violando mulheres quando era o caso) na zona do Barreiro.

Avolumadas as queixas, a P. S. P. decidiu-se a preparar uma armadilha onde o grupo haveria de cair: à noite, um automóvel parou num sítio ermo, com duas pessoas lá dentro. Na aparência, era o amor...

A quadrilha aproximou-se (eles eram mesmo quatro) cercando as suas vítimas. Porém, no último momento, os assaltantes verificaram que a «garota frágil» que esperavam encontrar, tinha barba e cassete: do carro saíram dois polícias (à paisana) que manie-

taram os elementos do grupo.

Tratava-se de Sebastião Victorino, de 21 anos, residente no Lavradio, José, 17, e José Soares de 22, ambos moradores na Baixa da Banheira, e Carlos Claudino, de 23, residente no Lavradio. Este último foi entregue às autoridades militares, sendo os outros levados ao juiz do tribunal do Barreiro para recolherem, depois, à cadeia do Montijo, onde aguardam julgamento.

Refere-se que, por altura da detenção, os meliantes estavam armados de varapaus.

Por curiosidade: a maioria das «proezas» da quadrilha teve lugar na zona do Estádio Alfredo da Silva, um local aprazível que os namorados disputam a palmo.

Os Governos de Portugal e da República de Cabo Verde entregaram esta manhã os instrumentos de ratificação do Acordo Geral de Cooperação e Amizade e do Acordo de Cooperação Científica e Técnica.

Os dois acordos fazem parte dos cinco assinados já há algum tempo; mas ainda só estes foram ratificados pelos competentes órgãos de soberania dos dois países. Ao entrarem imediatamente em vigor vêm facilitar, nomeadamente, a burocracia para a permanência de cabo-verdianos em Portugal, que deixarão de pagar os quatrocentos escudos de alcavalas até agora necessários para a legalização da sua permanência e autorização de trabalho. Esta regalia já era conce-

dida aos portugueses residentes em Cabo Verde.

CORSINO FORTES ENTREGA CREDENCIAIS A GISCARD D'ESTAING

Os instrumentos de ratificação foram entregues esta manhã no decurso de uma cerimónia no Ministério dos Negócios Estrangeiros em que o Governo português se fez representar pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, e o Governo cabo-verdiano pelo embaixador dr. Corsino Fortes.

O embaixador de Cabo Verde em Portugal, dr. Corsino Fortes, entrega na próxima quinta-feira as suas cartas credenciais, como embaixador do seu país em França, ao chefe de Estado francês, Giscard d'Estaing.

Esta vai ser a terceira embaixada aberta por Cabo Verde na Europa. A primeira fora em Lisboa (aliás, a primeira no mundo), a segunda abriu há algum tempo na Holanda estando agora a ser dirigida pelo encarregado de Negócios Alirio Silva. Tal como Corsino Fortes, o representante de Cabo Verde na Holanda é um dos mais conhecidos poetas do ar-

quipélago que usa o pseudónimo de Tacalhe.

Cabo Verde mantém neste momento abertas embaixadas próprias em vários países africanos: Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e República Popular do Congo. Noutros locais, como nos países do Leste Europeu tem embaixadas conjuntas com a Guiné-Bissau. Também há pouco tempo foi aberta a embaixada nos Estados Unidos, sendo embaixador o juiz dr. Querido Varela.

Portugal, Holanda, França e Estados Unidos são os países onde existe maior número de emigrantes cabo-verdianos.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

MOÇÃO

A Direcção e os Trabalhadores do Sindicato da Panificação reunidos em Assembleia Geral em 15 de Agosto de 1976, decidem por unanimidade manifestar o seu mais vivo agradecimento, pela elevada prova de solidariedade que nos foi dada por tantas e tantas Comissões de Trabalhadores, Moradores e Sindicatos, de todo o País no incentivo e apoio manifestado para com a luta da nossa classe pelas negociações do C. C. T.

A DIRECÇÃO

MOÇÃO

— Reconhecendo que os interesses dos trabalhadores face à reacção e ao patronato, só podem ser convenientemente defendidos se toda a classe trabalhadora se mantiver **UNIDA e ORGANIZADA**.

— Reconhecendo que a divisão só interessa aqueles que nos exploram e que a custa dela têm, como único objectivo, prolongar a nossa exploração, mantendo os seus privilégios e impedindo a nossa luta pelo socialismo.

— Reconhecendo que aqueles que atacam a Unidade Sindical e a Central Única dos Trabalhadores Portugueses — intersindical, são precisamente aqueles que defendem os interesses do patronato, pois a nossa dispersão por várias centrais sindicais só ao patronato e à reacção podem interessar.

— Reconhecendo que o Congresso dos Sindicatos a realizar brevemente, pretende precisamente pretender aquelas forças, pelo reforço da nossa organização sindical e da Unidade Sindical.

— Reconhecendo que o Congresso dos Sindicatos, a realizar brevemente, pretende precisamente garantir, manter e defender os nossos interesses organizativos, de molde a que possamos, todos os trabalhadores, formar barreiras à recuperação capitalista, garantir o cumprimento da Constituição e a democracia orientada para o socialismo.

DECIDIMOS:

- 1 — Tornar público o nosso firme repúdio pela projectada alteração da lei da Unidade Sindical;
- 2 — Apoiar todos os esforços desenvolvidos no sentido da realização do Congresso dos Sindicatos pelo Secretariado da Intersindical Nacional;
- 3 — Aderir completamente à realização desse Congresso;
- 4 — Manifestar a nossa confiança e firme convicção de que todos os trabalhadores portugueses, a nosso exemplo, não se deixarão enganar pelo canto das sereias dos que nos pretendem dividir para melhor nos submeterem à sua exploração e saberão compreender que só verdadeiramente **UNIDOS e ORGANIZADOS** em torno da nossa Central Sindical **UNICA/INTERSINDICAL, VENCEREMOS!**

A Direcção e os Trabalhadores da Panificação aprovaram por maioria e uma abstenção esta moção.

A DIRECÇÃO

MOÇÃO

— Considerando que os trabalhadores são a mola real da economia.

— Considerando que são as classes laboriosas as únicas interessadas na estabilização do regime democrático e no avanço rumo ao socialismo.

— Considerando as cada vez maiores dificuldades que vêm arrogantemente sendo opostas aos trabalhadores e às suas organizações, pela burguesia capitalista, interessada exclusivamente na sua recuperação como classe dominante e nada interessada na democracia e muito menos no socialismo.

— Considerando ainda que ao Governo deve competir a resolução dos problemas das classes trabalhadoras, não favorecendo o processo de recuperação capitalista da economia e que a democracia e o socialismo só se atingem legislando e governando para com os trabalhadores e nunca contra eles.

EXIGIMOS:

Uma clara definição política do Governo em matéria dos interesses de classe que pretende defender, o que passa, desde já, por uma rápida e urgente resolução dos problemas dos trabalhadores em geral, com respeito exclusivo pela sua vontade, e dos trabalhadores da Panificação em particular, no domínio da resolução dos problemas que afectam a nossa classe, definindo pela prometida Portaria de Regulamentação de Trabalho os nossos direitos, como consta da nota oficiosa tornada pública pelo Ministério do Trabalho, com directa intervenção dos trabalhadores do sector através dos seus representantes e na base do nosso C. C. T. cuja negociação foi rejeitada pelo patronato.

Propõem os trabalhadores estabelecer um prazo até 30 de Setembro de 1976 o qual consideram mais que suficiente para a elaboração da Portaria a fim de não ficarem prejudicados, exigem que esta tenha retroactividade a partir de 12 de Junho de 1976, data do termo da vigência do contrato de 1975.

Exigem que sejam efectuadas pelo menos 4 reuniões de trabalho por semana.

Reservam-se os trabalhadores da Panificação o direito de encetarem as formas de luta mais convenientes a fim de impor a resolução dos seus problemas, caso não seja dada continuidade aos trabalhos de elaboração da Portaria já encetados em 12 de Agosto e caso a Portaria não venha a ficar concluída dentro do prazo estabelecido.

A Direcção e os Trabalhadores da Panificação aprovaram por unanimidade esta moção.

A DIRECÇÃO

P.J. segue "passadores" de dólares falsos

Vinte e um mil e quinhentos dólares falsos (em notas de cem) acabam de ser apreendidos pela Brigada de Moeda Falsa da Polícia Judiciária de Lisboa.

A apreensão verificou-se no Porto (20.000) e em Coimbra (1.500).

Por altura desta operação, a P.J. deteve um cidadão português, cuja identidade não foi ainda revelada por motivos de segurança nas investigações. Aguarda-se para breve a detenção de outros elementos ligados à rede de «passadores».

Outras informações obtidas junto da P.J. fazem crer que os dólares falsos agora apreendidos não têm as mesmas características (e defeitos) das notas que se fabricavam em Faro e Vila Real de Santo António e passaram a ser referenciadas por «dólares algarvios».

Ainda assim, não se exclui a hipótese destes novos dólares terem sido obra do técnico falsário há tempos detido pela Judiciária, por implicação na emissão dos «dólares algarvios», já que o mesmo indivíduo fabricara idênticas notas em Angola. Teríamos assim

«dólares angolanos» a inundar o mercado.

Todavia, e a despeito das circunstâncias apontarem para esta hipótese, também se admite que, face à instabilidade que se observa (e tomando em linha de conta as dificuldades de se obter dinheiro estrangeiro nas casas de câmbios comuns) falsários de toda a parte «descubram» em Portugal o «melhor» país para o desenvolvimento da sua actividade.

Recorda-se, a propósito, o recente aparecimento de florins falsos.

Liamba

Cinco tiros em pleno Rossio

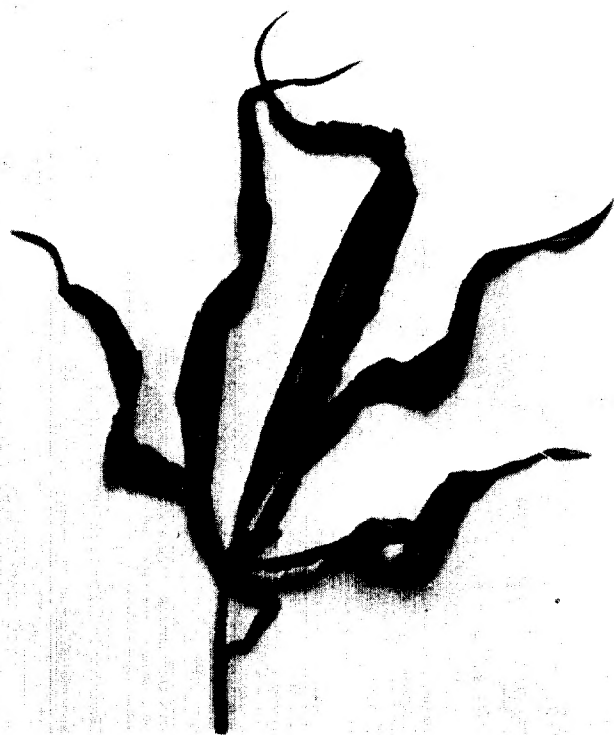
Um agente da P.S.P. disparou ontem cinco tiros para o ar, na intenção de intimidar o «passador» de liamba.

Aconteceu em pleno Rossio, e o Paulino, de 16 anos, natural da Gabela (Angola) acabaria por ser detido na R. Augusta, por populares que lhe moveram perseguição.

Eram três da tarde. Duas horas depois, outro agente fez um tiro para o ar, desta vez para dissuadir o António, de 24 anos, natural de

Sã da Bandeira (Angola). Também este vendia liamba no Rossio. Acabou por ser detido por populares quando tentava

alcançar a Rua do Ouro. Característica comum: a Polícia abre fogo, os populares perseguem-nos.



Esta é uma folha de liamba recentemente apreendida pela P. J. Como temos noticiado, plantas destas têm sido detectadas em quintais e jardins públicos, seguindo-se numerosas detenções de indivíduos que pretendem vender «cigarinhos» em plena rua

Sindicato dos Engenheiros Técnicos Agrários

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do Artigo 31.º alínea b) dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o próximo dia 30 de Agosto pelas 21 horas, na sede social deste Sindicato, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte:

Apreciação do Relatório e Contas de 1975

Lisboa e Sede do Sindicato dos Engenheiros Técnicos Agrários, 15 de Agosto de 1976

O Presidente da Assembleia Geral

a) Manuel Henrique Pinheiro Santos

Trabalho

SOFORMEL — UM ANO EM AUTOGESTÃO

Das vitórias às dúvidas

«Já não somos apenas trabalhadores que entram às nove para sair ao meio-dia, que regressam às duas para ir para casa às sete. Somos trabalhadores verdadeiramente interessados no desenvolvimento da empresa que gerimos e que queremos ver cada vez mais expandida. Em autogestão há um ano, muitos de nós sabiam gerir — e muito à nora — a sua casa. Mas os resultados do nosso trabalho estão à disposição de todos. Aumentámos postos de trabalho. Liquidámos para cima de cinco mil contos do passivo herdado da má gerência patronal. Fornecedores e clientes confiam em nós». Assim falou, calmo e directo, Vitor Santos, da Comissão de trabalhadores da Soformel, empresa distribuidora de medicamentos que em Agosto do ano passado, após ocupação das instalações pelos trabalhadores, entrou em autogestão.

Houve ontem à tarde uma pequena festa na Soformel. A Intersindical (por telegrama de congratulações enviado), a União dos Sindicatos de Lisboa, o Sindicato da Indústria e Comércio Farmacêuticos, o Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativas estavam representados. Presentes ainda, no informal convívio, muitos delegados sindicais e representantes de Comissões de trabalhadores de empresas congêneres.

A «festa», no entanto, embora festa, não era foguetório. Os trabalhadores da Soformel lucidamente expuseram aos representantes dos órgãos de Informação que aceitaram o convite, a gravidade dos problemas que continuam a ter pela frente. O maior deles, a incerteza que continua a pairar no respeitante à passagem de credenciais. Verdade que o Ministério do Trabalho ainda não recusou «passar o papel». Mas

os trabalhadores, conscientes de que podiam melhorar e alargar o trabalho da firma, continuam dependentes de prazos atribuídos. Passa-se uma credencial para três meses, depois para um mês, depois para dois, e nada de definitivo é resolvido por lei, quanto ao destino desta e de muitas outras pequenas empresas em autogestão e cooperativas.

«A demora só interessa aos patrões» — ouvimos dizer a um representante do Sindicato da Indústria e Comércio Farmacêuticos. Na opinião deste dirigente sindical, a não existência, ainda, de legislação que regula a vida destas empresas possibilitou, desde já, ao abrigo das determinações do ex-ministro do Trabalho Tomás Rosa, que os patrões desencadeassem todo um processo contra as firmas que abandonaram à sua sorte, no sentido de virem a recuperar aquilo que os trabalhadores, «dando

o copro ao manifesto», conseguiram manter de pé, assegurando os seus postos de trabalho e a sobrevivência das suas famílias. Conforme nos assegurou um representante do Secretariado das Empresas em Autogestão, cerca de 70 por cento destas empresas têm já em tribunal processos de contestação movidos por ex-patrões. Estará a máquina judicial do lado dos trabalhadores? Quando sairá cá para fora a legislação adequada a casos como o da Soformel e tantos outros? Muitas dúvidas estão no espírito dos trabalhadores, que continuam a aguardar uma clara definição da política do Ministério do Trabalho.

Elaborado pelo Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativa foi entregue, em devido tempo, aos órgãos do Poder e reentregues há pouco à Assembleia da República, uma proposta de regulamentação das empresas em causa. Até agora não houve resposta. A falta de legislação está a manietar a capacidade de iniciativa operária e a favorecer o patronato, conforme nos foi sublinhado. Entretanto, no caso específico da Soformel, foi-nos garantido que «temos cá dentro uma grande unidade e temos avançado». A unidade e o avanço — sublinharam-nos tem assentado num grande espírito de solidariedade por parte das comissões de trabalhadores das empresas do ramo — «empresas fornecedoras e empresas clientes. É a existência dessa unidade que nos alimenta a fé» — disse-nos um trabalhador. Entretanto, no fim de Setembro, termina o prazo de validade da última credencial passada pelo Ministério da Praça de Londres. Até lá, Marcelo Curto, responsável pelas questões de trabalho no «Governo Definitivo», terá decerto uma palavra a dizer. Os trabalhadores presentes na «festa» da Soformel aguardam que ela não seja contrária aos seus interesses e ao da classe operária em geral.

J. PIMENTA

Acção judicial

contra ex-administração

Eleva-se a mais de 93 mil contos o valor das indemnizações exigidas aos ex-administradores da firma de construções J. Pimenta, na acção judicial proposta no Tribunal da Comarca de Sintra no passado dia 3. O facto foi revelado pela comissão de trabalhadores que esta manhã deu uma conferência de imprensa em Lisboa.

Afirmam os trabalhadores que a referida quantia será «grandemente aumentada se forem confirmadas as suspeitas fundadas relativas a outros prejuízos muito avultados causados à empresa pelos então seus administradores». Esses prejuízos resultam quase totalmente de actos praticados em benefício próprio do ex-administrador J. Pimenta e da Sociedade Empreiteira de Construções Urbanas J. Pimenta, Lda, propriedade exclusiva de João Pimenta, mulher e filhos. Estas empresas tinham como administradores, além daqueles e do genro de J. Pimenta, mais seis pessoas.

A acção proposta no tribunal vem na sequência do processo iniciado no dia 4 de Março, data em que foi deliberada a intervenção do Estado naquele grupo de empresas, tendo então sido suspensos os corpos sociais em exercício e o congelamento dos bens móveis e imóveis dos administradores. A acção de condenação destina-se a determinar judicialmente as indemnizações, devidas à empresa e os responsáveis pelo seu pagamento.

Adianta o comunicado distribuído na conferência de imprensa que sendo muitos dos actos cometidos pelos ex-administradores altamente prejudiciais para a empresa, será o Governo a determinar quais os que caem na alçada da lei e a fazer a participação criminal.

Na conferência foi também revelada a situação de falência da empresa que em 31 de De-

zembro de 1974 montava a 700 mil contos. Foi revelado que, no entanto, desde que se encontra na empresa a Comissão Administrativa representante do Estado, o número de fogos para entregar a clientes aumentou de 505 para 800. Relativamente a grande número de fogos já alugados mas não entregues ainda aos seus compradores que os adquiriram para rendimento esclarece a Comissão de Trabalhadores que «sobre muitos dos prédios que tinham sido construídos ainda pela ex-administração ou que até à data do abandono da empresa por João Pimenta se encontravam em construção pesavam muitas hipotecas quer à Banca quer a particulares, as quais é necessário pagar e distratar». Acrescenta a CT que em Abril passado, depois de muitas diligências junto do Governo, conseguiram o aval para a libertação de muitos prédios hipotecados à Banca, o que possibilitará a realização de grande número de escrituras com os actuais promitentes compradores.

OPORTUNISMO DA EX-ADMINISTRAÇÃO

A propósito da recente reunião de promitentes-compradores em Coimbra, à qual o CA da J. Pimenta SARL, enviou um telegrama de apoio, afirmando que «os vossos problemas só não estão resolvidos porque o sr. general Vasco Gonçalves nos impediu de continuarmos à frente da nossa empresa», ressaltam os trabalhadores que o principal responsável pela situação da empresa J. Pimenta fugiu para o Brasil em 13 de Fevereiro de 75, considerando uma «escandalosa e repugnante mentira» a invocação do general Vasco Gonçalves como «causador do seu afastamento».

AINDA ESTE ANO

Acordo com a U.R.S.S. para turismo social

No decorrer de uma conferência de imprensa realizada ontem no Teatro da Trindade, na qual estiveram presentes Rogério Paulo, Fernando Chamber, o major Lobo César e Dórdio Guimarães pelo INATEL, e Gennadi Chibaev, Alexandre Barsoukov e Vitor Trofimenko, que constituem a delegação do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos que se encontra de visita ao nosso país, foi anunciada a próxima concretização, através das duas organizações referidas, de acordos de intercâmbio no domínio do desporto, da cultura e do turismo social entre trabalhadores portugueses e soviéticos.

A visita da delegação do Conselho Central dos Sindicatos

Soviéticos insere-se nas diligências que têm sido feitas no sentido de estudar as possibilidades reais de intercâmbio. A estada de uma delegação do Inatel na URSS, há alguns meses, constituiu a primeira fase dessas diligências. Um representante da Intersindical e do INATEL deslocar-se-á ainda este ano àquele país para assinar o acordo final.

O intercâmbio desportivo será intensificado através da deslocação à URSS de equipas de futebol de amadores, de vôlei e de corta-mato. Quinze animadores desportivos frequentaram já um estágio naquele país socialista.

Os sindicalistas soviéticos forneceram aos jornalistas al-

guns números significativos, relacionados com o trabalho desenvolvido no seu país no capítulo da organização dos tempos livres e das férias dos trabalhadores. Os sindicatos soviéticos possuem, espalhadas pela URSS, 22.000 casas de cultura, cerca de 30.000 colónias de férias e casas de repouso, e cerca de 300.000 instalações desportivas, das quais 2.000 estádios, 9.000 ginásios e cerca de 1.000 piscinas cobertas.

Relativamente ao intercâmbio cultural, há a intenção de enviar representações portuguesas (de folclore, teatro e cinema) à União Soviética, bem como a de promover a ida a cursos de formação de animadores culturais.

No que respeita ao turismo social, a capacidade do INATEL para receber, em regime de intercâmbio, trabalhadores soviéticos, foi considerada «limitada» (três colónias de férias estão ocupadas por retornados). Existem, porém, possibilidades de alargamento mediante uma acção devidamente planificada.

Mantém-se

a greve

na Domingos Oliveira

A situação na tipografia portuguesa Domingos de Oliveira, mantém-se com a paralisação dos serviços.

Como já ontem noticiámos, os 70 trabalhadores da empresa estão em greve desde a passada sexta-feira, exigindo o pagamento de 23 dias em atraso e o subsídio de férias.

Ontem, realizou-se na delegação do Porto do M.T. uma reunião entre representantes dos trabalhadores e o patronato. Contudo, nada ficou resolvido pelo que se mantém o impasse naquela tipografia. Amanhã, haverá nova reunião no mesmo local com vista a solucionar o conflito.

A.C.: comissão de trabalhadores suspensa indefinidamente

A Comissão Administrativa da «AC — Trabalhos de Arquitectura e Construção S. A. R. L.» suspendeu com vencimento mas por período indefinido dez elementos da Comissão de Trabalhadores da empresa em causa, o seu secretariado.

A suspensão culminou um longo processo de reivindicações da Comissão e mutismo da C. A. o, que cavou um

fosso cada vez mais fundo entre os dois órgãos da firma. O pomo de discórdia foi a ocupação, isenta de violência, segundo os trabalhadores, de uma sala, pelo secretariado da Comissão de Trabalhadores para aí promover as suas reuniões de trabalho reivindicando que há muito vinha sendo feita. A Comissão Administrativa suspendeu os trabalha-

dores por oito dias, depois por dezasseis, e, finalmente, por tempo indefinido, instaurando-lhes ao mesmo tempo processos disciplinares, aos quais os trabalhadores suspensos vão decidir se dão resposta. A justificação para a punição é que a ocupação se fez sem o devido assentimento dos superiores hierárquicos.

«Essa foi a causa próxima da suspensão», disse-nos um dos trabalhadores suspensos, «mas a nossa luta arrasta-se já desde 74, e uma das reivindicações que então fazíamos ainda não foi atendida: quando a C. A. promoveu reajustamentos salariais não o fez em relação aos trabalhadores que temos na serra da Estrela, com a justificação de que pertenciam a outro sindicato. Mas isso no fundo é uma ilegalidade».

A suspensão arbitrária do Secretariado da AC — Arquitectura e Construção provocou um movimento de solidariedade por parte de trabalhadores e organizações sindicais, entre as quais a União dos Sindicatos de Sines, Sindicatos da Construção Civil e Metalúrgicos de Setúbal, Comissão Intersindical dos Trabalhadores da Icesa e Comissão Central de Trabalhadores de A. Silva e Silva.

Vitória dos operários da Sampaio Ferreira

Os trabalhadores da empresa têxtil Sampaio Ferreira, em Delães, forçaram o patronato a pagar-lhe o subsídio de férias em atraso, ao cabo de uma paralisação de 24 horas.

Apesar da entidade patronal, dois dias antes das férias, se ter justificado dizendo que a Banca não tinha emprestado o dinheiro, certo é que este apareceu logo que os trabalhadores paralisaram em quantidade suficiente para satisfazer metade da dívida. O pagamento do restante está já garantido.

A este respeito, comenta o Sindicato Têxtil de Braga: «Se vocês ficassem calados e quietos temos dúvidas que recebessem algum».

O Sindicato aconselha os trabalhadores da Sampaio Ferreira a tirarem lições desta luta, a aprofundarem a unidade, e a eleger uma comissão sindical que defenda os seus interesses.

A anterior comissão foi demitida por pressão da entidade patronal, que convenceu os trabalhadores de que, sem ela, a situação da empresa melhoraria rapidamente. De então para cá, sucederam-se violações dos direitos dos operários.

Esta foi mais uma. Mas que se transformou numa vitória dos trabalhadores.

PESSOAL DA C.M.L.

Encerramento ao sábado e 40 horas semanais

Os trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, presentes ontem, num plenário efectuado no Pavilhão dos Desportos, decidiram deixar de trabalhar ao sábado, a partir da próxima semana, passando a cumprir um horário de 40 horas semanais.

A medida foi decidida tendo em consideração que grande parte dos trabalhadores da CML ainda têm horários de 45 horas semanais. No entanto, em certos sectores administrativos onde os horários já eram inferiores, deverão começar, a partir de segunda-feira, a praticar o horário semanal com o mesmo número de horas, mas divididas de segunda a sexta-feira.

Na reunião ficou decidido que deverá efectuar-se novo plenário no dia 16 do próximo mês para que, no caso de não terem sido aceites os horários agora impostos pelos trabalha-

dores, se decida se deverá ou não ser iniciada uma greve. Mas, segundo nos informou esta manhã um elemento da organização pró-sindical da CML, «a Comissão Administrativa já deu o seu parecer favorável a esta medida. Quem se tem oposto, especialmente agora como o novo Governo, é o Ministério».

Na proposta aprovada ontem pelos trabalhadores, exige-se que «nos serviços em que não se possa fechar no sábado e domingo se exija a admissão de mais pessoal para fazer face às exigências de serviço».

A partir de agora, de acordo com a deliberação tomada os trabalhadores administrativos passarão a cumprir o seguinte horário: segunda e terça-feira das 9 às 12 e das 13 e 30 às 18 horas. Entre quarta e sexta-feira das 9 às 12 e das 12 e 30 às 17 e 30. A sexta-feira das 9 às 12 e das 13

Geral

Ultramar: uma palavra a desmontar

Embora já sem colónias, em consequência do movimento libertador que se processou a partir de 25 de Abril de 1974, Portugal ainda ostenta em determinados serviços públicos uma palavra que, sem dúvida alguma, constitui uma ofensa para as jovens nações africanas de expressão portuguesa.

«Que palavra?» — pergunta o leitor.

Uma palavra de três sílabas, que nos encheu os ouvidos durante a instrução primária, e também nos estudos posteriores, e, finalmente, pela vida fora. Em resumo: a palavra ULTRAMAR.

Quem, por exemplo, entre numa estação ou numa central dos CTT, retrocede imediatamente até 24 de Abril. E isso

porque a dita palavra, em caracteres metálicos, muito bem definidos, encontra-se colocada no topo das aberturas que recebem a correspondência, quer seja uma carta, quer seja um postal...

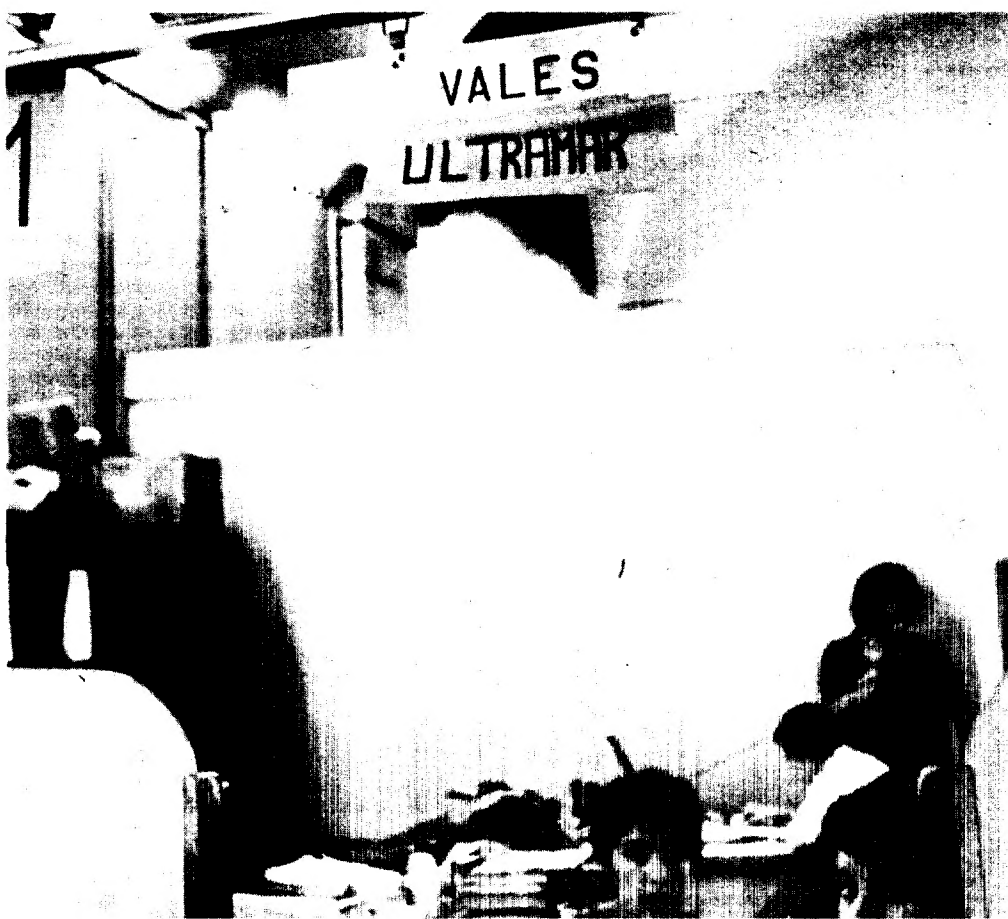
Dado que as colónias portuguesas se tornaram independentes, é óbvio que neste momento são Estados soberanos, usufruindo de todos os direitos, fazendo parte da comunidade internacional. Melhor dizendo: são países estrangeiros. Países estrangeiros ligados a Portugal por múltiplos laços, é verdade, mas países estrangeiros com todos os pontos nos li.

«Assim sendo...» — dirá o leitor.

Assim sendo, a solução para

tão triste esquecimento será muito fácil: basta pura e simplesmente retirar (desmontar) a palavra ULTRAMAR. Letra a letra, com todo o civismo, toda a consciência de quem se liberta de uma injustiça que os puros capitães de Abril souberam sacudir e que para sempre ficará na História como um ponto de referência inesquecível. Ou não será assim? Será que pusemos um ponto final no colonialismo em África e continuamos com o «colonialismo» nas estações e centrais dos CTT?

Somos de opinião que o colonialismo acabou mesmo. E que só por descuido é que a palavra ULTRAMAR se mantém ainda em certos serviços públicos do País...



Estrangeiro

CABO VERDE

Fazer da saúde e assistência tarefa das massas populares

No primeiro trimestre do corrente ano foram dadas 44 039 consultas à população de Cabo Verde que deve andar pelos 300 mil cidadãos residentes. Se compararmos com igual período no fim da dominação colonial (Janeiro, Fevereiro e Março de 74) e vimos que foram então de 17 387 as consultas médicas registadas; se confirmarmos que o número de médicos subiu apenas de 20 para 29, entre a independência e a actualidade, poderemos avaliar o esforço que está a ser feito no arquipélago para atender às necessidades de assistência médica da população.

Este esforço partiu tanto dos responsáveis da Saúde e Assistência Social, como dos próprios médicos e pessoal da Saúde e até, do povo em geral pois, como insistentemente repetem as declarações políticas a saúde e a assistência social têm de ser tarefas das massas populares. Foi aliás com esta declaração que o ministro da Saúde, Manuel Faustino, abriu uma entrevista recente em que abordou os problemas enormes que se oferecem, no domínio da saúde, na República de Cabo Verde.

«As estruturas sociais existentes estavam ao serviço de uma reduzida minoria da população. A grande maioria vivia entregue a si própria ou encostada à falsa caridade dos colonialistas. Assim acontecia no domínio da saúde. Dos 20 médicos fixados no país, 17 concentravam-se em duas cidades atendendo 27 por cento da população. Hospitais havia apenas dois, construídos no século passado. O campo encontrava-se completamente abandonado. O mesmo se passava no domínio da assistência social. Aliás, esta, confiada a um assistente e quatro auxiliares, praticamente não existia. As intervenções que se verificavam eram no sentido da escola, como que se tentava cobrir buracos e enganar as massas, impedindo o eclodir da sua revolta.»

A caracterização da situação que precedeu à independência, contida nas anteriores palavras do ministro Manuel Faustino, dá uma ideia das tarefas que se ofereciam e continuam a oferecer aos responsáveis.

Alguma coisa se fez. Muito há a fazer. Para já: alimentar cerca de 50 mil pessoas sem recursos, combater a mortalidade infantil que chega a atingir uma taxa de 95 por mil, vacinar a população, em massa, para evitar as moléstias mais frequentes e susceptíveis de serem prevenidas.

A entrevista concedida pelo dr. Manuel Faustino ao jornal «Nô Pintcha» de Bissau, de onde extraímos a maior parte destas informações fala, concretamente, da questão das vacinas:

«Têm sido efectuadas campanhas de vacinação. Está a decorrer uma campanha que visa atingir todas as crianças em idade escolar. Não temos avançado mais por falta de estruturas. Mas procuraremos incentivar o pessoal para actuar nesse sentido. Os agentes sanitários vão ter uma intervenção essencial no capítulo preventivo a nível de todos os postos sanitários. O seu trabalho tem de estar em estreita ligação com a Educação.»

Aborda também a distribuição de ajuda alimentar e a sua conjugação com o combate mais vasto e mais difícil ao desemprego generalizado em certas ilhas, nomeadamente em S. Vicente:

«O desemprego é o mais grave dos nossos problemas sociais» — diz Manuel Faustino.

Os números da saúde em Cabo Verde

	Em 5/7/1974	Hoje
Médicos de clínica geral	15	29
Médicos especialistas	5	8
Enfermeiros	120	127
Assistentes sociais	1	11
Auxiliares sociais	4	4
Técnicos do serviço social	5	6
Postos sanitários	27	33
	1º trimestre 74	1º trimestre 76
CONSULTAS	17.387	44.039
VACINAS	1º semestre/76 : 48.000	

«A assistência alimentar atinge 50 mil pessoas, um sexto da população do arquipélago. Desempregados, inválidos, pessoas sem quaisquer recursos encontram aí a única hipótese de sobrevivência.

«Começámos a reduzir a ajuda alimentar, que é totalmente gratuita e não tem qualquer finalidade lucrativa. Não queremos abandonar as pessoas, mas sim reverter este apoio, aplicando-o em actividades produtivas o mais rapidamente possível. Além do mais, a ajuda alimentar, como está a ser praticada, cria muitos vícios: preguiça, oportunismo, espírito de mendicância.

«Não existem estatísticas sobre o desemprego em Cabo Verde. Mas a situação pode classificar-se de desemprego

no. «Atrás dele vêm outros problemas: alcoolismo, prostituição.

«Paradoxalmente, não se regista entre nós acentuada delinquência.»

ELEVADÍSSIMA TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL

Dos 29 médicos existentes na jovem República — oito dos quais são cooperantes estrangeiros — 15 trabalham em Santiago, 10 em S. Vicente, dois em Santo Antão, um no Sal e na Ilha do Fogo. Maio e Brava ainda não têm médicos, mas foram sacrificadas quando se planificaram as prioridades a atender uma vez que têm apenas cerca de três mil habitan-

tes cada.

Quinzenalmente desloca-se um médico às ilhas onde ainda não foi possível fixá-los o que evita o abandono permanente a que a população destas ilhas estava entregue durante a colonização. Não é ainda a des-centralização perfeita, pois o número de quadros é insignificante para as necessidades, mas é um apontar de caminho.

Segundo dados publicados no jornal «Voz di Povo», da cidade da Praia e que são da responsabilidade do Ministério da Saúde e Assuntos Sociais, só no mês de Julho foram vacinadas pelo BCG 12 000 pessoas. No primeiro trimestre deste ano já se haviam vacinado 48 000 pessoas.

Até há pouco tempo as consultas médicas eram gratuitas. Mas quando foi necessário fazer as contas e preparar o Orçamento para o novo ano chegou-se à conclusão que isso não seria possível, para já:

«Tal como aconteceu na Guiné-Bissau, as prestações médicas deixarão de ser gratuitas em Cabo Verde. A população passará a contribuir para o seu pagamento, na ordem directa dos seus rendimentos.

«Não temos estruturas nem condições económicas para continuar com a medicina gratuita. Herdámos essa situação, que havia sido criada por demagogia. A medicina totalmente gratuita era também um factor de indisciplina. Não pagando, as pessoas não participam na construção e defesa das estruturas sanitárias. Limitam-se a receber cuidados na condição de objectos.

«O recurso ao pagamento dos cuidados médicos permitirá uma assistência melhor e menos onerosa para o Estado.»

Para quem conheça um pouco do comportamento dos senhores coloniais em relação aos povos que oprimiam (aliás também do comportamento dos mesmos portugueses em relação ao Povo português igualmente submetido à sua obsoleta ditadura), o enunciar de carências e dificuldades não espanta.

Mas há quem não veja as questões no seu realismo. Para esses, alguns dados mais, extraídos da entrevista de Manuel Faustino e relativos à batalha pela limitação dos nascimentos que, parece, está a ser ganha pelo uso crescentemente generalizado de anticoncepcionais. Disse o ministro da Saúde:

«A taxa de natalidade, da ordem dos 30 por mil, é muito elevada. E a de mortalidade infantil ainda o é mais: 95 por mil. Verifica-se, deste modo, que um elevado número de crianças nasce para morrer. Inutilmente.

«É evidente que neste capítulo não se vai impor coisa nenhuma às pessoas. Apenas prestar o máximo de informação sobre os perigos que correm, a todos os níveis, deixando-lhes liberdade de escolha, e criando as condições para que essa escolha seja possível.

«Vamos pôr à disposição das pessoas, vários métodos anticoncepcionais. Temos uma experiência-piloto de colocação de dispositivos intra-uterinos no Centro Social de S. Vicente. A partir do seu resul-



Vacinação em massa, sobretudo para atingir de imediato toda a população em idade escolar, foi a principal ocupação do Ministério da Saúde de Cabo Verde

tado, e das discussões com organizações internacionais, elaboraremos um projecto para a divulgação de contraceptivos. Recorreremos também à educação sexual.

Segundo Manuel Faustino, até há pouco tempo verificava-se em Cabo Verde uma grande resistência à utilização de contraceptivos. Essa resistência praticamente desapareceu. Como as intervenções do Governo nesse sentido foram bastante limitadas, pode dizer-se que desapareceu espontaneamente.

TAREFAS A CURTO PRAZO

Fechamos esta informação sobre a saúde em Cabo Verde dando conta das tarefas a curto prazo que o Ministério da Saúde e Assuntos Sociais prevê, segundo documento tornado público recentemente:

«A curto prazo pensamos

criar e equipar sete centros sociais, distribuir técnicos sociais pelas ilhas mais populosas e reforçar as outras actividades. Simultaneamente equiparemos 27 postos sanitários, abriremos um posto sanitário na ilha do Maio, colocaremos um médico em S. Nicolau e um na Brava, inauguraremos as obras de aproveitamento do telegrafo em S. Vicente, iniciaremos as de Pediatría na Praia e distribuiremos alguns meios de transporte para as ilhas mais carenciadas, abriremos escolas de enfermagem, prepararemos agentes sanitários, prosseguiremos as beneficiações das estruturas sanitárias, etc.

É claro que os nossos pontos não passarão de meras declarações de intenção e medidas a tomar não se mais do que gotas de água oceano, se não conseguirmos que a Saúde e Assuntos Sociais sejam de facto tarefa das massas populares.»



Manuel Faustino, ministro da Saúde e Assuntos Sociais

Estrangeiro

MÉXICO:

"Far-West" em 1976 apesar da Reforma Agrária

JOAQUIM ANDRADE

CIDADE DO MÉXICO (IPS) — Os dados oficiais revelam que há seis décadas a Reforma Agrária avança, tirando a terra dos latifundiários e repartindo-a entre os camponeses. Entretanto, são frequentes as denúncias de que em vários estados da República, uma só família detém milhares de hectares. Uma das últimas denúncias, apresentada e divulgada há pouco, é dirigida contra o cidadão norte-americano

Robert Wood, que no estado de Sonora possui 70 000 hectares, os quais foram propriedade da tribo de índios Papago. Dizem os representantes dos índios Papago que os métodos empregados para a obtenção das terras foram a violência e as artimanhas usuais dos clássicos filmes de «Far-West».

Os Papagos, que habitavam essas terras desde tempos remotos, mostram títulos e outros

documentos, datados de 1940, onde se especifica a sua propriedade sobre o que agora é o grande feudo do norte-americano Robert Wood. Mais recentemente, em 1973, solicitaram à Secretaria da Reforma Agrária que confirmasse a propriedade dos Papagos sobre essas terras.

O norte-americano acusado de usurpação chegou ao estado de Sonora em 1942. Desde então, e em conluio com as

autoridades locais, apoderou-se de mais e mais terras que pertenciam à comunidade indígena. O procedimento, aparentemente usual no México, consistia em obter «testas-de-ferro», que figuravam legalmente como proprietários de extensões de quatro a cinco mil hectares, cada um.

Curiosamente, entretanto, todos os «testas-de-ferro» a que Wood recorreu têm como nome Zepeda, uma escolha bastante razoável se for observado que a senhora Teresa Zepeda de Wood, figura também na lista dos «testas-de-ferro», com uma propriedade de 6 700 hectares. O nome dos supostos proprietários e a extensão de cada um dos prédios rurais consta do relatório fornecido pelo engenheiro Eduardo Alvarez, funcionário da Secretaria da Reforma Agrária.

Ao mesmo tempo que a família Wood-Zepeda (também proprietária de grandes extensões no estado norte-americano do Arizona) aumentava o número de hectares sob o seu domínio em Sonora, a comunidade índia, integrada por umas 200 famílias ia ficando sem terras, e em nenhum caso os seus lotes eram maiores do que quatro hectares.

Actualmente, e depois de muitos anos de intimidação e maus tratos, apenas 330



Camponeses índios do México queixam-se de terem sido expoliados das suas terras por latifundiários, apesar de uma lei de Reforma Agrária se encontrar em vigor há várias décadas

indígenas permaneceram na região, os quais continuam a reclamar as suas terras. Os vaqueiros do latifundiário, entretanto, ameaçam os «rebeldes» e aconselham-nos a abandonar a zona. Jerónimo Noriega, um dos índios, contou que, em 1971, mataram o seu primo, Aurelio Ruiz: «Golpearam-no e deram-lhe pontapés até matá-lo. Depois, disseram que havia caído do cavalo». Tempos depois, um dos homens de Wood deu dinheiro à mãe de Ruiz. A investigação do assassinato, pedida às autoridades pelos Papagos, nunca foi feita.

«Também queimaram a igreja de São Francisco, há dois anos...» insiste Jerónimo.

Pais de revolução camponesa no começo deste século, quando os índios, armados, recuperaram as terras onde estavam as grandes fazendas «porfiristas», desde então coexiste com a repartição agrária um novo latifúndio que, com a concordância de autoridades locais, despoja, pela violência, os legítimos proprietários. Uma revolução que foi vencida pelos camponeses mas que, em muitos casos, não corrigiu as injustiças do século passado.

Expansionismo do Brasil volta a invadir a Bolívia

ISAAC SANDOVAL RODRIGUEZ
PRENSA LATINA

A Imprensa boliviana reflecte a indignação do povo ante o avanço brasileiro sobre o território do Leste do país, nos departamentos de Santa Cruz, Beni e Pando. Os limites fronteiriços do oriente da Bolívia estendem-se ao longo de uns 3.400 quilómetros que, devido ao abandono desta região por parte do Governo central, com sede em La Paz, correm o perigo de serem alterados permanentemente, através das «fronteiras vivas» que o Brasil desenvolve, mediante «planos migratórios».

Os habitantes da região, ao verem que estão privados da sua terra deram a voz de alarme nas últimas semanas, facto que levou o regime de Banzer a «fazer investigações».

Desta vez, além das chamadas «fronteiras vivas», interveio a argúcia e a má-fé por parte do Brasil, ao procurar feitas as marcações, que lhe seriam favoráveis em centenas de quilómetros quadrados e que tem o propósito secreto e final de apoderar-se de Mutun, onde existem ricas jazidas de ferro e manganês.

Desde o Tratado de Tordesilhas, firmado em 1494 entre a Espanha e Portugal, até hoje, passando pelo Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, o Brasil pratica uma política de expansão territorial sobre os seus vizinhos. As causas são simples. Em primeiro lugar, o Brasil, como país primário exportador, enfrenta uma situação de de-

pendência estrangeira que condiciona a sua actividade interna às necessidades do desenvolvimento industrial e às suas imposições políticas metropolitanas. Desta maneira, o Brasil actuou inicialmente em função do imperialismo inglês, privando a Bolívia dos seus territórios ricos em borracha, quina e castanha. Agora, serve como suporte ao expansionismo norte-americano e continua o seu trabalho de avanço sobre os recursos primários bolivianos.

Cabe recordar que, em 18 de Janeiro de 1903, o chanceler brasileiro Rio Branco informou o Governo da Bolívia que o seu país entendia, como suas fronteiras os territórios até o paralelo 10.21 e passaria, em consequência, a ocupar militarmente o que actualmente é o território do Acre. Depois do aviso, o Acre foi ocupado sob a bandeira do separatismo, pelo paulista Plácido de Castro, a serviço dos empresários da borracha.

Com o Tratado de Petrópolis, de 1903, que legaliza esta usurpação, a Bolívia perdeu 190 900 quilómetros quadrados, extensão que, somando-se a outra, anterior, em 1867, perfaz um total de 490 427 quilómetros quadrados.

Mas, se os ingleses empurraram os latifundiários e os comerciantes brasileiros, no começo do século, para a exploração da borracha, ainda que

invadindo territórios alheios, durante a colónia e em plena época libertária, os paulistas praticaram intenso tráfico de escravos. Em 1825, ano da primeira independência da Bolívia, o governador do estado de Mato Grosso, no Brasil, Manoel Velloso Rabello de Vasconcellos, ocupou militarmente a província boliviana de Chiquitos. A usurpação consumou-se com conciliadora atitude do marechal boliviano António José de Sucre, diante do invasor brasileiro.

Ultimamente, a ocupação é denunciada na região de Bahia de Marfil, Cuatro Hermanos, Rio Verde, fundamentalmente, em Hito de Yacaido, onde o Brasil se propõe apoderar-se de uma considerável porção de Mutun.

O alarme foi dado pelos Comités Cívicos Departamentais e Provinciais, na falta de organizações políticas e sindicais, por disposição do regime de Hugo Banzer, um general igual aos seus colegas brasileiros, chilenos, argentinos, paraguaios e uruguaios.

A primeira resposta do Brasil foi uma rotunda negativa em rever as suas demarcações, adiantando que «sempre defendeu a inviolabilidade das fronteiras estabelecidas». Apesar da aberta influência do Brasil nos assuntos governamentais bolivianos, o irado protesto do povo é reflectido na Imprensa, com citações que condenam esta política de dominação subimperialista.

A Igreja venezuelana pela U.N.E.S.C.O. contra a S.I.P.

CARACAS, Julho (IPS) — O secretário-geral do Episcopado venezuelano, monsenhor Ovidio Perez Morales, definiu a posição da Igreja católica nacional a favor da conferência sobre políticas de informação na América Latina e no Caribe, que terminou esta semana na Costa Rica, e criticou a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) afirmando que «a bandeira da liberdade de imprensa é utilizada com muita frequência para justificar a insaciável procura do lucro».

Monsenhor Perez Morales, que é também bispo auxiliar de Caracas e responsável pela secção do CELAM para o diálogo com os não crentes, sublinhou numa declaração pública que é necessário que os Estados definam uma política com respeito aos meios de comunicação social e a outros campos da actividade económica, cultural e social.

«São necessários princípios afirma o prelado — que possibilitem estes meios de responderem às necessidades reais dos nossos povos e ao seu desenvolvimento nacional independente. Actualmente, existe uma grande deformação no uso destes meios e um desequilíbrio entre eles e as necessidades do país.»

O porta-voz da Igreja venezuelana acrescentou ainda que a política do Estado relativamente aos meios de comunicação — desde um ponto de vista democrático — deve não só incluir a liberdade de expressão, como também a possibilidade de um mais amplo

acesso dos diversos sectores a esses meios e uma maior participação popular no seu uso e disposição.

Mais adiante, declara: «A liberdade de expressão, que aqueles que detêm esses meios tanto defendem, é actualmente utilizada como bandeira para justificar uma insaciável procura de lucro através do sensacionalismo, da divulgação de pornografia e de temas alienantes, que, em vez de contribuírem para o crescimento do nosso povo, só o paralisam».

O comunicado que monsenhor Perez Morales assina afirma também que «ninguém poderá honestamente dizer que na Venezuela o actual funcionamento dos meios de comunicação está de acordo com aquilo de que o País necessita. Numa sociedade em que abun-

dam o analfabetismo, o marginalismo e a injustiça, os meios de comunicação não se apresentam como veículos de transformação, mas, geralmente, como defensores de uma situação impossível de manter. A luta pela liberdade exige sinceridade e veracidade, e obriga aqueles que a assumem a um combate decidido pela justiça, pela fraternidade e pela construção de uma sociedade que mereça o nome de nova».

Perez Morales termina dizendo que, neste sentido, a Igreja venezuelana considera que a reunião celebrada pelos Governos da América Latina e do Caribe em Costa Rica constitui uma contribuição positiva, uma tentativa para travar a dispersão e a anarquia vigentes, abrindo caminhos novos mais funcionais e com maior consciência das finalidades dos meios de comunicação.



DE FÉRIAS COM O
Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4\$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA

Sindicato dos Trabalhadores
na Hotelaria, Turismo
Restaurantes e Similares do Sul

PERFURADORAS — VERIFICADORAS

PRECISAM-SE

Contactar horário de expediente normal pelos
telef.: 864176/7/8; 874402/03; 871465

NO PORTINHO DA ARRABIDA
O DIÁRIO DE LISBOA vende-se
no QUIOSQUE ARRABIDA

Estrangeiro

Novamente a Coreia?

Há fortes indícios de que a segunda guerra da Coreia esteja iminente. Ainda os combatentes do Vietname não tinham deposto as armas e já o nosso colaborador Wilfred Burchett advertia que num futuro não muito longínquo os EUA procurariam a sua *vendetta* sobre o povo coreano. No início deste ano, a Coreia do Norte enviou um apelo a todos os povos e forças amantes da paz no sentido de obviarem aos recontros que, segundo todos os indícios, andavam a ser procurados pela Coreia do Sul, com a cumplicidade norte-americana. Mais uma vez Wilfred Burchett chamou também a atenção do mundo inteiro, em diversos artigos, publicados na imprensa internacional, e no «DL», no seu órgão «Coreia Popular», os dirigentes norte-coreanos assinalaram a excepcional concentração de forças com inclusão de armamento nuclear — que americanos e sul-coreanos estavam a instalar junto à zona desmilitarizada.

Na semana passada registou-se um incidente entre tropas das duas Coreias. Ontem, segundo as agências noticiosas do mundo ocidental, dois oficiais do exército norte-americano foram mortos quando cerca de 30 guardas norte-coreanos os atacam com machados e picaretas na área fronteira entre as duas Coreias.

Na Coreia do Sul, as autoridades locais apressaram-se a manifestar a sua indignação pelo «bárbaro e desumano acto de assassinio» acrescentando que esta «provocação atroz surge numa altura em que os norte-coreanos estão a inventar e a espalhar rumores infundados duma agressão ao Norte».

Por seu turno, o presidente Gerald Ford e o secretário de Estado norte-ameri-

cano Henry Kissinger, foram unânimes em afirmar que as «autoridades norte-coreanas serão responsáveis por todas as consequências decorrentes do incidente».

Primeira consequência, para já: estado de alerta para os 42 mil homens das Forças Armadas estacionadas na Coreia do Sul.

Se o «incidente» tivesse decorrido tal como é descrito pela agências ocidentais — que dão a versão norte-americana — toda esta indignação, todas estas acusações — seriam correctas.

A própria guerra da Coreia dos anos 50 foi, porém, fértil em «incidentes» deste tipo, que deram boas justificações aparentes para o eclodir do confronto e para as repetidas interrupções das negociações de armistício. Mas muito mais perto de nós, o «incidente» que originou a carnificina exercida durante anos contra o povo vietnamita, foi uma peça montada pelos próprios norte-americanos. A denúncia dessa montagem foi feita — pasme-se! — no próprio Congresso dos EUA! Mas só depois de muitos milhares de mortos terem caído no Vietname por causa do «incidente do golfo de Tonquim». Com tais antecedentes, é legítimo desconfiar das versões agora apresentadas sobre a Coreia. Quando decorre a conferência dos Não-Alinhados, em que o imperialismo se vê em xeque, em que Seul e Washington são acusados de actos provocatórios contra a Coreia do Norte, estes dois cadáveres americanos vêm mesmo a calhar. Mas por enquanto os dois oficiais mortos nem nome têm. Nenhuma agência fornece sequer a sua identificação. O incidente é demasiado obscuro para a clareza extraordinária das ameaças de Seul e Washington.

A.N.

Namíbia "independente" no fim de 78

WINDHOEK, 18 — (ANOP-PP-R-DL) — A África do Sul estipulou a data de 31 de Dezembro de 1978 para a independência da Namíbia, que administra desde 1919, com um mandato conferido pela extinta Liga das Nações. A notícia foi dada por delegados à conferência multirracial sobre o futuro do Sudoeste Africano, que representam 11 grupos étnicos do território, incluindo os brancos, e que têm estado reunidos há quase um ano. Entretanto, o representante na ONU da SWAPO acusa a África do Sul de tentar tornar a Namíbia outro Bantostão ao tratar com chefes tribais e não com o movimento nacional de libertação, «que combate por uma entidade livre, politicamente unida». Rejeitando o comunicado de Windhoek, Theo-Ben-Guribab pediu aos países membros do Conselho de Segurança da ONU para insistirem nas condições estipuladas em 30 de Janeiro quanto às eleições no país, organizadas pela ONU. De acordo com o comunicado agora vindo a público, seria estabelecido um governo provisório logo que tivesse sido elaborada uma base constitucional para o mesmo. Informações anteriores sugeriam que o governo provisório deverá entrar

em funções ainda este ano, facto que é apoiado pela facção interior da SWAPO que, através de um comunicado, se congratulou com as decisões tomadas em Pretória: «É motivo de regozijo, não só para o Movimento de Libertação do Sudoeste Africano, mas para todas as massas deste país, que a SWAPO guia para a liberdade». O «The Johannesburg Star» noticia que a delegação branca retirou a sua an-

tiga oposição à ideia de um governo provisório, classificando a atitude como um «surpreendente volta-face». A mudança de posição seguiu-se a uma audiência que o primeiro-ministro da África do Sul, John Vorster, concedeu ao chefe da delegação branca, A. D. du Plessis. Recordar-se que a ONU fixou à África do Sul um prazo até o fim de Agosto para tomar decisões concretas quanto à independência da Namíbia. En-

tretanto, terao que ser negociados os problemas dos caminhos-de-ferro, redes de água e electricidade, assuntos monetários e financeiros, segurança e outros temas. Walis Bay, enclave costeiro sul-africano na Namíbia, também será alvo de negociações. Por outro lado, o Conselho das Nações Unidas para a Namíbia declarou o 26 de Agosto, «Dia da Namíbia», que será comemorado anualmente.

Ford venceu Reagan (extrema-direita)

O presidente Gerald Ford foi hoje escolhido pelo Partido Republicano como seu candidato presidencial. Ford, de 63 anos, obteve a nomeação quando o Estado da Virgínia Ocidental lhe concedeu os votos de 20 passar o total necessário de 1130 para a vitória. No momento da vitória, Ford contava com 1135 votos de delegados e o seu adversário Ronald Reagan

1052.

Observadores afirmam que a Convenção do Partido Republicano, em Kansas City, se transformou num pandemónio de alegria, com os partidários de Ford de pé nos seus lugares e acenando com cartazes quando o presidente ganhou o direito de se opor ao candidato democrático Jimmy Carter nas eleições de Novembro para a

Casa Branca.

Os delegados de Reagan ficaram visivelmente abalados pela derrota e algumas mulheres choravam.

Ford teve conhecimento da notícia nos seus apartamentos no hotel onde assistia aos acontecimentos pela Televisão. (Tradicionalmente um candidato não se apresenta na Convenção antes de se ter efectuado a votação).

Poucos minutos depois de ter obtido a nomeação, Ford abandonou o hotel para visitar Reagan. O presidente prometera antes consultar Reagan sobre a sua escolha para provável candidato à vice-presidência.

Entre os favoritos para esse cargo acham-se o senador Howard Baker, do Tennessee, membro da antiga Comissão Senatorial que investigou o «Caso Watergate», e William Ruckelshaus, que antes preferiu demitir-se do cargo de procurador geral do que obedecer a uma ordem de Nixon para demitir Aichibald Cox, o procurador especial do escândalo Watergate.

A TASS, embora criticando Ford, já se pronunciou: «Ronald Reagan, representante da extrema direita do Partido Republicano, foi derrotado».

SEGUNDO A "CAMBIO 16"

Santiago Carrillo vive há sete meses em Madrid

MADRID, 19 — (ANOP-DL) — Apesar dos desmentidos de Gil Robles e Tierno Galvan, a agência espanhola Cifra confirmou ontem a realização de contactos entre os representantes dos principais partidos políticos, com o objectivo de apresentar ao governo uma alternativa para a mudança. Até ao momento todos os partidos e grupos têm manifestado uma clara intenção de negociar e cada um dos principais agrupamentos políticos está a tentar desempenhar um maior protagonismo. Com a aproximação de um Outono que se prevê «quente», tanto no campo político, como no social e económico, as próximas semanas deverão trazer importantes decisões, quer da parte do governo quer da parte da oposição. Este contexto coincide com a agudização de problemas de reivindicações salariais e da crise económica que a Espanha actualmente atravessa, tanto mais que a evasão de capitalistas parece ser cada dia mais acentuada, a peseta poderá ser novamente desvalorizada e os bancos mostram-se pessimistas sobre os tempos imediatos. Na batalha política de bastidores, a esquerda pretende levar a iniciativa. Assim, Felipe Gonzalez, secretário-geral do PSOE disse que o Partido Socialista Obrero Espanhol somente participará em eleições se estas forem de carácter geral, para a designação de uma Câmara Constituinte, por sufrágio universal, secreto e com uma lei eleitoral negociada. Ao mesmo tempo, rejeita a classificação de «social-democrata», que sectores da esquerda dão ao PSOE, por considerar o termo «pejorativo». Entretanto, Gonzalez disse que no seu partido cabem posições «social-democratas honestas e até marxistas que não sejam leninistas» e acredita que o PSOE vai ocupar no âmbito político o mesmo papel

que ocupou em 1931: o de «ser o eixo de cristalização das alianças e a garantia da estabilidade de uma alternativa democrática».

Enquanto isso, a «Cambio 16», revista liberal com a maior circulação em Espanha no género de periódico político, afirma que o secretário-geral do Partido Comunista Espanhol tem estado a viver clandestinamente em Madrid durante os últimos sete meses. Enquanto os círculos governamentais se recusam a comentar a notícia, soube-se que o PCE está disposto a aceitar a existência de bases norte-americanas no território, de acordo com um comunicado do partido ontem tornado público, com a assinatura de Santiago Carrillo. Esta posição do secretário-geral do PCE é tomada «tendo em conta as realidades de situação internacional e os problemas de equilíbrio de forças entre os blocos». Condicionando a manutenção desta posição ao estabelecimento de um acordo que ponha fim às bases estrangeiras de um e de outro bloco, Carrillo preconiza a manutenção da actual posição espanhola quanto à NATO. No final, o comunicado acentua que tanto o tema das bases como a admissão da Espanha na NATO devem ser decisões que somente um parlamento eleito poderá tomar.

Entretanto, e ainda segundo a «Cambio 16», a ETA, organização separatista basca, procura um acordo de tréguas com o governo e estuda a hipótese de vir a tornar-se um partido político.

Ontem, durante o funeral do jovem morto a tiro pela guarda civil, houve recontros em Madrid entre os participantes e a polícia, apresentando como resultado vários feridos e detidos. Em Pamplona também se

registaram incidentes, com a polícia disparando balas de borracha para dispersar os manifestantes.

Em Cambrilis, perto da costa de Tarragona a polícia prendeu oito pessoas que participavam de uma «Marcha da Liberdade» através da Catalunha, estava proibida pelas autoridades.

Mais oito mortos na África do Sul

PORT ELIZABETH (ÁFRICA DO SUL), 19 — (ANOP e R) — A polícia de Port Elizabeth anunciou ontem que pelo menos oito negros foram mortos a tiro pelas forças de segurança, numa nova vaga de violência antigovernamental naquela cidade costeira.

Outros 18 negros teriam sido feridos.

Os manifestantes agrediram a polícia com pedras e garrafas, voltaram automóveis e incendiaram pelo menos oito edifícios nos subúrbios negros dos arredores da cidade.

A polícia não conseguiu dispersar a multidão, que se reagrupou depois de cargas com bastões e gás lacrimogénico.

Foram levantadas barricadas nas ruas e a área foi cercada pelas forças de segurança, tendo os transportes públicos sido suspensos.

A polícia de Port Elizabeth informou que a maior parte dos edifícios incendiados pelos manifestantes negros arderam incontavelmente, pois os bombeiros não puderam aproximar-se devido às barreiras nas ruas.

Os prejuízos, num cálculo inicial, cifram-se em 690.000 dólares.

A polícia reforçou os seus

efectivos em redor dos diversos «ghettos» negros de Port Elizabeth, utilizando helicópteros para voos de reconhecimento.

Segundo sismo nas Filipinas

Um novo abalo de terra assaltou hoje o sul das Filipinas.

Trata-se do segundo. O primeiro, ocorrido na terça-feira, causou (presume-se) cinco mil mortos e deixou sem lar mais de noventa mil pessoas.

A intensidade do novo sismo parece ser muito inferior à do outro terramoto, que atingiu 7,8 pontos na escala de Richter.

O novo abalo de terra registou-se a 1.130 km ao sul da capital.

O meteorologista do Observatório de Manila, dr. Roman Kintanar, declarou ao Presidente Marcos que se deviam aguardar grande número de pequenos abalos telúricos.

Acrescentou mesmo: «Esperanto que durante as próximas semanas se sentirão ainda abalos de terra de pequena intensidade».

Luna 24 terminou a sua missão

MOSCOVO, 19 — (R) — A sonda lunar soviética Luna 24 lançou hoje para a Terra um foguetão sideral separado contendo amostras de pedras lunares recolhidas no mar das Crises, no satélite terrestre, segundo anunciou a Tass.

A sonda não tripulada, que efectuou ontem uma aterragem suave na Lua, concluiu com êxito o seu programa de trabalho, prosseguiu a agência noticiosa soviética.

O foguetão com as amostras de pedras descolou da plataforma de aterragem da Luna 24 às 8 e 25 de Moscovo (6 e 25 de Lisboa) de hoje e a sua trajectória era próxima da que fora planeada.

Espera-se que o foguetão

aterre na União Soviética no domingo e está tudo a postos para o recuperar, disse a Tass.

Dois anteriores sondas lunares soviéticas recolheram amostras da superfície da Lua, de forma semelhante — a Luna 16, em 1970, e a Luna 20, em 1972.

A Tass acrescentou que o contacto seria mantido com o foguetão no seu regresso à Terra e o controlo terrestre seguiria atentamente a sua trajectória.

A missão da sonda coincide com a continuação do voo orbital em redor da Terra dos cosmonautas Boris Volynov e Vitaly Zholobov, tripulantes da estação de pesquisas Salyut 5.

Trabalhadores dinamarqueses contra o Governo

COPENHAGA, 19 — (ANOP) — Uns catorze mil trabalhadores manifestaram-se ontem junto ao Parlamento da Dinamarca contra as propostas do Governo social-democrata deste país referentes a corte de despesas, elevação de impostos e limitação de aumentos salariais.

Em fábricas e em estaleiros houve entretanto greves de

protesto contra os planos deste Governo de minoria.

Os sociais-democratas reuniram-se entretanto com outros partidos, a fim de conseguirem o apoio necessário para os seus planos.

Em círculos políticos afirma-se que se a social-democracia for derrotada no debate parlamentar do seu programa se demitirá do Governo.

Espectáculos



Popov, 30 anos depois

O «clown» soviético Oleg Popov festejou 30 anos de actividade, que o têm levado a divertir crianças e adultos do mundo inteiro. Popov, que recentemente celebrou o seu 46.º aniversário, é considerado o maior palhaço dos nossos tem-

pos, cujo sucesso parece firmar-se quanto mais tempo passa. Ele tem um exemplo: Grock e Charlie Rivel que, aos 80 anos, ainda faziam rir as plateias.

Popov, na imagem, surge em plena forma, confirmando os vaticínios dos críticos que lhe auguram uma longa carreira, dada a constante actualização do seu repertório e sua alta técnica artística.

NEURO
grupo 4

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO



(13 semanas em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA,
AS 21 e 15 H.
SABADO, AS 15.30
e 21.15
DOMINGO, só às 16 h.

1 SEMANA EM LONDRES

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS em avião especial TAP:

SÉRIE «A» Domingos
Agosto 1, 8, 15, 22, 29
Setembro 5, 12, 19, 26
Outubro 3, 10, 17, 24, 31
SÉRIE «B» 489 feiras
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22, 29
SÉRIE «C» 289 feiras
Agosto 2, 9, 16, 23

3.850\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas do abreu»

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sola 2 • Telef. 270112
FARO Rua Cons. Bvar. 85 • Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

«HISTÓRIAS...», textos de Osvaldo Dragún, José Ruibal, Teatro Campesino e Enrique Buenaventura. Poemas: de Bertolt Brecht. Encenação: Fernando Gusmão. Máscaras: Teresa Dias Coelho. Sonoplastia: Jorge Mendes. Interpretação e colaboração: Alvaro Faria, Ângela Ribeiro, José António, José da Costa, José Pedro, Luís Alberto, Manuel Coelho, Marília Gama, Vitor Esteves. Grupo de Teatro Proposta (Rua Vale Formoso), 14/8/76.

O Grupo Proposta apresenta o seu segundo espectáculo intitulado, o mais singelamente possível, «Histórias...». Trata-se, como o título alerta, de uma colagem, processo que o grupo utilizara no espectáculo anterior e primeiro da sua breve história, «Notícias do Po-

Uma história, duas histórias, três histórias...

den». Com encenação, simples e eficaz, de Fernando Gusmão, o espectáculo é, como será de prever, mais um exemplo de teatro imediato, directo, político. Num palco sem artificios, alguns actores (sete) vêm dizer ao público que querem contar-lhe algumas histórias. E explicam: «Nós existimos porque vós existis...», e aqui é que a porca torce fortemente o rabo porque público era coisa que quase não existia na noite em que lá estivemos e, na verdade, sem público não há grupo, não há teatro.

Temos assim a história de dois cães que explicam as razões por que os ditos andam sempre a cheirar os rabos uns dos outros, parábola que quer dizer que o mundo está dividido em classes cousa que, no entanto, não é de fácil entendimento e por isso nos é devidamente explicada. Ligada por

um poema de Brecht, segue-se uma história do Teatro Campesino que já vimos, salvo erro integrada no texto de «Liberdade, Liberdade», espectáculo feito no Teatro Villaret depois do 25 de Abril. Esta peça dá-nos o quadro do latifundiário e do seu escravo e do que acontece quando os papéis se invertem e o latifundiário passa a receber ordens do ex-escravo.

A última história é a mais importante do conjunto. Trata-se de uma síntese dramática daquilo a que poderemos chamar o processo histórico. A nora — símbolo do trabalho explorado — puxada por dois homens a ela ligados por uma corda. Fim da primeira cena. Um homem dorme vigiado por dois homens que empunham espingardas. São os trabalhadores. O homem acorda e impõe aos outros a continuação

do trabalho; nova cena repetitiva. Surge um primeiro assomo de revolta; no entanto, apesar de terem a força, os homens obedecem ao senhor. Na cena seguinte, uma alteração importante: em vez de se sujeitarem ao trabalho, os dois homens arranjam outros para os substituírem na nora. Noutra cena, um dos homens revolta-se e aponta a arma ao senhor mas é subjugado pelo companheiro. Penúltima cena: os trabalhadores amarrados à nora trabalham mas estão contentes porque o patrão lhes dá panca-dinhas nas costas — é a fase amável da social-democracia! Até que a consciência se lhes abre: os explorados acabam com a exploração. Por este fio dramático, passam em surdina as revoltas, as greves, as revoluções, as opressões, com uma frase como «leit-motiv» — «Foi necessário morrer muitas vezes»:

O espectáculo do Grupo Proposta não chega a durar uma hora; os intérpretes dão conta do recado sem grande brilho mas também sem problemas; os espectadores não chegam a maçar-se apesar do calor. Só que ficam com fome de teatro...

Filme italiano favorito no Festival do Cairo

Abriu ontem as suas portas, e até ao dia 22 do corrente, o Primeiro Festival do Filme do Cairo com a entrada em competição de vinte e seis filmes representando vinte e quatro nações. A presidência do júri internacional é assegurada pelo americano Thomas Quinn Curtiss, contando o Festival com a presença da artista italiana Claudia Cardinale e do realizador Alberto Lattuada.

É aliás um filme italiano, «Cuidado com o Clown», de Babilacqua, que segundo os observadores tem mais possibilidades de conquistar a «Neferti» de ouro deste primeiro Festival do Cairo. Entre os outros favoritos citam-se o filme iraniano «O Estrangeiro no Nevôiro», de Bihram Bizal, «Sou uma Mulher», de Manuel Summers (Espanha) e «Os Culpa-dos», do egípcio Said Marzuk.

Centenário dos «voluntários» da Guarda

Está a decorrer o Festival Comemorativo do 1.º Centenário dos Bombeiros Voluntários da Guarda cuja organização conta com o apoio da Direcção-Geral do Turismo, Junta Distrital da Guarda e Secretaria de Estado da Cultura.

Inserem-se neste Festival Comemorativo várias actividades culturais das quais há a salientar, jogos florais, artes plásticas, salão de fotografia

e um festival de teatro a realizar entre 30 de Agosto e 3 de Setembro.

O programa referente ao teatro será o seguinte:

No dia 30, o Grupo de Teatro Proposta, com a peça «Notícias do Poder».

No dia 31, o Grupo de Trabalhadores da Casa da Comédia, com a peça «Horas de Luta».

No dia 1, o Grupo de Teatro do Porto Seiva Trupe com a peça «Santo Inquirito».

No dia 2, A Barraca, com a peça «Histórias de Fidalgo-tes e Alcoviteiras, Pastores e Judeus, Meliantes e Outros Tratantes, Sem Esquecer Suas Mulheres e Amantes».

No dia 3, o Grupo de Teatro de Campolide encerrará o certame com a peça «O Grande Cidadão».

Festa do emigrante em Tróia

Promovida pelo Secretariado da União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal, realizou-se em Tróia a Festa do Emigrante, integrada na Semana do Emigrante.

Além de outras actividades culturais foi interpretada a peça de Alves Redol «O Destino Morreu de Repente».

Ana Maria, da União dos Sindicatos de Setúbal, saudou os muitos emigrantes que se encontram a passar férias em Tróia, referiu-se também ao Encontro das Mulheres Trabalhadoras Portuguesas destacando as cartas e saudações que receberam «de todos os países onde há mulheres emigrantes».

«Todos sabemos — disse — que as grandes conquistas dos trabalhadores portugueses, iniciadas em 25 de Abril de 1974, correm sérios riscos. Todos os dias na Imprensa reaccionária saem calúnias e deturpações contra a Reforma Agrária e contra as conquistas dura-

mente alcançadas. Mas uma certeza podem os nossos irmãos emigrantes ter: é que estamos todos dispostos a não ceder nem um milímetro, porque sentimos, mais do que tudo, o vosso apoio moral e sabemos que não estamos sós».

Sendo Tróia neste momento um grande centro habitacional de regressados das ex-colónias, foi-lhes também dirigido um apelo para que todos possamos construir um país socialista e independente onde caibamos todos e onde não haja mais explorados do homem pelo homem.

Os ingleses desinteressam-se do cinema

Duas de cada três salas de cinema existentes na Grã-Bretanha antes da II Guerra Mundial estão fechadas, afirma a comissão de estudo nomeada, em Fevereiro, pela Confederação dos Sindicatos.

Em 1945, segundo este documento que acaba de ser publicado em Londres, havia na Grã-Bretanha 4700 salas de cinema que eram semanalmente frequentadas por 30 milhões de espectadores, ao passo

que, actualmente, há apenas 1500 salas de cinema e 2,5 milhões de espectadores por semana.

Embora reconhecendo que este declínio não é inédito por se integrar num fenómeno universal, a TUC julga necessário combater o desinteresse crescente do público pelo cinema, municipalizando as salas existentes e colocando-as sob a alçada das colectividades locais.

Teatro nacional inglês está em greve

Uma greve do pessoal técnico do National Theatre de Londres acaba de paralisar por completo aquele moderno teatro londrino situado na margem Sul do Tamisa.

Exigindo uma gratificação

especial pelos ensaios, os 60 maquinistas cessaram o trabalho na segunda-feira passada, obrigando a administração a reembolsar os espectadores do «Lytletown» e do «Young Vic», duas das três salas do National Theatre.

PHILIPPE - PIERRE NOIRET - RICHARD
A QUEM CHAMAMOS COWBOYS SÃO JORNALISTAS

NA AVENTURA DO QUOTIDIANO ENTRE A SÁTIRA E A IRONIA SÃO OS REPÓRTERES DO ACONTECIMENTO E ELES SÃO A NOTÍCIA!

REPÓRTERES SEM FREIO
un usage entre les stars

UM FILME NOTÁVEL DE MARCO PICO
COLORIDO

HOJE, ÀS 21.15 ESTREIA!

SÃO JORGE
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

ADOQUE
UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!

AGRADE CEGADA

HOJE: às 20.30 e 22.30
Domingos — Matinée às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acos, MEN. 18 anos)

ADOQUE
2.ª

MÊS

EXITO!

Em ALTER DO CHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO Ruado Álamo 12

Televisão

Canal da Crítica

Por MARIO CASTRIM

INTENÇÕES: UM PROGRAMA COM BOAS, UM SECRETÁRIO COM MÁS

O título do serão de ontem era exactamente *Como vai a emigração?*

Não é segredo para ninguém que o povo português se compõe de emigrantes, de pessoas que já não podem emigrar, de pessoas que ainda não podem emigrar, de pessoas que querem emigrar mas não têm para onde e, finalmente, de uns tantos carolas que não querem emigrar, como se costuma dizer, por amor à camisola; que recusam, porque é aqui o seu chão de combate.

Bom. Isto para concluir que a milhares de portugueses interessados em saber que tal *emigração*: o que significa ser emigrante, a exploração a que é submetido, as más condições de vida, as angústias e as dificuldades que encontram enfim, o preço que ter optado pela evasão na terra da sobrevivência.

A presença do secretário da emigração João Lima, nãoçava, porém, transformar o debate noutra coisa: num debate a frente entre emigrantes e o membro de um governo, uma espécie de *responder ao* vis menos engravatado.

ABENCERRAGEM
Aliás, este senhor João Lima deu uma triste imagem de si e prejudicou o partido a que pertence.

Começa por ser um homem com notável capacidade para falar sem dizer nada. É dardem-lhe corda e deixá-lo ir. Visivelmente, gosta de se ouvir a si próprio. Como todos os pavões, gosta de se ver ao espelho.

Sucede que fala como já não se usa. É o abencerragem de um certo tipo de acacianismo político que julgávamos extinto. Aqui está uma espécie zoológica para a qual eu seria o último a pedir as benesses de um Parque Nacional de protecção.

Um homem que fala... como é que hei-de dizer... olhem, um homem que fala assim:

É um aspecto muito mais largo do que o aspecto económico que deve ser tratado numa política de emigração digna desse nome que tem de ser enxertada, como é óbvio, em grande linhas de acção de um programa político que, passando pelas linhas mestras da ideologia ou de filosofia política vai definir pragmaticamente os caminhos necessários e adequados à satisfação dos interesses portugueses.

Um homem que, num programa supostamente dirigido aos emigrantes diz que tudo deve-

raram, com a cobertura de João Lima, secretário. Quando se atiraram a Silva Angelo que, no entanto, mais não fazia do que procurar esclarecer a politização, a manipulação empreendidas por João Lima, o secretário...

Que diabo, podiam logo avisar os emigrantes e os telespectadores que ali quem só podia falar de política era João Lima, secretário. Tudo para provar à evidência que nos encontramos de facto numa sociedade pluralista...

ABENCERRAGEM

Aliás, este senhor João Lima deu uma triste imagem de si e prejudicou o partido a que pertence.

Começa por ser um homem com notável capacidade para falar sem dizer nada. É dardem-lhe corda e deixá-lo ir. Visivelmente, gosta de se ouvir a si próprio. Como todos os pavões, gosta de se ver ao espelho.

Sucede que fala como já não se usa. É o abencerragem de um certo tipo de acacianismo político que julgávamos extinto. Aqui está uma espécie zoológica para a qual eu seria o último a pedir as benesses de um Parque Nacional de protecção.

Um homem que fala... como é que hei-de dizer... olhem, um homem que fala assim:

É um aspecto muito mais largo do que o aspecto económico que deve ser tratado numa política de emigração digna desse nome que tem de ser enxertada, como é óbvio, em grande linhas de acção de um programa político que, passando pelas linhas mestras da ideologia ou de filosofia política vai definir pragmaticamente os caminhos necessários e adequados à satisfação dos interesses portugueses.

Um homem que, num programa supostamente dirigido aos emigrantes diz que tudo deve-

rá ser feito ... *de modo selectivo, programático e sectorial, o que envolve a política global do Governo.*

Se estes homens se apresentam como de um partido escolhido pelo povo, como diabo acontece que não saibam falar ao tal povo que os escolheu?

Mistério!

AGUINADA FOI FORTE!

Os discursos de João Lima foram recheados de piadas insinuações, mais ou menos graves, rasteiras de politiquice barata, conceitos melindrosos em termos de política internacional e nacional.

O pior de todos terá sido o modo como se referiu ao regime salazarista: *o regime fascista, ou regime fascizante, no mínimo...*

O sr. João Lima, membro do primeiro Governo Constitucional, tem dúvidas. Não sabe bem se aquele regime era fascista — mas lá fascizante era de certeza...

Este homem está no Governo. Com mil diabos, a guinada para a direita foi muito mais forte do que muita gente pensa!

O PROBLEMA É POLÍTICO

Claro que Silva Angelo não podia deixar passar em claro essa e outras afirmações que se assemelhavam muito a uma provocação — sendo certo que, do princípio ao fim, quando não foi inútil, o discurso do secretário foi provocatório.

Daí as interrupções do que foi alvo, quer por parte do secretário, quer por parte doutros emigrantes colegas seus, particularmente de Cunha Jordão, arauto da social-democracia que por acaso até levava tudo escrito e na ponta da língua...

Apesar de continuamente sabotada, a vários níveis, a intervenção de Silva Angelo teve o mérito de acordar os emigrantes telespectadores para a convicção de que a emigração é um fenómeno político e que a política do actual Governo só poderá vingar, no plano interno, se se orientar no sentido do interesse dos trabalhadores, e no plano externo se tiver em conta a experiência e co-

pontos de vista das organizações democráticas dos emigrantes.

NÃO É PELOS LINDOS OLHOS

Luis de Sousa colocou ao secretário da Emigração algumas questões concretas (como por exemplo a questão da desvalorização do escudo) a que não foi dada resposta concreta. Muita literatice, muita parra — e nada mais.

Leonel Caturra (operário especializado em Portugal, pedreiro na Alemanha), referiu as razões essenciais da emigração: razões económicas, condições políticas. Tudo o mais, não passa de romantismo para tapar os olhos.

É por que é que os países para onde emigramos lá sabiam os braços? Não era — para utilizar a expressão de Leonel Caturra — *pelo seu lindos olhos: era pela exploração.*

Nesta simples frase se encerram oito anos de luta, de trabalho, de canseiras longe da Patria, da família, dos amigos.

Exploração: eis aqui, na verdade, a palavra-chave da emigração.

SOCIAL-DEMOCRACIA É KÉ BOM

Cunha Jordão, não opina da mesma maneira. Que não senhor, que é nos regimes sociais-democratas que os nossos emigrantes têm mais ampla liberdade, liberdade sindical e tudo. Têm assistência social e cultural e existe uma grande amizade entre as pessoas. Não senhor, lá não existe a exploração do homem pelo capitalismo. Os emigrantes não são marginalizados e muitos trabalhadores portugueses ocupam posições de destaque.

Esta é, portanto, a experiência de um emigrante — experiência propagueada, com todo o aspecto de lição aprendida à pressa.

Aqui está um trabalhador que, numa sociedade como a do Luxemburgo, onde a exploração do homem atinge condições infernais, acredita que «exploração» do homem pelo capitalismo «e coisa a que não existe no Luxemburgo»...

Trabalhadores, destes exis-

Continua na pág. 16

Hoje



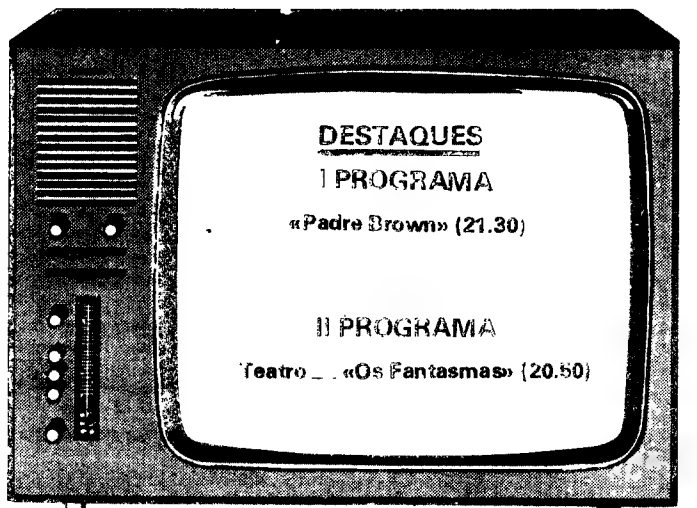
Uma cena da peça «Os Fantasmas»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e No Jardim Zoológico de Magdburgo
- 19.30 «Segredos do Mar Vermelho» — série filmada.
- 19.55 TV Palco
- 20.30 Telejornal — 1.ª edição
- 21.00 Programa do Estado-Maior-General das Forças Armadas
- 21.30 «Padre Brown» — as aventuras do padre Brown (Kenneth More) tem carne e sabor absolutamente ingleses.
- 22.30 Memórias do Nosso Tempo
- 22.55 Telejornal — 2.ª edição
- 23.10 Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.30 Fecho

II PROGRAMA

- 19.55 Abertura e a série filmada «A Mulher Vestida de Branco» — com Bernard Rousselet e Paloma Matta.
- 20.25 Ver — um programa dedicado às artes plásticas.
- 20.50 «Os Fantasmas» — do Eduardo de Filippo. Tradução de Luís Francisco Rebelo e Orlando Vitorino. Adaptação de Alberto Gortler. Encenação de Carlos César. Assistente Paulo Lucena Jr. Interpretes: Carlos César, Clara Rocha, Carlos Daniel, Odete Santos, António R. Banha, Luís Amaral, Maria Simões, Francisco Costa, Mário Anjos, Paulo Lucena Jr., João Manuel do Teatro Animação de Setúbal.
- 22.35 Telejornal
- 22.55 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

- 19.00: Abertura e «Volta ao Mundo em 80 Dias»; 19.25: Encontro; 19.55: Momento Desportivo — o desporto em debate; 20.20: Uma História para o João Postigo; 20.30: Telejornal — 1.ª edição; 21.05: Terra e Terra Minha Gente — concurso; 22.35: Há Só uma Terra — um programa sobre o meio ambiente; 23.00: Telejornal — 2.ª edição; 23.15: Resumo da etapa do dia da Volta a Portugal em Bicicleta; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

- 20.00: Abertura de «Pipidas Meias Altas» — série filmada; 20.25: Fronteiras do Amanhã; 20.45: Da Saúde e da Vida — neurologia (2.º programa); 21.05: «A Família Boussard» — série filmada; 22.05: Telejornal; 22.35: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau, 8

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34 - 1.º — Lisboa — Telefone 77 02 74

SCTERN MOÇÃO

Numa altura em que os trabalhadores lutam pela consolidação da democracia, que os leva rumo ao socialismo que o povo português tem demonstrado inequivocamente querer, constituam as comissões de trabalhadores da Rodoviária Nacional o Sctern, ter sido feito um ultraje ao Povo deste País quando permitiu a entrada em Portugal e a posterior libertação sem condições do inimigo do Povo, António Spínola, presidente a ditador e que se desmascarou através dos golpes intra-revolucionários do 28 de Setembro e do 11 de Março da sua acção como líder do movimento terrorista e bombista DLP e quando, paralelamente, se libertam os mais responsáveis torcionários da ex-PIDE/DGS, do que se estão a aproveitar as forças de direita e extrema direita para a tentativa de estrangulamento da jovem democracia portuguesa, exige-se o imediato julgamento e punição de quem tão mal fez ao nosso povo.

(Esta moção foi aprovada apenas com 1 voto contra e abstenções no plenário das comissões de trabalhadores e do Sctern, reunido para discussão e eventual aprovação da contra-proposta dos trabalhadores ao projecto de regulamento interno Rodoviária Nacional, do dia 17/8/76, deverá ser enviada ao Presidente da República, Conselho da Revolução e Assembleia da República, e difundida nos órgãos de comunicação social).

AS COMISSÕES DE TRABALHADORES DA R.N.

LE turismo estudantil organização portuguesa para o turismo juvenil T: 801046/7

FÉRIAS 76

ROMÉNIA 2 SEMANAS

DE 16 A 28 DE SETEMBRO

PREÇO 12 850\$00

incluindo — passagem aérea de ida e volta Alojamento e todas as refeições. Circuitos dentro do País Visitas e encontros. Assistência durante a viagem local.

NOTA IMPORTANTE — Devido a acordos de intercâmbio sem divisas entre o Turismo Estudantil e a Organização de Turismo Juvenil da Roménia, o custo das viagens não é em nenhum caso registado nos passaportes, nem é afectado pelas actuais restrições quanto à saída de divisas.

MARCAÇÕES — INFORMAÇÕES

SEDE — TURISMO ESTUDANTIL

Rua Fernando Pedroso, n.º 31 - Telef. 80 10 46/7

Lisboa-1 — Portugal

Filiais:

COIMBRA — Rua da Ilha, 20 — Telef. 224 56

PORTO — Rua da Boa Hora, 18 — Telef. 254 35

LISBOA — Hospital de St.ª Maria, Piso 01

Desporto

VOLTA PORTUGAL EM BICICLETA

A verdade começa hoje

Ao abalar para o Alentejo, depois de uma pausa na ligação Algarve-Évora, principiará hoje a grande selecção de valores da Volta a Portugal.

A esse respeito, Joaquim Andrade, o camisola amarela conta:

— Sou um homem marcado. Toda a gente imagina que, pelo facto de ter 32 anos, sou um veterano, ou que então es-

força de vontade: animar os nossos patrões e provar, por exemplo ao F.C.Porto, provar também ao Sangalhos que não sou, nunca fui um homem vencido.

Digamos para já que Joaquim Andrade tem a partir de ontem, um director desportivo de classe extra: em matéria de popularidade ele bate toda a gente. Chama-se Fernando Mendes. Veio de Espanha e directamente ingressou na equipa da Safina, para orientar tecnicamente um homem que, como ele, já venceu a Volta a Portugal. A esse respeito, Fernando Mendes conta:

— Terei de estar presente na Volta à Catalunha. Venho rodar, venho ver, venho aplaudir.

Pergunta: Rodar porquê?

— Rodar porque, nalguns períodos de tempo em que ficar livre do meu trabalho na Volta, este trabalho aqui na Safina, vão permitir-me fazer alguns kms. e também preparar-me para no dia 7 do mês que vem, estar na Catalunha.

Intervem, neste momento

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

Joaquim Andrade, que acrescenta:

— Até agora, a luta está circunscrita a meia dúzia de nomes. É provável que eu seja um desses nomes. De qualquer modo acho que terá também

em andamento, é inclusive injectado para poder prosseguir na sua estrada.

Fernando Mendes, no carro de apoio de Joaquim Andrade, é um dos que mais gritam.

O sornbático ex-benfiquista, torcemudo-se, suplanta-se para se tornar, com efeito, um dos sujeitos que mais sofre com a corrida, desde que não seja ele a participar nela directamente.

Aos 8 Km, os ciclistas fecharam a passagem de um carro do júri. Não se tratou propriamente de boicote, mas sim porque o vento contra e também a maior ultrapassagem feita pela maioria dos motoristas dos carros (e aqui temos por exemplo que foi multado o carro de um colega vespertino como estando a ser mal conduzido, passe o paradoxo) que teve a partir daí, uma luta, na verdade dura para poder atingir, por parte desses carros, mal conduzidos, e por parte também de alguns ciclistas que, extemporaneamente vieram para a volta, uma condução difícil, uma presença muito perigosa de molde até a semearem o pânico no meio da caravana.

Durante 3 minutos, António Faia é injectado, depois logo a seguir, digamos que havia aí uns 10 Km corridos, isolou-se Alfredo Gouveia da Costa do Sol. E aos 17 Km, com meia hora de corrida, ele levava 1 minuto e 5 segundos de avanço, o que já era na verdade notável para um rapaz que, a caminho de Salir, estava a mostrar uma condição física fora de série e parecia até, na sua progressão, capaz de atingir Távira isolado e perfeitamente à vontade, numa luta que englobava grandes nomes, mas perdidos no pelotão.

E esses grandes nomes, como o leitor sabe, serão na verdade, Américo Silva, Firmino Bernardino, Joaquim Andrade, Venceslau Fernandes e, com efeito, os grandes maiores que aqui estão perfeitamente à vontade para poderem competir, discutir, esgrimir e lutar então por um lugar ao sol.

PRÉMIO CLOK

Classificação por pontos

- 1.º F. Henriques (Safina) ... 16
- 2.º A. Ruas (C. Sol) 11
- 3.º A. Gouveia (C. Sol) ... 9



Manuel Martins (Fafe) tentou então a perseguição. Saiu do pelotão perseguindo Gouveia mas não adiantou muito porque, quando Severino Salvador Mendes (Louletano) furou, Manuel Martins tinha uma dianteira de 30 segundos em relação ao pelotão, mas olhando continuamente para trás, submergiu, talvez, nessa onda de entusiasmo e ficaria irremediavelmente perdido na estrada.

de haver uma palavra de esperança à revelação de nomes novos.

Eu creio que nesta rapaziada nova há talvez hipóteses de escolher 2 ou 3 nomes que nos possam, a manha, fazer a mesma sombra.

TAVIRA: 66 KM DEPOIS DE LOULÉ

Uma fuga heróica assinada por Alfredo Gouveia, o rapaz da Costa do Sol, que conseguiu, para já, inscrever-se na 38.ª Volta a Portugal, como um nome profundamente válido. Alfredo Gouveia, o 63, acabaria por chegar no 13.º lugar, um posto que, na verdade, não lhe deu sorte, mas esteve quase 50 km, ou quem sabe, muito mais também no espírito idealizando a vitória em Távira. Era um pequeno mérito para ele, ou teria alguma esperança à parte disso?

— Eu queria chegar aqui e provar a familiares e a outras pessoas amigas que vieram da Costa do Sol para me verem correr, que não sou, nunca fui um homem metido a gancho nestas grandes coisas do ciclismo.

Querida dar também uma prova de que o Estoril, Cascais, toda a Costa do Sol, está englobada no grande ciclismo nacional.

Abalou-se para a grande corrida deste segundo dia de etapa na estrada, com 93 ciclistas contra os 105 do 1.º dia.

Aos 200 metros da partida, Joaquim Martins (Coimbrões) furava e, 30 metros mais adiante, Floriano Mendes (Sangalhos) ficava na estrada, com a roda no ar.

Nessa altura, o percurso feito a subir, incluía bastantes problemas, tinha alguns percalços que era necessário serem vencidos pelos ciclistas e aí, a falta em grande parte de aptidões dos ciclistas, a má preparação atlética, a orientação táctica, faziam com que socobrassem muitos nomes que ficavam na cauda do pelotão, quase irremediavelmente vencidos, ou prestes a assinarem a sua sentença de despedida para os próximos dias.

António Faia (S. Jorge) vai ao médico com uma hemorragia nasal e, a partir daí, assistido



Joaquim Andrade, que envergou a camisola amarela logo no prólogo desta Volta a Portugal, está de pedra e cal no comando, depois de ter imposto a sua força em três das corridas disputadas. O mais impressionante da sua liderança reside no facto de em 148 km já percorridos ter distanciado o seu mais directo adversário em 34 segundos

Com 26 Km percorridos, Gouveia tinha 2 m. 50 s. de avanço ao pelotão.

Cá atrás, Martins, com 27 segundos, era, digamos, o mosqueiro que esgrimia contra a grande maioria. Aliás durante a segunda metade da corrida, o médico seria chamado para Manuel Silva (F. C. do Porto).

RUAS VENCE A PISTA

Haveria 2 furos seguidos do Fernando Costa (Paredes) e, na meta Clok, Gouveia, com 2 m. e 45 s. de vantagem, parecia um homem credenciado para arrancar a vitória na última etapa algarvia, de um prólogo corrido, na verdade, inusitadamente, nesta Volta a Portugal. E digamos isto porque, nunca na vida imaginamos que uma Volta a Portugal iria principiar em Évora, para terminar algures em Lisboa.

E o leitor sabe que com um prologozinho corrido no Algarve e já percorremos aqui 957 Km de um lado para o outro, entre o sítio onde a gente dorme e onde partem os corredores



O after shave do homem moderno

res, onde há comunicados, onde voltamos a pegar a corrida, isto tudo reflecte uma desconexão entre a parte organizativa da Federação e aquilo que se pretende dar ao público.

Mas, de qualquer modo há, novamente que repetir, o entusiasmo criado em torno da realização da Volta: esse sim, vai direito para Idalino de Freitas e para os seus pares que continuam a erguer, com todos os percalços possíveis e imaginários, uma corrida que aglutina o grande êxito popular, por ser encaminhada até às portas dos grandes palcos, mercê de um aplauso quase generalizado.

Depois da meta Clok, onde passaram Alfredo Gouveia (Costa do Sol), Manuel Martins (Fafe) e José Sá (Coelima), tendo o 1.º sobre o 2.º uma vantagem de 2 m. e 45 s., assistiu-se a uma queda de Armindo Ferreira (Benfica), estávamos então a 5 Km de S. Brás de Alportel. O rapaz ergueu-se e, depois, foi até um dos que mais puxou pelo pelotão, embora, já nas ruas de Távira.

Alfredo Gouveia, que atingiria as portas de Távira com uma vantagem já muito circunscrita, (14 segundos), apenas tocaria a meta num lugar que, em nada, estava de harmonia com o esforço desenvolvido ao longo da corrida.

Vimos então nesse sprint final, aparecer Alexandre Ruas (Costa do Sol) a vencer a etapa em 1.48.42, seguindo-se Armindo Barradas (Almodôvar), Joaquim Carvalho (Costa do Sol), Firmino Bernardino (Benfica), António Fernandes (Sangalhos), Fernando Vieira (Benfica) e o extenso pelotão. O grande aventureiro, o maior fugitivo até hoje registado na corrida, Alfredo Gouveia, atingiria a meta em 13.º lugar, ainda com 1.48.42, mas longe de ter outro benefício que não fosse, no percurso, 4500 escudos em prémios particulares ou oficiais.

As equipas em movimento

Costa do Sol, Távira, Sangalhos e Pinheiro de Loures, lado a lado com Benfica e Lousa, discutem profundamente os lugares cimeiros da classificação. Mas, há já distâncias consideráveis e, a partir do fim, Louletano, Fafe, Alfenense, Coimbrões, S. Jorge, Paredes, Almodôvar e, um pouco menos, União de Coimbra e Coelima, parecem irremediavelmente condenados.

Daqui, extraia o leitor o que quiser, mas recordando sempre que, ao fim de uma etapa de estrada, a equipa da Madeira desbaratada, recolhia a penates.

(Equipas)

	H	M	S
1.ª Costa do Sol	11	30	29
2.ª Safina	11	30	31
3.ª Sangalhos	11	30	43
4.ª Pinheiro Loures	11	31	23
5.ª Benfica	m. t.		
6.ª Lousa	11	31	30
7.ª Porto	11	32	13
8.ª Manique	11	32	5
9.ª Coelima	11	33	14
10.ª U. Coimbra	11	33	42
11.ª Almodôvar	11	34	59
12.ª U. Paredes	11	35	41
13.ª S. Jorge	11	36	19
14.ª Coimbrões	11	36	40
15.ª Alfenense	11	38	00
16.ª Fafe	11	38	09
17.ª Louletano	11	48	55



VIAGENS • TURISMO

tou aqui a fazer o meu adeus à Volta a Portugal. É mental Tal como o Américo Silva, eu pretendo ainda voltar a ganhar uma Volta e quero fazê-lo de um modo mais elegante, competindo contra todos, desta vez com a equipa menos numerosa com que até hoje contei.

Tenho comigo um rapaz para as metas (Manuel Gomes), tenho o Flávio que nos ajuda muito e até pode ganhar. Mas tenho sobretudo uma grande

TOTOBOLA

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

	H	M	S
1.º J. Andrade (Saf.)	3	49	31
2.º V. Fernandes (Sg.)	3	49	57
3.º J. S. Santos (UC)	3	50	00
4.º J. Madeira (Tav.)	3	50	05
5.º José S. Santos (UC)	3	50	19
6.º A. Silva (Man.)	3	50	24
7.º F. Henriques (Saf.)	3	50	26
8.º J. L. Pacheco (Alf.)	mt		
9.º A. Gouveia (C. Sol)	3	50	27
10.º M. Silva (FCP)	mt		
11.º A. Barradas (Alm.)	3	50	28
12.º A. Alves (Fam.)	3	50	31
13.º J. Costa (P. Lour.)	3	50	33
14.º M. Oliveira (P.L.)	mt		
15.º M. Gomes (Saf.)	3	50	34
16.º F. Vieira (Benf.)	mt		
17.º J. Duarte (Man.)	3	50	37
18.º L. Teixeira (Coel.)	3	50	39
19.º L. Gregório (Sang.)	mt		
20.º A. Beirão (Loul.)	3	50	41
21.º J. Leite (Coimbo.)	3	50	43
22.º L. Gomes (Benf.)	3	50	46
23.º J. Amaro (P. L.)	3	50	49
24.º A. Brás (Benf.)	3	50	50
25.º A. Coelho (Lousa)	3	50	52
26.º F. Bernardino (Bf.)	3	50	53
27.º M. Chagas (C. Sol)	3	50	57
28.º J. Carvalho (C.S.)	3	51	02
29.º A. Fernandes (Sg.)	3	51	04
30.º C. Santos (P.L.)	3	51	05
31.º A. Pereira (Bf.)	3	51	07
32.º B. Silva (FCP)	3	51	09
33.º M. Durão (Sang.)	3	51	14
34.º J. Pinto (Coimbo.)	mt		
35.º A. Teixeira (Lousa)	3	51	19
36.º José Sá (Coel.)	3	51	20
37.º J. Sampaio (Coel.)	3	51	21
38.º A. Marçal (C.S.)	3	51	23
39.º A. Valente (Lousa)	3	51	25
40.º V. Rocha (Lousa)	3	51	26
41.º C. Ramundo (P.L.)	3	51	28
42.º A. Ruas (C. Sol)	3	51	30
43.º A. Cardoso (S. J.)	3	51	31
44.º M. Marques (Coel.)	mt		
45.º J. Cruz (Lousa)	mt		
46.º F. Mendes (Sang.)	3	51	34
47.º A. Lopes (Man.)	mt		
48.º M. Rego (Coel.)	mt		
49.º O. Alexandre (M.)	3	51	35
50.º G. Rocha (FCP)	3	51	36
51.º M. Cardoso (Par.)	3	51	42
52.º A. Lúcio (C. Sol)	3	51	49
53.º F. Silva (FCP)	3	51	55
54.º M. Costa (FCP)	3	51	59
55.º M. Carvalho (FCP)	3	52	07
56.º J. A. Pedro (P.L.)	3	52	09
57.º M. Pereira (S. J.)	3	52	17
58.º C. Cabral (Mad.)	3	52	18
59.º A. Pina (S. Jorge)	3	52	31
60.º M.M. Pereira (Alf.)	3	52	33
61.º C. Pereira (Facar)	3	52	36
62.º A. Castro (Pared.)	3	52	37
63.º M.E. Pereira (Bf.)	3	52	39
64.º F. Fernandes (P.L.)	3	52	51
65.º J. Marta (Lousa)	3	52	53
66.º J. Lopes (C. Sol)	3	52	56
67.º J. Bispo (Sang.)	3	53	03
68.º D. Barbosa (Coel.)	3	53	13
69.º A. Ferreira (Coel.)	3	53	17
70.º H. Oliveira (U.C.)	3	53	23
71.º M. Martins (Fafe)	3	53	49
72.º A.P. Ferreira (Par.)	3	54	06
73.º V. Monteiro (Bf.)	3	54	08
74.º F. Revés (Alm.)	3	54	08
75.º J. Monteiro (Fafe)	3	54	20
76.º J. Lino (Coimbo.)	3	54	49
77.º E. Pereira (Loul.)	3	54	54
78.º J. Maia (Alf.)	3	55	01
79.º J. Santos (Coimbo.)	3	55	24
80.º A. Machado (FCP)	3	55	41
81.º R. Silva (Coimbo.)	3	55	58
82.º J. Silva (Alm.)	3	56	54
83.º M. Caetanita (Alf.)	3	58	02
84.º A. Queiros (Coim.)	3	59	05
85.º R. Azevedo (Sang.)	3	59	14
86.º M. Almeida (Par.)	4	01	09
87.º A. Oliveira (Man.)	4	01	38
88.º M. Nascimento (Ll.)	4	03	20
89.º M. Magalhães (P.)	4	03	57
90.º C. Machado (Mad.)	4	08	24
91.º S. Mendes (Loul.)	4	08	59
92.º J. Sena (Manique)	4	09	50

TOTOBOLA Para ganhar... tem que apostar!

beba **clok** cerveja beba **clok** cerveja beba **clok** cerveja

HOMENS DO PEDAL FALAM

VENCESLAU: AOS 31 OUTRA ETAPA

Para ele (ex-benfiquista), antigo sangalense, homem de rija tempera, que já por diversas vezes foi proibido de correr (e estamos a lembrar-nos dos grandes problemas, quase embróglios, que criou com vários Centros de Medicina Desportiva) Venceslau Fernandes é um homem marcado por uma doença de coração que, afinal, não deve possuir tanto como isso.

Ele anda, aqui, na Volta desejosa, campeão nacional como é, de revalidar êxitos semelhantes ao do Porto-Lisboa, em que venceu com todo o brilhantismo. Confidenciou-nos em Távira:

«Não senhor, não sou profissional de ciclismo. Eu sou um profissional de bicicletas. Tenho uma oficina em Perosinho

(Vila Nova de Gaia) onde trabalho, muitas vezes, para lá da meia-noite, a arranjar máquinas que são para clientes. Como monitor da D.G.D. cobro 5 contos: o que não me dá nem para a bucha. Desta feita, estou aqui na Volta para ver se consigo mais dinheiro. Chame-me amador, considere-me profissional, digam o que quiserem: eu sou, afinal, um homem que vive das bicicletas, não um profissional de ciclismo.»

HÁ QUEM LHE CHAME REVÊS

52 é o número que usa no seu dorsal. Corre por Almodôvar. Chama-se Francisco Ventura Revês. O seu emblema: Grupo Desportivo da Casa do Povo de Almodôvar. Que é isso de Almodôvar na Volta?

«Tenho duas filhas», adian-

acabou. A Associação de Ciclismo de Faro não faz provas. Eu fui convidado por Armindo Barradas, que me foi falar por duas vezes, para entrarmos nesta aventura do Almodôvar.»

«Com algumas esperanças poderá render. Mas apenas tivemos quinze dias de preparação e viemos à Volta porque os camponeses, a malta como nós, coadjuvamos com cem, cinquenta, vinte escudos cada um. Assim, estamos aqui, desejosos de poder dar uma alegria à gente duma terra que eu mal conheço. Minha mulher está desempregada, eu também não trabalho, venho aqui nas férias, férias forçadas, ver se ganho algum dinheiro que me possibilite ser menos pobre amanhã.»

AMÉRICO SILVA: «MAÇON» É MELHOR

«Em França, eu era «maçon». Cobrava 10 e meio por mês. Cá, quando me chamavam profissional de ciclismo, recebia menos e gastava mais, em máquinas e material.»

Fala-nos assim um dos homens que já venceu uma Volta a Portugal: naquela altura, Américo Silva pertencia ao Benfica. Agora, o único amigo que ele encontrou verdadeiramente ao seu lado foi Mendes, o rapaz que já o ajudou, numa etapa muito difícil para Vila-moura, em que Américo Silva conquistou todos os prémios de passagem e arrecadou, para a equipa, cerca de 25 contos de valor e hoje está a seu lado nos intervalos de prestar assistência a Joaquim Andrade.

RECEITA PARA LUÍS DORES

A pista de Távira poucas novidades referenciou, para além de um ou outro daqueles nomes consagrados ter conseguido melhor tempo que o seu opositor directo. Há a notar o facto, para já, de ter sido decorrida com muito menos público do que o habitual.

Estamos daqui a ver que será difícil ao Ginásio de Távira colmatar a brecha chamada 50 contos de bilheteira, que se impõe como retribuição da passagem da Volta pelo seu terreno. Nesse sentido, a Federação de Ciclismo foi drástica: ou sim, ou não (sem «sopas»).

E poderá continuar aqui o ciclismo no Ginásio de Távira mas é extremamente difícil deixar de recordar, neste momento, um dos seus ciclistas mais representativos: Luís Dores. Encontra-se no hospital com

quatro fracturas na mesma perna, uma lesão na coluna vertebral e, provavelmente, perdido irremediavelmente para o ciclismo e, quem sabe, para a vida normal.

Luís Dores, para quem seria hoje (ontem) o excedente da receita registada na pista de Távira, terá de contentar-se com algumas pancadinhas nas costas, no dia em que possa arribar e sair da cama do hospital. Alé lá, Luís Dores é um homem vencido: tal e qual como o Ginásio de Távira que, nos belos tempos de Brito da Mana, nos habituou a apresentar formações que, desde Jorge Corvo a António Graça, revelavam sempre autênticos e indimentáveis campeões.

Desta feita, o anonimato mora de braço dado com o Ginásio de Távira.

Bicicletas EDDY MERCKX
I B A, Limitada
LISBOA — PORTO

FUTEBOL AOS SOLUÇOS

O ACADÉMICO EM ESPANHA

A equipa de futebol do Académico de Coimbra parte hoje para Espanha, para participar nos torneios de futebol de Ferrol e Albacete. O primeiro destes torneios será disputado pelo Académico de Coimbra, Granada, Las Palmas e El Ferrol. No dia 20, defrontam-se Ferrol e Académico, no dia 21 estarão frente a frente Granada e Las Palmas. A disputa para atribuição dos 3.º e 4.º lugares e a final realizam-se no dia 22. Em 25, o Académico defronta o Valência, em Levante.

O torneio de Albacete engloba os seguintes encontros: 27-8, Sabadel-Albacete; 28-8,

Académico-Sabadel; 29-8, Albacete-Académico.

Antes de regressar a Portugal o Académico defrontará, ainda o Cordova em Cartagena.

A chegada a Coimbra está prevista para o próximo dia 2 de Setembro. A «embaixada» do Académico de Coimbra é constituída pelos seguintes elementos: dr. Manuel Acúrsio (director); Juca (treinador); Guilherme Luís (massagista), e 19 jogadores: Helder, Marrafa (ou Cardoso), Martinho, Belo, Rui Rodrigues, Alinho, Freitas, Araújo (se recuperar da lesão que o afecta), Paulo Costa, Gregório, Gervásio, Costa, Vala, Vitor Manuel, Joaquim Rocha, Rogério, Rachão, Manuel António, Águas e J. Carvalho.

BENFICA EM VIGO Corunha paga (0-3) "faves brasileiras"

O Benfica ressarcia ontem de forma fulgurante e altamente convincente os dois desaires «arrecadados» no Rio de Janeiro e no Recife (Santa Cruz), derrotando categoricamente, nos Balaios (Vigo), o Corunha de Hector Real. A vitória encarnada, já «trabalhada» e fortemente expressa ao intervalo, embora alicerçada, em parte, em duas penalidades, não pode arriscar o mínimo de contestação. Mais: após a actualização de ontem os encarnados criaram praticamente a «psicose galega» de que vão ganhar o Troféu da Cidade de Vigo, cuja final se disputa hoje e oporá aos encarnados a equipa local, o Celta.

As equipas formaram (sob a direcção de Ausouca):

CORUNHA — Bwy; Paro, Piris, Cabezal e Ballesta; Rivas, Garcia e Jara (Nunez, aos 55 minutos); Castro, Paulo (Trabar, aos 55 minutos) e Miguel.

BENFICA — Bento; Artur, Eurico, Barros e Bastos Lopes; Toni, Vitor Martins e Shéu; Moínhos, Nenê e Diamantino. Pietra, Chalana e Malta da Silva, substituíram, respectivamente, Bastos Lopes, Shéu e Eurico, aos 61, 70 e 89 minutos.

Golos: aos 8 minutos Diamantino, Nenê aos 20, e Moínhos (39). Os dois últimos golos foram apontados através de «penalty», um dos quais Nenê falhou, mas Moínhos corrigiu.

Carlos Lopes: Quax imparável

Ainda não foi ontem que o recorde de Emille Puttemans («O jardineiro de Vosseme») nos 5 mil metros caiu, ao contrário do que previam (e desejavam) os especialistas. O facto de à última hora muitas das figuras cimeiras do meio-fundo e fundo europeu terem desistido do «meeting» Internacional de Zurique impediu que esse escopo fosse materializado, mas a corrida não perdeu emoção com essas ausências.

Carlos Lopes esteve perfeitamente à altura da prova e das circunstâncias, sem ter conseguido, todavia, pulverizar o recorde português que se mantém na posse de Aniceto Simões (Montreal). E contra um Quax em excelente forma, especialista naquela distância e tático em toda a prova, não resistiu. Quax vingaria assim (e ontem) a vitória de Lopes, em Estocolmo, sobre o seu compatriota Dixon (um dos que não compareceram em Zurique).



Um dos muitos lances arduamente discutidos a meio do terreno no encontro de Estoril

ESTORIL-SPORTING (0-2)

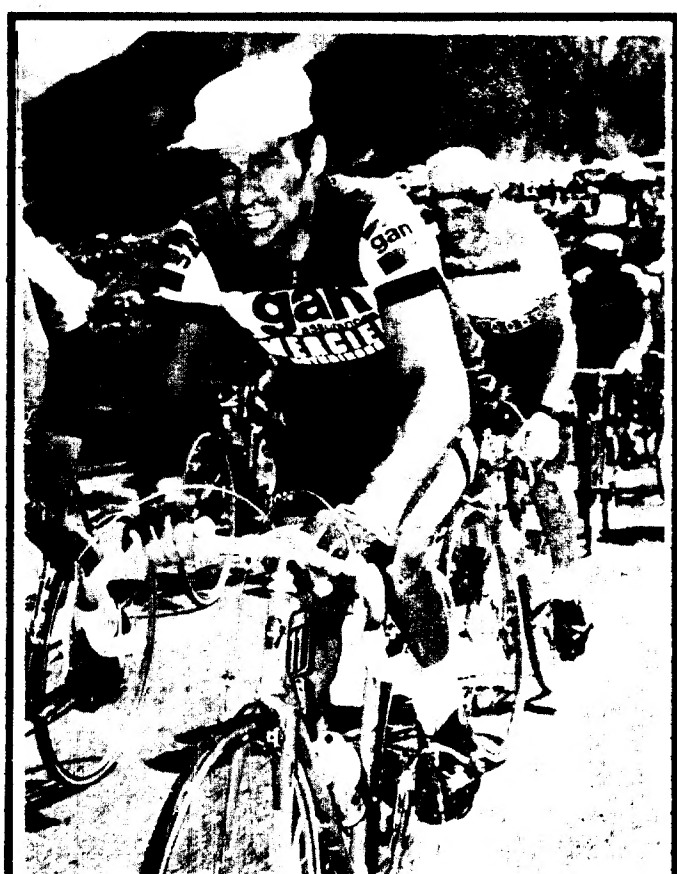
Manuel Fernandes não é de todos...

Dois golos de Manuel Fernandes (um dos quais de notável execução) os leoninos a actuar em futebol de toda a largura, rectilíneo, numa nova dimensão conjuntural (com Fraguito deverá ser melhor) e as ausências daquele centro-campista, de Marinho e Laranjeira, dominaram, pode dizer-se, o jogo-treino que o Sporting ontem efectuou, no Estoril, com os locais, onde Torres foi «inovação» a meio do campo (posição que desenvolveu, quando no Benfica, em Praga, contra o Dukla) e a superioridade «haganiana» se manifestou.

Os intermediários, com outro futebol que não o de Fraguito, mais em endossos miúdos e curtos que de harmonia com o figurino de Hagan, também se comportaram de forma a uma apreciação condescendente. E o ataque (sem Marinho) não desmereceu. Aliás, os dois golos de M. Fernandes terão encobrido insuficiências momentâneas. Do Estoril poderá dizer-se que confirmou a sua vitória de Espinho e uma sentida evolução em relação ao desafio de Braga.

As equipas alinharam: **ESTORIL** — Rui Paulino; Vieira, Fernando, Amílcar e Carlos Pereira (Peixoto); Óscar (Nelson Reis, aos 45) e Eurico (Torres, aos 30), Quim (Fernando Martins, aos 45) Manuel Fernandes, Clésio e Cepeda (Carlos Gaspar, aos 45).

SPORTING — Matos (Conhê, aos 45); Gomes, Amândio, José Mendes e Da Costa (Inácio, aos 55); Camilo (Barão, aos 45) e Zezinho; Valter, Manuel Fernandes (Garcês, aos 70), Libânio e Manoel.



Raymond Poulidor

FEIRAS & exposições

- * **PHOTOKINA**
Colónia—16/16 Set.º
- * **SALÃO AUTOMÓVEL**
Paris — 7/17 Out.º
- * **SALÃO INT. ALIMENTAÇÃO**
Paris — 15/20 Nov.º

EUROPEIA
AV. LIBERDADE 233 TEL 536121
LISBOA 2



Bicicletas **MERCIER**
I B A LIMITADA
Lisboa - Porto



Líderes das metas

Meta final de etapa: Alexandre Ruas (Costa do Sol); «Meta Diário»: Alfredo Gouveia (Costa do Sol); «Meta Turismo»: Alfredo Gouveia (Costa do Sol); «Meta Clók»: Alfredo Gouveia (Costa do Sol).

Aqui, portanto, a superintendência do jovem que uma vez já teve a honra de vestir a camisola nacional, numa equipa de amadores que se deslocou ao estrangeiro (Bulgária), nos belos tempos em que era moda ir lá fora sob a bandeira do amadorismo.



Tarefas para amanhã

Os ciclistas largam a Sertã, amanhã, pela EN n.º 2 (às 9 horas), seguindo, depois da Barragem de Cabril para Castanheira de Pera, com uma meta de prémio, e depois da travessia da Derreada Cimeira, na Estrada Nacional n.º 236. Depois prossegue a marcha pela direita, para a Lousã, seguindo-se Sapateira e o miradouro à esquerda da estrada.

Ao quilómetro 50 da tirada, junto da placa que assinala o distrito de Coimbra e em plena serra, terá lugar a contagem para o Prémio da Montanha.

Antes da Mealhada atravessa-se Lameira de S. Pedro e em seguida vem o cruzamento daquela vila, virando-se à esquerda e depois à direita.

A meta estará localizada junto da estação do caminho-de-ferro, terminando a prova à segunda passagem por aquela.

De tarde e como habitualmente nesta zona, terá lugar na pista do Sangalhos, na Bairrada, o contra-relógio individual (perseguição a duo), com começo às 17 horas, partindo os ciclistas pela ordem inversa da classificação geral.

Geral

Excesso de maçãs preocupa o Governo

Os problemas levantados pelo facto de termos tido, este ano, uma produção excedentária de maçãs, serão objecto de discussão numa reunião que vai ter lugar amanhã na Secretaria de Estado do Comércio Interno. Participarão na reunião, além do secretário de Estado, Escanção Gonçalves, responsáveis por vários departamentos governamentais susceptíveis de contribuir para a solução de um problema que já levou um representante da CAP a afirmar que as maçãs seriam deixadas nas estradas se o Governo não acatasse as propostas feitas.

Embora o Instituto Nacional de Estatística só no princípio de Setembro esteja em condições de fornecer novos elementos relativos à produção de maçãs e se admita que a estimativa prolongada que verifica venha a diminuir a produção prevista, tudo leva a crer que, mesmo assim, a produção seja excessivamente elevada para o consumo normal do mercado e se torne necessário encontrar um escoamento que alivie os produtores.

A produção de maçãs foi incrementada a partir dos anos 60 tendo aumentado de 15 mil para 28 mil hectares as áreas de cultivo desde 1968. Em termos de produção, este aumento traduziu-se na produção de 138 mil toneladas de maçãs, o que provocará, a menos que se encontre uma solução ime-

diata e adequada, um excedente assustador.

Como é evidente, a solução do problema é extremamente complexa por envolver acções a vários níveis, nomeadamente no que se refere ao aproveitamento comercial dos frutos e à sua exportação dificultada por os mercados europeus estarem habituados a maçãs do tipo reineta cuja acidez ultrapassa a dos «peros» normalmente plantados entre nós.

Cerca de 15 mil toneladas de maçãs poderão ser utilizadas na produção de aguardente e de álcool conseguindo-se, dessa forma, uma pequena taxa de valorização. Admite-se, ainda, que a polpa das maçãs possa vir a ser utilizada na produção de refrigerantes, com vantagem para a indústria de concentrados de tomate, paralisada durante grande parte do ano, que poderia ocupar-se da produção de polpa.

Está totalmente excluída a hipótese do Governo atribuir aos frutos um preço de garantia, como foi pedido, recentemente, numa reunião de produtores, até porque não há armazenamento suficiente. O cultivo da maçã está entregue a cerca de 20 mil agricultores, na sua maioria organizados em cooperativas, que já ultrapassaram as suas possibilidades de armazenagem.

Morreu outro dos feridos no desastre da Amadora

Com a morte de João Batista Junqueira, ocorrida ontem, eleva-se a sete o número das vítimas do acidente ferroviário da Amadora, actualmente objecto de um inquérito cujos resultados, embora ainda desconhecidos levam a crer ter sido acidente causado por uma falha humana.

O facto de se terem verificado ultimamente vários desastres levou o ministro Rui Vilar a manifestar o desejo de esclarecer as circunstâncias em que decorre o trânsito em termos de serem tomadas providências para segurança das pessoas que utilizam a rede ferroviária nacional.

Encerrou em Coimbra o 52.º Curso de Férias

COIMBRA, 19 — Com um serão de convívio que reunirá professores e alunos, celebra-se hoje nesta cidade o encerramento do 52.º curso de Férias da Faculdade de Letras. Tal como aconteceu nos últimos anos, o curso teve larga concorrência de alunos que continuam a prestar provas orais durante o dia de hoje, admitindo-se que as mesmas prossigam no sábado.

Ao contrário do que era tradicional, os diplomas não serão entregues no decorrer de uma sessão solene, e sim à medida que os alunos forem terminando os cursos.

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA



Canal da Crítica

Continuação da par. 15

tem — ou então a alienação seria uma batata...

Oxalá que tudo não esteja preso com cuspido, o que é possível se nos lembrarmos que um território como o Luxemburgo, com os seus 2578 quilómetros quadrados, ocupa na ciência deste emigrante a área de 330 mil quilómetros quadrados. A social-democracia tem destas quilométricas...

A CULPA É DE QUEM?

O drama dos nossos emigrantes atinge-nos a todos. Todo o nosso esforço deve tender a chamar à Pátria todos os portugueses que foram compelidos a sair dela.

Uma política de recuperação capitalista não conseguirá nunca esse objectivo. Só a democracia socialista pode resolver o problema.

A propósito, e para finalizar esta crónica olçamos o secretário da Emigração, João Lima quando se referia ao prazo de regresso dos emigrantes a Portugal: *Prazo que não pode ser o prazo de uma geração, mas terá que ter uma perspectiva para uma geração de idade média neste momento...*

As reticências são minhas. As palavras são dele. O espanito é de nós todos. E a culpa de transformar este homem em governante de um país agora de quem será?

PUB

A Princezinha de Ourique, Modas e Confecções, Limitada

NOTARIADO PORTUGUÊS

Eu, abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, número 202 rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 9-7-76, lavrada nas notas deste Cartório no livro D-181 de folhas 77 verso a folhas 79, foi reforçado o capital da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, com a quantia de 150 000\$00 ficando assim elevado para 200 000\$00. A importância do reforço foi subscrita e realizada a dinheiro da maneira seguinte: **Hernâni Rosa das Neves, 75 000\$00. Maria Cândida Leopoldo Soares das Neves, 75 000\$00.** Foi alterado o artigo 3.º do respectivo pacto, nos termos seguintes: 3.º — O capital social é de 200 000\$00, encontra-se integralmente realizado a dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma quota de 108 500\$00 de **Hernâni Rosa das Neves** e uma quota de 91 500\$00 de **Maria Cândida Leopoldo Soares das Neves**.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica. Lisboa, 16 de Julho de 1976. Rasurei: «reforçado» importância «Hernâni».

A ajudante,

MARIA ANTONIETA DOS SANTOS CARRICO ESTEVES

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado o vento era fraco e havia neblina na Faixa Costeira a Norte do Rio Tejo.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO 15°
COIMBRA 17°
PORTALEGRE 25°
FARO 25°
FUNCHAL 24°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

Máxima 37°

FIGUEIRA DE C. RODRIGO

Mínima 12°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR 11.08 3,2 m 4.10 1,9 m
BAIXA-MAR 23.45 3,1 m 16.59 1,9 m

Dia 20

12.21 3,3 m 18.11 1,7 m

Dia 21

0.51 3,3 m 6.31 1,6 m
13.19 3,5 m 19.06 1,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado por vezes muito nublado nas regiões do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e no Algarve; vento fraco por vezes moderado de Noroeste na Orla Costeira entre o Cabo Mondego e o Cabo da Roca durante a tarde; neblina ou nevoeiro na Faixa Costeira Ocidental; condições favoráveis à ocorrência de trovoadas durante a tarde nas regiões do Norte e do Interior.



AMANHA

NAScer AS 6.55
OCASO AS 20.25



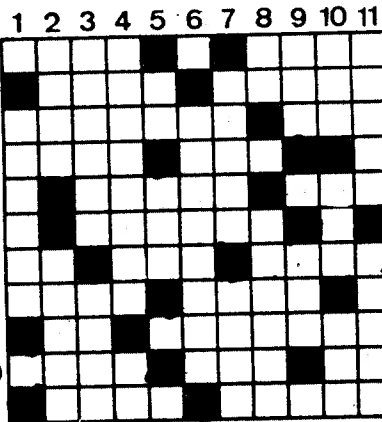
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11448

HORIZONTAIS:

- Aquele que. Tempo do verbo ser. Neste lugar.
- Esteiros. Cruéis.
- Corcovado. Enal.
- Gemer. Ice.
- Essa. Pronome pessoal.
- Sapato em forma de barca, usado pelas mulheres.
- Oferece. Guarneca de asas. Dar upas (falando-se da besta).
- Sufixo que designa abundância (pl.). Apellido.
- Nota musical. Preguiça (Prov. trasm).
- Mamífero pertencente ao género cuguardo. Curso de água natural e abundante (inv). Sufixo que designa estado.
- Assassina. Toucinho fresco.



VERTICAIS:

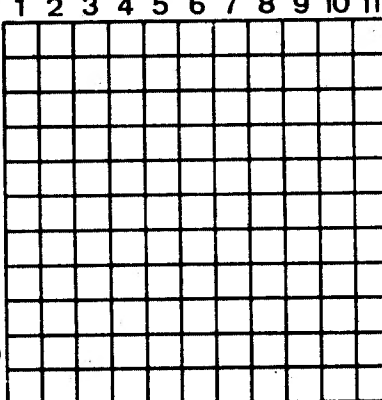
- Cônjuge do sexo masculino. Tempo do verbo ser.
- Cidade do estado do Paraná. Deste modo.
- Porção de cereais, que se debulham por uma vez na eira. Entontece.
- Corcundas. Atomo.
- Pronome reflexivo. Em as.
- Alcaide.
- Pegai. O mesmo que alime.
- Brisa. Madrugada.
- Pronome relativo. Está. Progenitor.
- Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Nome de planeta. Grande quantidade.
- Rio de França. Saira frequentemente à rua.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7608

HORIZONTAIS

- Bicar. Espécie de tafetá listrado da Índia.
- Guarnecer de asas. Levantas.
- Chefe etíope. Pronome possessivo. Arara.
- Apanha. Deslizei.
- Um gosto no meio de muitos dissabores. Tribo de indígenas brasileira.
- Colocarás. Emblemas.
- Escavara. Aliada.
- Medicina. Regra. Lista.
- Grandeção de fila. Atravessa.
- Grande quantidade. Papas de mandioca.



VERTICAIS

- Nome de peixe. Frutaria.
- Cidade de França. Olhinho.
- Vivendas. Soldado de uma milícia persa encarregado de proteger os viajantes.
- Aparência. Olhar atentamente.
- Ruins. Chiste.
- Crença. Pronome pessoal.
- Especie de formiga (Bras). Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
- Vi. Freguesia do concelho de Lousada. Seis em romano.
- Dera aviso de alguma coisa em voz alta. Observar.
- Bilha. Neste momento.
- Guarnecedores de asas. Grande sala.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11447

HORIZONTAIS:

- Vassoura. Sa.
- Auras. Rás.
- Na. ANI. Fena.
- Tia. manar.
- Rapa. Gará. O.
- EXERCITO.
- Agata. Mara.
- Arada. E. Sol.
- Rara. Srs. UM.
- Ama. Ma. Aa.
- Sa. Resolvas.

VERTICAIS:

- VENTRE. Aras.
- Aia. Arama.
- Sa. Apegara.
- Sua. Axada.
- Orna. Eta. Me.
- Uail Grá. Sás.
- Rs. Mac. Er.
- Farim. Sal.
- Rematas. Vá.
- Sana. Orou.
- Asaro. Elmos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7607

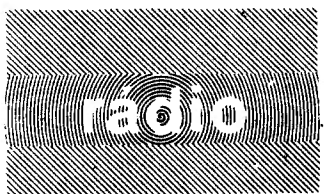
HORIZONTAIS:

- Suga. Ralara.
- Orá. Limarem.
- Ma. Camarada.
- Ana. Sare. Er.
- Roma. Rá. Mãe.
- Ode. Cl.
- Trilo. Aspa.
- Sena. Cref.
- Alar. Trem.
- Mar. Recarga.
- Asamos. Sãos.

VERTICAIS:

- Somara. Sama.
- Urano. Telas.
- Ga. Amornara.
- Adia.
- Lás. Elo. Ro.
- Rimar. Pés.
- Amarai.
- Lare. Cartas.
- Ara. Serra.
- Rédea. Prego.
- Amarela. Más.

Provérbio: O EXÉRCITO É UM VENTRE



1.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Música brasileira; 17.30: Conjuntos; 18.05: O povo e a terra, programa do Emissor Regional do Norte — música portuguesa; 19.00: Bola de cristal, programa do Emissor Regional de Coimbra; 19.35: 38.ª Volta a Portugal em Bicicleta — 5.ª etapa — reportagem da chegada a Sertão — música variada; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Orquestras; 21.00: Pedaladas da «Volta» — contraponto — editorial — tema de actualidade — uma palavra «cultura»; 23.30: Polidesporto — programa desportivo; 00.00: Último jornal; 00.30: Jazz; 01.00: Música na noite

2.º Programa

15.41: Que quer ouvir?; 18.41: Música sinfónica de Enesco; 19.00: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20.00: Orquestras de câmara; 21.00: Música sinfónica; 22.00: Recital de canto e piano, por Fernando Ruvira e Teresa Paiva; 22.32: Concerto; 23.00: Intercâmbio musical; 00.25: Solos de piano; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); 16.15: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo; 16.40: Disco... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; 17.10: Vámos ao médico, pelo dr. José Matilides; 17.30: Cinema em variante, por Carlos Pina; 18.00: Contacto; 20.05: Diálogo; 21.00: Música, só música; 21.30: Quando o telefone toca; 23.05: Mensagens bíblicas; 23.20: A música e as vozes.

3.º Programa Local (187,5 m)

18.00: Entardecer — de vez em quando; 19.30: Romance de uma cidade (repetição) — cartas a ninguém; 21.00: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música; 19.00: Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: Auditório; 24.00: Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; 18.05: Trechos seleccionados; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.05: Trifónio; 23.30: Estante giratória; 00.00: Meditação; 02.00: Encerramento da estação.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1

TODA A NOITE

ALVALADE

Aviz, Avenida da Roma, 56-B/C (Telf. 715370).

AREIRO

S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (Telf. 534027).

AVENIDA DA LIBERDADE

Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28/30 (Telf. 40536).

BAIRRO DA ENCARNACÃO

Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telf. 311216).

BENFICA

Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (Telf. 780548).

BOA HORA

Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Telf. 631958).

CAMPO DE OURIQUE

Lobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telf. 68807).

CAMPO PEQUENO

Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10, lojas 18 e 19 (Telf. 771661).

GRACA

Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Telf. 864351).

LUMIAR

Central, Rua do Lumiar, 77 (Telf. 790480).

PENA

Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Telf. 42829).

SANTA CATARINA

Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Póço Novo) (Telf. 603896).

XABREGAS

Grijo, Rua do Grijo, 25 (Telf. 385264).

TURNO C-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE

Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (Telf. 712682).

ANJOS

Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-B (Telf. 821653).

AREIRO

Algarve, Avenida da Roma, 78 (Telf. 801478).

Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Telf. 727721).

AVENIDAS NOVAS

Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (Telf. 41845).

BAIXA

Barral, Rua Augusta, 225 (Telf. 361534-5).

BELEM

Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Telf. 631699).

BENFICA

Benfica, Estrada de Benfica, 578-E (Telf. 702532).

CAMPOLIDE

Central, Rua General Taborada, 17 (Telf. 680304).

MADRAGOA

Nunes Simões, Rua Que-

lhas, 1 (Telf. 661275).

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Telfs. 720703-728395).

OLIVAIS SUL

Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Telf. 311091).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Bairro Azul, Avenida Ressa-nho Garcia, 7-A (Telf. 571451).

SETE RIOS

Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (Telf. 761035).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Almeida Nifo, Av. C.G. Guerra, 64 (T. 2112070).

PAÇO DE ARCOS

Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas

OEIRAS

Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Toda a noite

NOVA OEIRAS

Leal, Até às 22 horas

CARCAVELOS

Central, Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA

Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas

PAREDE

Aisir, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (T. 2472948). Toda a noite

AMOREIRA

Amoreira, Até às 22 horas

ESTORIL

Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Toda a noite

CASCAIS

Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T. 282407). Até às 22 horas; Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T. 934589); Cam-pes, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)

DAMAIA

Confiança, E. Nacional lote D (T. 9710231)

VENDA NOVA

Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043)

CACÉM

Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D

MEM MARTINS

Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (T. 980456)

SINTRA

Marrazes, Estefânia (T. 2930155)

COLARES

Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. Antóniodos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA

Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO

Higiene, R.D. Manuel I, 178 (T. 2073017)

COVA DA PIEDADE

Rainha Santa, E. das Barrocas, 50-A (T. 2494182)

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)

MONTUO

Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)

SETÚBAL

Soromenho, P. Machado Santos (T. 226911); Alice, P. do Quebedo (T. 23743)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 5

ATÉ ÀS 22 HORAS

Magalhães, R. de Serralves, 566 Correia, P. Mousinho de Albuquerque, 78 Corujeira, R. de S. Ro. ue da Lameira, 1473 Lapa, R. An. ero de Quental, 211 Luso-France-sa, R. Sa da Bandeira, 140 Central, R. 31 de Janeiro, 203 Gomes Carneiro, R. de Cedofeita, 348

TODA A NOITE

Foz, R. Senhora da Luz, 380, Foz, Couto, I. de S. Do. ingos, 106 Alirio de Barros, R. Costa Cabral, 240 Nova de Monsanto, R. de Monsanto, 148

COIMBRA

Rodrigues da Silva, Rua Ferreira Borges, 32 (Telf. 24348); S. José, Arcos do Jardim (Telf. 24697).

cinemas

cinemas

cinemas

CASTIL

Tel. 630194 15, 17, 19 e 21.15

Colorido Int. a menores de 18 anos

3.ª semana

Quando o amor livre tem encanto... não é imoral!

AMORES SEM FREIO

Real. Gerard Kikoine Alex Nubarr Alain Van Dame

IMPÉRIO

T. 55134/5 14, 30, 18.00 e 21.15

M. 10 anos

LAWRENCE DA ARÁBIA

Peter O' Toole-Alec Guinness e Omar Sherif

7 oscars-37 prêmios internacionais

3.ª semana

POLITEAMA

T. 323805 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Um êxito ultra-sensacional

Int. men. 18 anos

EXTASE SEXUAL DE MACUMBA

ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA

Tel. 727778 15, 30, 18, 30 e 21, 15

Interdito a menores 18 anos

EMMANUELE A ANTIVIRGEM

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

14.ª Semana

MUNDIAL

Tel. 538743 15, 15, 18, 30 e 21, 15

Não acons. a menores de 18 anos

MULHERES EM FÚRIA

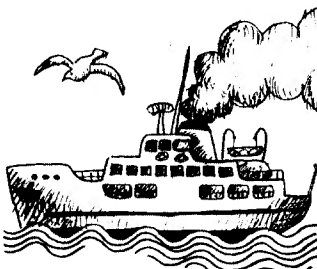
c/ Marine Brochard-Marilu Tolo

D. JOÃO V

Tel. 971794 As 21.15

Não acons. menores 13 anos

CARTAS NA MESA



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150\$00
crianças 70\$00
Suplemento para almoço 50\$00

Horário: estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes a venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(Telf. 53.98.71-36.2501-68.11.78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro
Portugueses

BARES • BOITES

RESTAURANTES

TIPIQUES

DANCINGS

NINA Dancing com atrações. Rua
Paiva de Andrade, 7-13, (Tel.
364859, 368197). Marta Mónica
Strip-teaseuse.

CASINO DO ESTORIL Jogo autori-
zado. Variedades internacio-
nais. T. 264621/264946.

UNIVERSAL

Tel. 774402

As 16.30, 22.30 (N. ac. m/18)

LÁGRIMAS E SUSPIROS

de Ingmar Bergman

As 14.30, 20.30 (Int. m/18)

A VERGONHA

de Ingmar Bergman

Sábado às 00.30

LÁGRIMAS E SUSPIROS

CONDES

Tel. 322523 15, 18 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

Nunca os sete mares foram de-

vassados por tal aventura!

O PIRATA NEGRO

com Bud Spencer e Terence Hill

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Para todos

A partir de hoje às 14 h.

Lerry Lewis/ Joan Blackman

em

JERRY

PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO

um filme de Norman Taurag

LONDRES

T. 801313 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

O filme de Ingmar Bergman

O AMANTE

(The Toud)

c/ Bibi Andersson e Elliott Goul

ROXY

Tel. 48550 14, 15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a men. 13 anos

OS SUSPEITOS

O melhor policial da temporada

c/Mimsy Farmer-Renand Verley

e Bruno Cremer

TIVOLI

T. 570595 15, 15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos



REMANESCENTE GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654312/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SOBRADO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DDDA TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

SOARES À FRANCE-INTER

"Não nos desviaremos um milímetro sequer"

«Não nos desviaremos, um milímetro sequer, da política que sempre preconizámos. É uma política de grandes reformas, é uma política de esquerda, e a única, para nós, possível neste momento. O que se demonstra com este Governo é a derrota política do Partido Comunista Português» — palavras do Primeiro-Ministro, Mário Soares, à France-Inter, numa entrevista ontem concedida a esta estação emissora. No decurso da sua entrevista, o chefe do Governo português aborda diversos temas de imediato interesse, designadamente o regresso de Spínola, a situação política e económica em Portugal, o problema da direita, o comportamento do P.C.P. no contexto das forças políticas portuguesas.

Falando de Spínola: «Não penso que constitua grande problema político o regresso do sr. Spínola» — disse Soares — «Ele era livre de regressar, porque é cidadão português, mas agora deve submeter-se à lei portuguesa, e foi isso que aconteceu». Na sequência, o Primeiro-Ministro respondeu a uma questão sobre a libertação dos ex-agentes da extinta P.I.D.E. «Não se trata de uma amnistia — disse Soares; a palavra «amnistia» foi utilizada pelo entrevistador — «O que eu digo, e digo-o como homem de esquerda, é que é preciso reconciliar todos os portugueses que estão fatigados de dois anos de disputas entre si, e que mesmo os homens da P.I.D.E. devem ser julgados, pois não podem continuar indefinidamente na prisão, onde já estão há dois anos seguidos. Agora, vão ser sub-

metidos a julgamento. E a justiça que deve actuar e deve-se desdramatizar este problema».

Pronunciando-se acerca do comportamento político do P.C.P., Mário Soares repetiu as críticas que ultimamente lhe têm sido feitas por ele e pelo seu partido. «Em França, felizmente para os franceses, não há um Partido Comunista estalinista que quis tomar o poder pela força como aconteceu em Portugal, sem qualquer respeito pelas regras democráticas» — comentou Soares. Para o Primeiro-Ministro, o P.C.P. «representa, neste momento, 7,5 por cento do eleitorado português». O Primeiro-Ministro admite que o P.C.P. «talvez vá jogar com a sua influência nos sindicatos». Mas — acrescentou — «a classe operária não se deixa levar e sabe muito bem que o Governo é a certeza de que as conquistas da Revolução portuguesa se vão manter a consolidar. Isto é: a política das nacionalizações, as experiências de autogestão, o «controle» operário, a Reforma Agrária, bem como as formas de democracia representativa e de democracia de base».

SOARES RECEBEU O NÚNCIO APOSTÓLICO

Mário Soares recebeu ontem na sua residência em S. Bento o Nuncio Apostólico em Lisboa, mons. Angelo Felici. Não foram revelados os motivos do encontro. Presume-se todavia que tenha sido uma simples visita de cortesia. No dia anterior, o Nuncio tinha estado no M.N.E.

Comandante-geral da P.S.P.

Continuação da pág. 1

gentemente defendidas.

Que o prestígio das Forças de Segurança tem de ser preservado e aumentado e que não podem permitir-se atitudes que procurem a sua desagregação.

Que as Forças de Segurança estão ao serviço de toda a nação e não apenas de uma parte dela.

Que o agente deve saber merecer o respeito geral pelo exercício legítimo da sua autoridade e pela cada vez mais estreita ligação e apoio prestado aos seus concidadãos; que então lhe cabe de pleno direito exigir esse respeito.

«Já conhece V. Ex.» os ho-

"República" em plenário

Efectua-se amanhã, a partir das 18 horas, um plenário dos trabalhadores do jornal «República».

A ordem de trabalhos do referido plenário inclui, entre outros, o seguinte ponto: que resposta dar ao desprezo demonstrado pelas entidades responsáveis

mens que agora de novo vai comandar, e eles também o conhecem e respeitam.

«Tem V. Ex.» toda a minha confiança e todo o meu apoio nas tarefas que vá empreender ou continuar no sentido de dar a esta corporação a feição cívica que deve ter e a eficiência profissional que o País dela espera.»

Respondendo, o general Neves Cardoso, começaria por aludir à «tarefa ingrata» que o espera, retomando, em seguida, os princípios já antes defendidos pelo ministro da Administração Interna quanto à necessidade da polícia «agir exclusivamente em subordinação à lei» e ao «esclarecido espírito cívico» que o agente da P.S.P. deve possuir por forma a assumir «a exacta dimensão da sua missão», que não deverá ser desvirtuada «por grupos ou tendências».

O novo comandante-geral da P.S.P. lançaria ainda um apelo à população e «particularmente aos órgãos de comunicação social» no sentido de encarem com confiança a acção da Polícia, evitando interpretações exageradas, embora sem excluir a crítica necessária.

DIÁRIO POLACO AFIRMA

Presença de Spínola

será utilizada contra a esquerda

Comentando o significado do regresso de Spínola a Portugal, o diário polaco «Zycie Warszawy» considera que «a sua presença é um indício claro da evolução política no País».

«Toda a sua actividade no exílio — sublinha o jornal — visou impedir a viragem de Portugal para a esquerda», e sublinha: «a direita não deixará, certamente, de tirar vantagens de Spínola para alcançar os seus objectivos. Um deles será atingir o Poder no futuro. A influência da direita vai aumentando, lenta mas segura-

mente. Vai reafirmando a sua oferta de coligação ao Governo minoritário de Mário Soares. Quanto tempo será este capaz de rejeitar esta oferta, se se recusa a cooperar com os comunistas?»

Mais adiante aquele diário de Varsóvia escreve: «Spínola não desejará certamente manifestar a sua gratidão por ter sido autorizado a regressar nem tornar a vida mais fácil aos socialistas. Isto é corroborado pelo facto de ele ter escolhido para o regresso a altura em que estava a decorrer o debate parlamentar do Progra-

ma do Governo». E conclui: «a presença de Spínola será sem dúvida utilizada pelos reacconários numa campanha contra a esquerda».

Entretanto os protestos pelo regresso do líder do M. D. L. P. continuam a afluir à nossa Redacção. Destacamos a moção aprovada em plenário do povo da aldeia da Boavista (Beja), que se associa «à onda de revolta e indignação que o Povo Português sente neste momento, quando o criminoso Spínola volta a pisar terras de Portugal».

Desmantelamento da rede bombista

Continuação da pág. 1

rio Douro, junto à Quinta da Agra (foz do Sousa) um saco com documentos suspeitos e que tudo leva a crer estarão relacionados com as actividades terroristas.

A descoberta foi feita na segunda-feira, cerca das 15 horas, por habitantes de Arnelas, Olival, Vila Nova de Gaia, que pescavam no rio. «Andávamos à fuma (pescando nos buracos das fragas) quando demos com uma mala de um metro de comprimento, mas nunca contávamos que fosse alguma coisa importante» — começou por dizer-nos o sr. Ildefonso Martins Ferreira, um dos autores do achado. Quando chegaram à aldeia é que se aperceberam da importância da coisa, estabelecendo a ligação com a actualização antiterrorista da P.J.

A mala continha três instrumentos de selo branco inúmeros cheques do Banco Nacional Ultramarino e da Caixa Geral de Depósitos, uns em branco outros já passados um livro de actas e uma lista com matrículas de carros do «inimigo» entre as quais se contam as dos automóveis do general Costa Gomes e Vasco Gonçalves quando Presidente da República e Primeiro-Ministro respectivamente entre outra documentação. Contaram-nos também que havia papelada com indicações sobre várias sedes, de norte a sul do País, de diversos partidos de esquerda: UDP, PCP, LCI, FEC-ML e PS. Referiram-nos ainda a existência de documentos do Sindicato dos Químicos de Aveiro. Entretanto fomos informados através da União dos Sindicatos de Aveiro que não existia qualquer Sindicato de Químicos naquela cidade.

Uma vez que a mala se abriu quando foi puxada para o barco outros documentos terão ficado no rio, conforme nos disseram.

Depois da vista de olhos dada na aldeia, a mala foi entregue com todo o material achado no posto da GNR dos Carvalhos que por sua vez a despachou para a P.J. do Porto.

Em contacto estabelecido esta manhã com a P.J. fomos informados de que nada nos poderia ser adiantado sobre o assunto para não prejudicar as investigações.

Dadas as declarações prestadas ao «DL», no local por três dos oito pescadores da

ocasião, tudo indica que a documentação descoberta pode trazer novas pistas sobre a malha terrorista ou pelo menos elementos que clarifiquem as investigações em curso esclarecendo assim a grandeza da ofensiva terrorista que, a vários níveis causou enormes prejuízos à Revolução de Abril.

EMPREITEIRO PRESO

Falámos há dias num empreiteiro de Ponte de Lima que tal como major Mota Freitas era tido como fornecedor de explosivos aos bombistas, pois informações colhidas naquela vila minhota dão-nos conta de que foi tal empreiteiro a pessoa detida segunda-feira ao fim da manhã. Trata-se, de João Martins Fernandes, mais conhecido por João Veríssimo de cuja captura algumas pessoas de Ponte de Lima se aperceberam. Depois de transportado para a Polícia Judiciária do Porto o detido foi enviado para Caxias onde se encontra à ordem da PJM.

Em certos meios próximos da PJM fala-se também na implicação de alguns militares do 11 de Março nas actividades terroristas. Tais indivíduos ligados ao MDLP actuariam quer no interior quer no exterior do País. Existem mesmo suspeitas de reuniões havidas em Vigo nas quais participaram para além de alguns dos detidos no Forte de Caxias, personalidades militares que abandonaram o País após o golpe de 11 de Março.

Aliás recorde-se que, já em Abril, o próprio Manuel Teixeira da Póvoa, de Varzim, agora detido em Caxias, confessava ao repórter de «O Jornal», que o entrevistara a propósito das declarações a Walraff que o «capitão Duarte» referido pelo jornalista alemão e outros participantes em reuniões clandestinas eram «membros do MDLP que entram em Portugal clandestinamente».

Sabe-se por outro lado que alguns dos componentes daquele movimento contra-revolucionário são militares que seguiram Spínola no 11 de Março.

ATÉ DE CHAIMITE

Há fortes suspeitas de que alguns terroristas detidos em Caxias estarão implicados também no tráfico de armas. Tudo

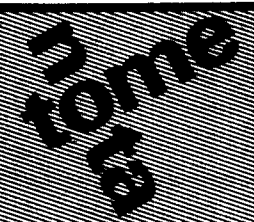
indica que a fase das «bombinhas» já teria passado apesar de haver vários automóveis em lista e que se passaria a um período de atentados mais graves com vista a aumentar o pânico e o descrédito pela via democrática, na população. Por outro lado, para além dos explosivos fornecidos quer pelo major Mota Freitas, quer pelo empreiteiro de Ponte de Lima consta que teriam sido trazidas de Espanha várias bombas. Será de levantar aqui a questão do controlo do explosivos: como é feito e quem o faz? Que vigilância é exercida sobre os explosivos utilizados nas pedreiras?

A medida que as investigações prosseguem cada vez surge mais clara a ideia de que o terrorismo bombista não seria mais do que um dos braços de uma vasta rede criada com o objectivo de liquidar o processo revolucionário português. Embora nos meios políticos se continue a crer que apesar das pressões da direita as investigações prosseguirão até às últimas consequências, há quem estranhe que as fronteiras nomeadamente as do Norte, não tenham sido ainda alvo de uma fiscalização mais atinada.

Isto porque segundo as mesmas fontes, continua a poder circular-se de Portugal para Espanha e vice-versa com a maior das facilidades. Para nos dar uma ideia desta situação, pessoa conhecida do funcionamento fronteiriço referiu-nos mesmo que «até de chaimite se pode passar de um lado para o outro». Apesar de um certo exagero a imagem dá-nos a ideia do verdadeiro cancro que continuam a ser as fronteiras para a segurança democrática do País. Aliás a fuga de divisas será apenas uma pequena amostra do fraco controlo fronteiriço. Por outro lado, nestas condições, não será também de estranhar que, conforme nos foi referido, o assassinato do sindicalista vidreiro, libertado há dias no Porto mediante caução, já se tenha aumentado do País.

Sobre este assunto já nos formularam a seguinte questão: porque razão não são destacados alguns militares adstritos à PJM para a vigilância nas fronteiras?

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 40 601 EXS.



TOMATES EM LUTA

...A grande maioria dos trabalhadores (cerca de 80 por cento) da empresa de concentrados de tomate de Alvalade, discordando de uma determinação do Ministério do Trabalho, decidiram opor-se, fazendo greve, à readmissão de um trabalhador, que eles próprios haviam suspenso há vários meses, por razões que consideram fundamentadas em faltas graves daquele elemento (posteriormente readmitido sob certas condições).

Num exemplo significativo do pluralismo e da independência da viril «Luta», ali se escreveu este «magnífico» naco de prosa:

«Os trabalhadores resolveram (terão sido mesmo eles a resolver?) paralisar a sua actividade como forma de protesto contra a readmissão de um colega suspenso há vários meses. Ao que parece, esta situação advém de uma manobra de feição partidária, comandada pelos manipuladores que, naquela empresa e neste momento têm nas mãos os tomates de Alvalade. Mostrando singular tendência para os apalpar, esses indivíduos procuram ver até onde vai a firmeza dos órgãos governativos. Por isso resolveram levar por diante mais esta prova de força pondo em causa uma determinação do Ministério do Trabalho. E não saímos disto. A manter-se a situação, ainda acaba por apodrecer tudo e ficamos todos sem tomates. Ou já os não há em Portugal?»

Só é de esperar que o Governo socialista não fique perturbado com este «viril» desafio...

Não-Alinhados

Continuação da pág. 1

Moçambique, pede ao Movimento Não-Alinhado que apoie esta exortação.

Entretanto, a terceira jornada da Cimeira dos Países Não-Alinhados (que em princípio será a última) abriu hoje com uma veemente condenação de «todos os azimutes» do imperialismo, desde o Sara Ocidental até à Coreia do Sul, apresentada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros do Benin, comandante Michel Aladaye. Merecem especial referência as intervenções de Cuba e da Jugoslávia: o universalismo de que se revestem as opções proletárias e o não-alinhamento tendo como objectivo uma nova harmonia no Mundo. Agostinho Neto, da R. P. A. foi, por assim dizer, a «novidade»: ele é o presidente de uma nação que ainda não conta um ano de independência.

Entretanto, Kurt Waldheim, secretário-geral das Nações Unidas, partiu já da capital de Sri Lanka. Mas quem fica diz coisas: e, assim, Faruk Kaddumi, chefe do Departamento Político da Organização de Libertação da Palestina, pediu a expulsão de Israel da ONU.